Augustus Nicodemus



O ateísmo cristão

e outras ameaças à Igreja


Pastor Digital
Edificando Vidas

Augustus Nicodemus

O ateísmo
e outras ameaças à Igreja
cristão

Digitalizado Por - Alex machado

Editado Por - Pastor Digital

MC
mundocristão
São Paulo

Copyright © 2011 por Augustus Nicodemus Lopes
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Versão Revista Atualizada* (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicodemus, Augustus

O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja / Augustus Nicodemus — São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

1. Ateísmo 2. Controvérsias teológicas 3. Crença e dúvida 4. Evangélicos 5. Missão da Igreja 6. Pastores evangélicos — Comportamento I. Título.

11-05660 CDD — 248.86

Índice para catálogo sistemático:
1. Contaminação espiritual: Igrejas evangélicas: Restauração religiosa 248.86
Categoria: Igreja

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: agosto de 2011
1ª reimpressão: 2011

Pastor Digital

Sumário

Apresentação 7

Primeira parte: Ainda os neopentecostais

1. A loucura do evangelho e as loucuras dos evangélicos 13
2. Carta ao apóstolo Juvenal 16
3. O apóstolo pródigo 23
4. Novos evangélicos? 26
5. Crente fica doente? 31
6. Xô, Satanás! 35

Segunda parte: Ainda os liberais

7. Por que seminaristas costumam perder a fé? 43
8. Carta a uma jovem crente em território liberal 49
9. Relativismo, certeza e agnosticismo em teologia 54
10. Carta a Bultmann 60
11. Carta à bispa Evônia 64
12. A nova perspectiva sobre Paulo 71
13. O ateímo cristão 78

Pastas Digital

Terceira parte: Ainda os libertinos

14. Carta a um jovem evangélico que faz sexo com a namorada 87
15. Reprimir o desejo sexual faz mal 93
16. Vergonha de ser virgem 99

Quarta parte: Ainda os neopuritanos e os fundamentalistas

17. Carta a Jean Martin Ulrico 107
18. Não sou totalmente contra o Natal 111
19. O calvinismo segundo eu entendo 116
20. Um credo para fundamentalistas brasileiros 122

Quinta parte: Ainda o teísmo aberto

21. Carta a Bonfim 129
22. Paganismo *versus* cristianismo 137
23. Eu também mudei 145

Sexta parte: Agora, os "desigrejados" e os espiritualistas

24. Os "desigrejados" 153
25. Por que não abraço a espiritualidade? 162
26. Jesus não era cristão 170

Sétima parte: Nem o culto escapou

27. Carta ao reverendo Van Diesel 175
28. Davi dançou, eu também quero dançar! 180
29. A liberdade do Espírito e as danças 186
30. Salmo 150 — Dançando no santuário? 190

Notas 197

Bibliografia 199

Pastor Digital

Apresentação

Roddy MacCrae está sendo entrevistado pelo jornal *Christians Together*. Ele é pastor no presbitério de Glenelg e Kintail da Igreja da Escócia, que acabara de decidir pela formação de uma comissão teológica que viesse a estudar, por dois anos, assuntos relativos à união homoafetiva. Entre a pauta da comissão está debater a posição teológica da igreja "acerca de relacionamentos do mesmo sexo", "direitos civis e casamento", sobre a "liberdade de consciência" para que pastores abençoem casamentos *gays* e a possibilidade de ordenação de homossexuais. As declarações de MacCrae, considerando publicamente a opção de abandonar a denominação, repercutiram em toda a mídia britânica. "Nosso testemunho está enfraquecido", disse MacCrae. "A sociedade sabe que estamos indecisos e não temos nenhuma voz moral."

Quando Augustus Nicodemus reuniu 32 de seus melhores e mais contundentes artigos na coletânea *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico*

Pastor Digital

brasileiro,[1] o retrato ali traçado era melancólico e desalentador. Três anos depois, quando os 29 textos que compõem *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja* foram selecionados, os ventos de doutrina que MacCrae ouve soprar na Europa chegam ao Brasil, chocam-se com diversas outras correntes — místicas, medievais, liberais, neopentecostais, libertinas, marketeiras — e resultam em uma igreja evangélica ainda mais fraca, indecisa e com voz moral ainda mais disfônica.

Assim como em 2008, os artigos reunidos neste *O ateísmo cristão* foram publicados originalmente no *site O tempora! O mores!* (http://tempora-mores.blogspot.com) que Nicodemus mantém ao lado de outros dois teólogos calvinistas, Solano Portela e Mauro Meister. A exceção é justamente o artigo epônimo "O ateísmo cristão" (escrito especialmente para este livro), em que o autor contempla a consequência última da teologia liberal e sua descrença nos fundamentos da fé reformada: o ateísmo prático. Evidentemente, quando o filósofo romano Cícero bradou o seu clássico "Que tempos os nossos! E que costumes!" (que é a tradução de "O tempora! O mores!"), estava muito longe de imaginar que surgiria algo remotamente semelhante ao ateísmo cristão detectado por Augustus Nicodemus. Mas ele está aí, e ainda bem que temos um livro como o que você tem em mãos.

O texto de Augustus Nicodemus equilibra-se elegantemente entre o rigor acadêmico e um fino senso de humor que obriga seu leitor a posicionar-se quase por reflexo. Ao mesmo tempo, também se revela (em artigos como "O calvinismo segundo eu entendo" e "A liberdade do Espírito e as danças", por exemplo) perfeitamente capaz de conciliar convicções teológicas inabaláveis com sua crença no diálogo e no respeito

Pastor Digital

pelo que é divergente. O batista Luiz Sayão costuma dizer que um dos antídotos contra os males da pós-modernidade dentro da Igreja é o retorno ao empoeirado ensinamento de que, sim, há o certo e há o errado na cosmovisão cristã, e estes são tão inconciliáveis quanto o dia e a noite. De todas as virtudes de *O ateísmo cristão*, talvez a principal seja sua vocação de nos acossar até que escolhamos entre o certo e o errado, pulemos de nossas poltronas e tomemos partido nessa verdadeira guerra que a igreja evangélica brasileira vive contra suas próprias entranhas.

Mateus 16:18 garante que, ao final de sua acidentada trajetória, há um final feliz aguardando a Igreja cristã. A questão é saber, hoje, qual o nosso papel nessa história e quanto estamos dispostos a mudar nossos conceitos para a missão de ser "sal da terra" em uma sociedade com os paladares tão alterados. *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja* oferece algumas luzes poderosas, vindas diretamente de dentro da Igreja, como autêntico farol que deveria ser.

Ricardo Alexandre
Agosto de 2011

Pastor Digital

Ainda os neopentecostais

PRIMEIRA PARTE

Pastor Digital
Ciência Cristã

capítulo um

A loucura do evangelho e as loucuras dos evangélicos

O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios que a palavra da cruz é loucura para a mente carnal e natural, para aqueles que estão perecendo (1Co 1:18,21,23; 2:14; 3:19). Ele mesmo foi chamado de louco por Festo quando lhe anunciava a palavra da cruz (At 26:24). Pouco antes, ao passar por Atenas, havia sido motivo de escárnio dos filósofos epicureus e estoicos por lhes anunciar a cruz e a ressurreição (At 17:18-32).

O evangelho sempre parecerá loucura para o homem não regenerado. Todavia, não há do que nos envergonharmos se formos considerados loucos por anunciar a cruz e a ressurreição. Como Pedro escreveu, se formos sofrer, que seja por sermos cristãos, e não como assassinos, ladrões, malfeitores ou como quem se intromete em negócios de outros (1Pe 4:15-16).

Nessa mesma linha, a certa altura da carta que escreveu aos coríntios, o apóstolo Paulo pede que eles evitem parecer loucos: "Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem

Pastor Digital

indoutos ou incrédulos, não dirão, porventura, que estais loucos?" (1Co 14:23). Ou seja, o apóstolo não queria que os cristãos dessem ao mundo motivos para que nos chamassem de loucos, a não ser pela pregação da cruz.

Infelizmente, os evangélicos — ou uma parte deles — não deram ouvidos às palavras de Paulo, de que é válido tentarmos não parecer mais loucos do que já nos consideram. Existe no meio evangélico tanta insensatez, falta de sabedoria, superstição, coisas ridículas que acabamos dando aos inimigos de Cristo um chicote para nos baterem. Somos ridicularizados, desprezados, nos tornamos motivo de escárnio, não porque pregamos Cristo crucificado, mas pelas sandices, tolices e bobagens, todas feitas em nome de Jesus Cristo.

O que vocês acham que o mundo pensa de um pregador que diz ter tido uma visão na qual galinhas falam em línguas e um galo interpreta falando em nome de Deus, trazendo-lhe uma revelação profética?! Podemos dizer que o constrangimento que isso provoca é resultado da pregação da cruz? Ou, ainda, o "pastor pião", que, depois de falar em línguas e profetizar, rodopia como resultado da unção de Deus?! Ou, ainda, a "unção do leão", supostamente recebida da parte de Deus durante um *show gospel*, que faz a pessoa andar de quatro no palco como um animal selvagem?!

Eu sei que vão argumentar que Deus falou através da jumenta de Balaão e que pode falar através de galináceos ungidos. Mas a diferença é que a jumenta falou mesmo. Ninguém teve uma visão em que ela falava. E deve ter falado na língua de Balaão, e não em línguas estranhas. Naquela época, faltavam profetas — Deus só tinha uma jumenta para repreender o mercenário Balaão. Eu não teria problemas se um galinheiro

Pastor Digital

inteiro falasse português na falta de homens e mulheres de Deus nesta nação, mas não me parece que é o caso.

Sei que Deus mandou profetas andarem nus, profetizar e fazer coisas estranhas como esconder cintos de couro para apodrecerem. E ainda mandou outros comerem mel silvestre e gafanhotos e se vestir de peles de animais. Tudo isso fazia sentido naquela época, quando a revelação escrita, a Bíblia, não estava pronta, e os profetas eram os instrumentos de Deus para sua revelação especial e infalível. Não vejo nenhuma semelhança entre o pastor pião e a pastora leoa e o profeta Isaías, que andou nu e descalço por três anos como símbolo do que Deus haveria de fazer ao Egito e à Etiópia (Is 20:2-4).

Eu sei que o mundo sempre vai zombar dos crentes, mas que esta zombaria, como queria Paulo, seja o resultado da pregação da cruz, da proclamação das verdades do evangelho, e não o fruto de nossa insensatez.

Eu não me envergonho da loucura do evangelho, mas das loucuras de alguns que se chamam evangélicos.

Pastor Digital

capítulo dois

Carta ao apóstolo Juvenal

Não se preocupem, o apóstolo Juvenal não existe. Também nunca tive amigo que virou apóstolo. O apóstolo Juvenal é um personagem fictício, embora baseado em personagens da vida real.

Meu caro Juvenal,

Espero que você se lembre de mim, o Augustus Nicodemus, seu colega de turma do seminário presbiteriano. Faz uns vinte anos que não temos contato. Só recentemente consegui seu *e-mail* com um amigo comum.

Desculpe-me por não tratá-lo como "apóstolo". Você sabe, desde os tempos do seminário, minha opinião é que os apóstolos constituíram um grupo único e exclusivo na história da Igreja e que hoje não existem mais. Qual não foi a minha surpresa quando deparei com seu programa de televisão e com você se apresentando como "apóstolo Juvenal"! Eu não sabia que havia deixado o pastorado em nossa denominação,

Pastor Digital

montado uma comunidade e adquirido esse título de "apóstolo", o qual, como já disse, não consigo reconhecer como legítimo.

Você sabe que para nós, cristãos históricos, os apóstolos de Jesus Cristo tiveram um papel crucial e extremamente relevante na fundação da Igreja cristã. É um cargo, um ofício, tão sério e fundamental, que ver pessoas usando esse título nos dias de hoje causa um grande desconforto, uma profunda perplexidade e tristeza inominável. Não consigo imaginar uma banalização maior do que essa. Não que você seja uma pessoa indigna, pífia, pérfida ou mesquinha, não se trata disso. Eu sentiria a mesma coisa se o próprio Calvino resolvesse usar esse título.

Não sei o que se passou por sua cabeça para que você, conhecedor da Bíblia e da história da Igreja, resolvesse virar um "apóstolo" e montar sua própria comunidade. Pelo seu programa de televisão, ficou patente para mim que você adotou os cacoetes, o linguajar e as ideias que são próprias dos outros "apóstolos" que já estão por aí há mais tempo. Valendo-me da nossa amizade dos tempos de seminário, resolvi escrever-lhe e tirar as dúvidas, perguntar diretamente a você, para não ficar imaginando coisas.

1. Quem foi que lhe conferiu esse *status*, Juvenal? Refiro-me ao título de "apóstolo". Nas igrejas históricas ninguém toma para si o cargo, a função e o título de diácono, presbítero, pastor. São títulos concedidos por essas igrejas a pessoas que elas reconhecem como vocacionadas e aptas para a função. Não sei quem lhe conferiu esse título de "apóstolo". Ouvi falar que existe um conselho de apóstolos no Brasil, ligado a outros conselhos similares no exterior, responsável

Pastor Digital

por ordenar e investir os apóstolos no Brasil. Mas, pergunto, quem ordenou, investiu e autorizou os membros desse conselho de apóstolos? Retrocedendo, veremos que em algum momento alguém deste conselho se autonomeou apóstolo, já que esse título e ofício deixaram de existir na Igreja cristã desde o século 1. Os apóstolos de Cristo não deixaram sucessores que, por sua vez, fizessem outros sucessores, numa corrente ininterrupta até os dias de hoje. Só quem reivindica isso é o papa, e nós não aceitamos essa reivindicação. Aliás, esse foi um dos motivos da Reforma Protestante ter acontecido. Por isso, considero a utilização do título "apóstolo" hoje uma *usurpação*, uma apropriação indevida dentro da Igreja de uma função histórica que não mais existe.

2. Fala sério, Juvenal, você acha mesmo que é um apóstolo? Quando você usa esse título, está se igualando aos doze apóstolos e a Paulo, ou simplesmente usa o termo no sentido de "enviado, missionário", que é o sentido original da palavra no grego? Se for nesse último sentido, fico menos consternado. Há outras pessoas na Bíblia que são referidas como apóstolos, além dos Doze e Paulo, como Tiago, irmão do Senhor (Gl 1:19; v. tb. 1Co 9:5, em que Paulo distingue entre apóstolos e os irmãos do Senhor) e Barnabé (At 14:14). O sentido aqui é quase sempre o de enviado de igrejas locais, missionário, para usar o termo mais popular. Todavia, esse uso é secundário e desconhecido pelas igrejas modernas. Quando se fala em "apóstolo", as pessoas imediatamente associam o termo a Pedro, Tiago, João, Paulo etc. Usar o título "apóstolo" hoje é igualar-se a eles ou, no mínimo, causar confusão na mente das pessoas. Você acredita mesmo que é um apóstolo como Paulo, Pedro, João, Mateus, André, Filipe etc.?

Pastor Digital

3. Se você acredita, então minha próxima pergunta é esta: você viu Jesus ressurreto? Ele lhe apareceu e lhe comissionou como apóstolo? Pois foi assim que ele fez com os Doze e com Paulo. Todos eles foram chamados diretamente por Jesus e o viram depois da ressurreição. Se você disser que Jesus lhe apareceu e lhe comissionou, pergunto ainda como fica a declaração de Paulo em 1Coríntios 15:8, "e, afinal, depois de todos, [Cristo] foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo"? Ele está defendendo que Jesus apareceu a várias pessoas, depois da ressurreição, e "afinal [finalmente], depois de todos" apareceu a ele. Literalmente, no grego, Paulo está dizendo que "por último de todos" Cristo apareceu a ele. Ou seja, Paulo entendia que a aparição do Cristo ressurreto a ele era a última de uma sequência. É assim que os cristãos históricos sempre entenderam. Se a condição para ser apóstolo era ter visto Jesus ressurreto, conforme Pedro declarou (At 1:22; v. tb. 1Co 9:1), então, Paulo foi o último apóstolo. Desculpe-me, não creio que Cristo lhe apareceu no corpo da ressurreição. Se você disser que sim, prefiro acreditar em Paulo, de que ele foi o último.

4. Você acha, sinceramente, que usar esse título vai ajudar de alguma forma a Igreja? Em que sentido? Veja só, grandes líderes da Igreja, através de sua história, pessoas que deram contribuições duradouras na área de teologia, missões, social, nunca buscaram esse título. Nem mesmo aqueles grandes homens de Deus que viveram na época imediatamente após a dos apóstolos e que foram discípulos deles, como Papias e Policarpo. Outros, como Agostinho, Calvino, Lutero, Wesley, Spurgeon, e os grandes missionários como Carey, jamais arrogaram a si essa designação. Se alguém teria esse direito, depois dos apóstolos, seriam eles, e não pessoas como você

Pastor Digital

e outros que se apropriaram desse título, cuja contribuição para a Igreja cristã é mínima comparada à contribuição deles.

5. Outra pergunta. Pelo que entendi, você é o fundador e presidente dessa "Igreja Apostólica Global da Misericórdia de Deus". Como você concilia isso com o fato de que os apóstolos de Cristo não se tornaram donos, presidentes, chefes e proprietários das igrejas locais que eles mesmos fundaram? Eles eram apóstolos da Igreja de Cristo, da Igreja universal, e não de igrejas locais. A autoridade deles era reconhecida por todos os cristãos de todos os lugares. Onde eles chegavam, eram recebidos como emissários de Cristo, com autoridade designada por ele. A prova disso é que os escritos deles, como os evangelhos e as cartas, foram recebidos por todas as igrejas como Palavra de Deus e autoritativos em matéria de fé e prática, foram organizados e colecionados naquilo que hoje conhecemos como o cânon do Novo Testamento. Pergunto, então: quem reconhece sua autoridade como apóstolo? Todas as igrejas cristãs do Brasil ou somente sua igreja local? Seus escritos, seus sermões são recebidos como Palavra infalível e autorizada da parte de Deus em todas as igrejas cristãs ou somente em sua igreja local?

6. Juvenal, pelo que me recordo, você sempre foi uma pessoa com dificuldades de relacionamento com as autoridades. Está lembrado daquela suspensão que pegou no seminário por desacato ao diretor e ao capelão? Para não mencionar as brigas constantes incitadas em sala de aula com os professores, não por causa dos conteúdos, mas porque você insistia em questionar, às vezes até zombeteiramente, a autoridade deles em aula. Lembrando-me desse traço da sua personalidade e do seu caráter, até que posso entender o motivo pelo

Pastor Digital

qual você resolveu abandonar o sistema conciliar da nossa denominação e fundar outra, onde você é o chefe supremo. Imagino que você não preste contas a ninguém da sua conduta, do que ensina e de como usa os recursos financeiros que arrecada. Afinal de contas, acima dos apóstolos só Jesus Cristo, e, pelo que sei, ele não emite *nada-consta* nessas áreas.

7. Uma última pergunta e depois vou deixá-lo em paz. Você faz os mesmos milagres que os apóstolos fizeram? Não me refiro a curas em massa de pessoas que não têm CPF nem endereço e que foram curadas de males internos como enxaqueca, espinhela caída, pressão alta etc. Refiro-me a curas efetuadas pelos apóstolos de Cristo, de aleijados, surdos, cegos, paralíticos, cujas deformidades, endereço e identidade eram conhecidos das comunidades. Refiro-me às ressurreições de mortos, como a ressurreição de Dorcas feita por Pedro. Você faz esse tipo de sinais? Os apóstolos jamais fracassaram ao dizer "em nome de Jesus, levanta-te e anda". O índice de sucesso deles era de 100%. E as curas eram instantâneas e completas. Quem era cego voltava a ver completamente, e não em parte. Aleijados voltavam a andar e a pular. Você faz isso, Juvenal? Você se incomodaria em me deixar participar de uma daquelas reuniões de cura que você anuncia em seu programa, para que eu entrevistasse as pessoas que dizem ter sido curadas?

Não me leve a mal, mas é que tem muita charlatanice nesse meio, muita gente que é paga para dar testemunho falso de cura, muitos que pensam que foram curados quando no máximo foram sugestionados nesse sentido. Curas reais e autênticas serão assim comprovadas por laudo médico, exames etc. Não é que eu não creia em milagres hoje. Eu creio, sim,

Pastor Digital

que Deus cura hoje em resposta às orações. Inclusive, eu mesmo já fui curado em resposta às orações. O que eu não creio é que existam hoje pessoas com o dom apostólico de curar simplesmente pelo comando verbal e de realizar curas imediatas e completas de aleijados, cegos, surdos, paralíticos, doentes mentais, cancerosos, aidéticos etc. Esse dom fazia parte do equipamento apostólico e servia como "credenciais do apostolado", conforme Paulo declarou aos coríntios (2Co 12:12). Se você não é capaz de fazer os sinais que os apóstolos faziam, não creio que tenha o direito de se chamar apóstolo.

Bom, não sei se você vai me responder. Fique à vontade. Eu precisava lhe perguntar essas coisas, para não ficar imaginando no coração que você é um mercenário, uma daquelas pessoas disposta a tudo para ganhar poder, espaço e dinheiro, mesmo que seja às custas da credulidade do povo brasileiro e em nome de Deus.

Um abraço,
Augustus

Pastor Digital

capítulo três

O apóstolo pródigo

Recentemente, estudando para dar aulas de teologia paulina, percebi mais uma característica do apóstolo Paulo que o distancia dos apóstolos modernos. Ao contrário dos tais apóstolos que se lançam para fazer carreira solo e ter seu próprio ministério, Paulo sempre fez questão de mostrar que ele fazia parte do grupo apostólico de sua época, embora tivesse sido chamado para ser apóstolo quando o prazo de matrícula já havia expirado ("nascido fora de tempo", 1Co 15:8).

Se alguns têm uma visão de Paulo como um individualista que seguiu carreira e ministério próprios, isso se deve, em parte, à Igreja Católica, que colocou Pedro acima dos demais apóstolos e, portanto, longe de Paulo. Os liberais também contribuíram para isso, quando fizeram de Pedro o líder do cristianismo judaico da Palestina e Paulo o líder do cristianismo gentílico de Antioquia, em constante tensão e hostilidade mútua.

De todos os apóstolos, Paulo era o mais culto, o mais preparado intelectualmente e com maior experiência intercultural.

Pastor Digital

Nascido em Tarso da Cilícia, em território grego, educado no que havia de melhor e mais refinado na erudição judaica, de família rica o suficiente para lhe dar o *status* de cidadão romano, Paulo se destacava dos pescadores, cobradores de impostos, artesãos e ex-guerrilheiros galileus que compunham o quadro dos doze apóstolos "iletrados" de Jesus Cristo (At 4:13). Com facilidade, ele poderia ter iniciado um movimento independente, ter seu próprio ministério e até mesmo fundar uma religião. Todavia, ele se negou a fazer isso e até mesmo repreendeu os fãs que queriam começar o "partido de Paulo" (1Co 3:4-9).

Na realidade, o retrato que temos de Paulo em suas cartas e no livro de Atos é de um apóstolo que não se via tendo um ministério solo, nem próprio, mas em perfeita harmonia e cooperação com os demais. Para ele, a Igreja está edificada sobre o fundamento "dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2:20). Ele não se vê como um fundamento à parte. Ele honrou os apóstolos antes deles, visitando-os em Jerusalém e procurando comunhão e harmonia com eles (Gl 1:18). Foi provavelmente nessa ocasião que ele aprendeu com os apóstolos acerca de várias tradições originadas em Jesus (1Co 11:2; 15:3-7). Paulo declara que eles eram importantes e colunas da igreja, apesar de terem uma condição humana muito humilde, o que realmente não importava, pois Deus não olha para o exterior (Gl 2:6). Os sinais e prodígios que ele realizava eram "credenciais do apostolado" (2Co 12:12), isto é, sinais operados por todos os que eram apóstolos. Paulo não teve problemas em se submeter às instruções de Tiago quando esteve em Jerusalém (At 21:18-26).

E quando foi obrigado a dizer que trabalhou até mais que eles, Paulo logo acrescenta que foi somente pela graça

Pastor Digital Cléfanio Melo

(1Co 15:10). Mesmo após repreender Pedro por sua inconsistência (Gl 2:11-21), não separou-se dele. Na verdade, Pedro mais tarde até mesmo recomenda as cartas de Paulo como parte legítima das Escrituras (2Pe 3:15-16)!

A melhor maneira de descrever como Paulo se via entre os demais apóstolos é aquela do filho pródigo, que disse ao pai, ao regressar: "não sou digno de ser chamado teu filho" (Lc 15:21). Por ter perseguido a Igreja, Paulo fala de seu apostolado como uma honra nunca merecida, um favor especial concedido por Deus: "Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus" (1Co 15:9).

Fico com a impressão de que a inspiração dos "apóstolos" evangélicos contemporâneos não é Paulo ou um dos Doze, mas o atual bispo de Roma.

Pastor Digital

capítulo quatro

Novos evangélicos?

Um número da revista *Época* de agosto de 2010 trouxe reportagem de capa sobre a reação de diversos segmentos da igreja evangélica ao que se convencionou chamar no Brasil de "evangélicos", especialmente após o crescimento das igrejas neopentecostais. A manchete era "Os novos evangélicos", e a capa trazia a ilustração de um grande monumento religioso em construção, talvez em referência à réplica do templo de Salomão que está sendo erguida pela Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo.

A reportagem representa um avanço na maneira em que a mídia em geral trata os evangélicos, como se fossem todos farinha do mesmo saco. E farinha imprestável. Reunindo depoimentos de líderes evangélicos de diversos segmentos (incluiu um sociólogo ateu), o jornalista Ricardo Alexandre mostrou como todos eles concordam em dois pontos: rejeição às doutrinas e práticas das igrejas neopentecostais e desejo por uma mudança profunda nos atuais rumos da igreja evangélica brasileira.

Pastor Digital

Nesse assunto, nada a reparar. De fato, de pentecostais a episcopais, reações contrárias a essas igrejas, consideradas seitas por algumas denominações históricas, têm sido veiculadas abertamente por meio de *blogs* e livros. Já estava na hora da grande mídia ouvi-las e entender que nem todos que fazem reuniões onde o nome de Cristo é citado são necessariamente evangélicos ou mesmo cristãos.

Eu só fiquei um pouco desconfortável com dois ou três pontos da matéria que cito aqui. Estou à vontade para isso, uma vez que meu nome foi mencionado no artigo, ainda que de raspão.

1. Achei que a chamada de capa é um equívoco histórico, pois "novos evangélicos" se aplica mais exatamente a grupos como a IURD, Renascer e Igreja Mundial, e não àqueles que reagem a tais grupos. Eu não me considero um "novo evangélico", e sim um bem antigo, com raízes históricas na Reforma do século 16 e raízes teológicas nas Escrituras Sagradas. Não há nada de "novo" em nosso desejo de ver o antigo evangelho ser pregado corretamente em nossa pátria. Essas seitas é que chegaram ontem. Todavia, entendo o autor. Esses grupos neopentecostais cresceram tanto e influenciaram tanto a mídia e a opinião pública que viraram o padrão. Eles é que seriam "os evangélicos". E quem não é como eles e quer mudanças é visto como o novo, a novidade.

Em certo sentido, foi o que aconteceu na Reforma. Os reformadores foram acusados pelos papistas de trazerem "novidades" à Igreja, ao pregarem que a justificação era pela fé somente. Lutero e Calvino retrucaram que estavam pregando as antigas doutrinas da graça, encontradas nos pais da Igreja e nos ensinos de Cristo e de Paulo. Eu entendo que para uma

Pastor Digital

igreja como a de Roma, com vários séculos de existência, os protestantes pareciam nova seita. Mas, convenhamos, considerar episcopais, presbiterianos, batistas e assembleianos "novos evangélicos" é passar recibo para a pretensão desses grupos sectários de serem igreja evangélica legítima.

2. Também achei que pode ter ficado a impressão para leitores menos avisados de que os reacionários estão unidos entre si e que se aceitam mutuamente sem problemas. Antes fosse. Mas nem sempre o inimigo do meu inimigo é meu aliado. Eu entendo que um dos principais focos da reportagem são as igrejas da prosperidade. Contudo, não posso deixar de ressaltar que aqueles que se levantam contra os abusos dessas seitas não são necessariamente aliados entre si. Na verdade, pode haver entre eles diferenças tão abissais como a que existe entre eles e as seitas da prosperidade.

3. Denunciar o erro dos outros não nos absolve dos nossos. Se, por um lado, as seitas neopentecostais espalham um falso evangelho deformado pela teologia da prosperidade, por outro há os que também propagam um evangelho distorcido pelo liberalismo teológico e por heresias antigas. As seitas da prosperidade acabaram sendo demonizadas como a própria encarnação do antievangelho, a ponto de, conforme a reportagem de *Época*, se fazer necessária uma nova Reforma. Não discordo desse ponto, apenas considero que o enfoque nele acaba desviando a atenção de outras linhas de pensamento dentro dos arraiais cristãos que são tão prejudiciais quanto a teologia da prosperidade e que igualmente clamam por uma reforma.

Por exemplo: e aqueles que destroem a fé em Jesus Cristo e nos padrões morais do cristianismo? A mídia fica

Pastor Digital Cléfonde Melo

indignada com o mercenarismo dos pastores dessas seitas, mas aplaude os evangélicos que defendem o casamento *gay*, o aborto, a teoria da evolução contra o relato da criação, o relativismo moral, o sexo livre e o ecumenismo com todas as religiões. A mídia não consegue enxergar que o liberalismo teológico e a teologia da prosperidade são irmãos gêmeos e hipocritamente aplaude um e condena o outro.

Não me entendam mal. A reportagem está correta. É preciso deixar claro que esses grupos neopentecostais estão deturpando o evangelho de Cristo. Porém, é tendenciosa ao retratar os neopentecostais como a raiz de todos os males no meio evangélico, esquecendo o dano feito pelos liberais, pelos defensores de outro deus e pelos libertinos.

4. Por último, acho que faltou mencionar que os chamados "novos evangélicos" concordam apenas que é preciso uma mudança, mas discordam entre si quanto ao modelo de igreja que deve ocupar o lugar dessas seitas. A Reforma do século 16, em que pesem as diferenças entre os reformadores principais, tinha uma mensagem relativamente uniforme e praticava um modelo de igreja que era basicamente igual. É só comparar as confissões de fé escritas por presbiterianos, batistas, episcopais, congregacionais e independentes, para verificar esse ponto. Já os tais "novos evangélicos"... bem, há entre eles desde os "desigrejados" — que desistiram completamente de qualquer coisa que se pareça com uma igreja —, até aqueles que desejam apenas expurgar o modelo tradicional de igreja dos acréscimos indevidos em sua doutrina, culto e prática, mantendo a pregação, o batismo e a ceia, além do exercício da disciplina para os membros faltosos.

Pastor Digital

E no meio ainda temos os emergentes, as igrejas em células sem liderança oficial, igrejas com liturgia inclusiva e por aí vai.

É aquela velha história... Grupos contrários se unem contra um inimigo comum e, após vencê-lo, começam a brigar entre si. A luta comum contra as igrejas da teologia da prosperidade está longe de representar uma nova Reforma. Quando esta luta terminar — se é que vai terminar um dia —, teremos de continuar a outra, mais antiga, que é contra o liberalismo teológico fundamentalista, o relativismo moral, o pluralismo inclusivista e o libertinismo que assolam os evangélicos no Brasil muito antes de Edir Macedo abrir seu primeiro templo. Para mim, essas coisas são até mais perniciosas, pois, enquanto as seitas neopentecostais criam igrejas e comunidades próprias, os liberais se infiltram nas estruturas e igrejas criadas por conservadores e drenam seu vigor até deixar somente a carcaça.

Pastor Digital

capítulo cinco

Crente fica doente?

Creio em milagres. Creio que Deus cura hoje em resposta às orações de seu povo. Durante meu ministério pastoral, tenho orado por pessoas doentes que ficaram curadas. Contudo, apesar de todas as orações, pedidos e súplicas que os crentes fazem a Deus quando ficam doentes, é um fato inegável que muitos continuam doentes e, eventualmente, chegam a morrer acometidos de doenças e males terminais.

Uma breve consulta feita à capelania hospitalar de grandes hospitais de algumas capitais do nosso país revelará que há números elevados de evangélicos hospitalizados por todos os tipos de doença que acometem as pessoas em geral. A proporção de evangélicos nos hospitais acompanha o crescimento de evangélicos no país. As doenças não fazem distinção religiosa.

Para muitos evangélicos, os crentes só adoecem e não são curados porque lhes falta fé em Deus. Todavia, apesar do ensino popular de que a fé nos cura de todas as enfermidades,

Pastor Digital

os hospitais e clínicas especializadas estão cheias de evangélicos de todas as denominações — tradicionais, pentecostais e neopentecostais —, sofrendo dos mais diversos tipos de males. Será que poderemos dizer que todos eles, sem exceção, estão ali porque pecaram contra Deus, ficaram vulneráveis aos demônios e não têm fé suficiente para conseguir a cura?

É nesse ponto que muitos evangélicos que adoeceram, ou têm parentes e amigos evangélicos que adoeceram, entram numa crise de fé. Muitos, decepcionados com sua falta de melhora, ou com a morte de outros crentes fiéis, passam a não crer mais em nada e abandonam suas igrejas e o próprio evangelho. Outros permanecem, mas marcados pela dúvida e incerteza. Contudo, eu gostaria de mostrar neste capítulo que mesmo homens de fé podem ficar doentes, conforme a Bíblia e a história nos ensinam.

1. *Há diversos exemplos na Bíblia de homens de fé que adoeceram*. Ao lermos a Bíblia como um todo, verificamos que homens de Deus, cheios de fé, ficaram doentes e até morreram dessas enfermidades. Um deles foi o próprio profeta Eliseu. A Bíblia diz que ele padecia de uma enfermidade que finalmente o levaria à morte: "Estando Eliseu padecendo da enfermidade de que havia de morrer" (2Rs 13:14). Outro foi Timóteo. Paulo recomendou-lhe um remédio caseiro por causa de problemas estomacais e enfermidades frequentes: "Não continues a beber somente água; usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades" (1Tm 5:23).

Ao final do seu ministério, Paulo registra a doença de um amigo que ele mesmo não conseguiu curar: "Erasto ficou

Pastor Digital Cléfanio Melo

em Corinto. Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto" (2Tm 4:20).

O próprio Paulo padecia do que chamou de "espinho na carne". Apesar de suas orações e súplicas, Deus não o atendeu, e o apóstolo continuou a padecer desse mal (2Co 12:7-9). Alguns acham que se tratava da mesma enfermidade da qual Paulo padeceu quando esteve entre os gálatas: "a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo não me revelastes desprezo nem desgosto" (Gl 4:14). Alguns acham que era uma doença nos olhos, pois logo em seguida Paulo diz: "dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar" (Gl 4:15). Também podemos mencionar Epafrodito, que ficou gravemente doente quando visitou o apóstolo Paulo: "[Epafrodito] estava angustiado porque ouvistes que adoeceu. Com efeito, adoeceu mortalmente; Deus, porém, se compadeceu dele e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza" (Fp 2:26-27).

Temos ainda o caso de Jó, que mesmo sendo justo, fiel e temente a Deus, foi afligido durante vários meses por uma enfermidade, que a Bíblia descreve como infligida por Satanás, com permissão de Deus: "Então, saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até o alto da cabeça. Jó, sentado em cinza, tomou um caco para com ele raspar-se" (Jó 2:7-8). O grande servo de Deus, Isaque, sofria da vista quando envelheceu, a ponto de não saber distinguir entre Jacó e Esaú: "Tendo-se envelhecido Isaque e já não podendo ver, porque os olhos se lhe enfraqueciam" (Gn 27:1). Esses e outros exemplos poderiam ser citados para mostrar que homens de Deus, fiéis e santos, foram vitimados por doenças e enfermidades.

Pastor Digital

2. *O mesmo ocorre na história da Igreja.* Nem mesmo cristãos de destaque na história da Igreja escaparam das doenças e dos males. João Calvino era um homem acometido com frequência de várias enfermidades. De fato, até aqueles que passaram a vida defendendo a cura pela fé também sofreram com as doenças. Alguns dos mais famosos acabaram morrendo de doenças e enfermidades. Um deles foi Edward Irving, chamado o pai do movimento carismático. Pregador brilhante, Irving acreditava que Deus estava restaurando na terra os dons apostólicos, inclusive o da cura divina. Ainda jovem, contraiu uma doença fatal. Morreu doente, sozinho, frustrado e decepcionado com Deus.

Outro caso conhecido é o de Adoniran Gordon, um dos principais líderes do movimento de cura pela fé do século 19. Gordon morreu de bronquite, apesar da sua fé e da fé de seus amigos. A. B. Simpson, outro líder do movimento da cura pela fé, morreu de paralisia e arteriosclerose. Mais recentemente, morreu John Wimber, fundador do Vineyard Movement (O Movimento da Videira) e do entendimento moderno sobre "sinais e prodígios". Wimber, à semelhança de Gordon e Simpson, acreditava que pela fé em Cristo o crente jamais ficaria doente. Morreu em 1997 de câncer na garganta. No Brasil, líderes do movimento de cura pela fé também têm ficado doentes. Não poucos deles usam óculos, para corrigir defeitos na vista e até têm defeito físico nas mãos, como Edir Macedo.

O meu ponto aqui é que cristãos verdadeiros, pessoas de fé, eventualmente adoeceram e morreram de enfermidades, conforme a Bíblia e a história claramente demonstram. O significado disso é múltiplo, desde o conceito de que as doenças nem sempre representam falta de fé até o fato de que Deus se reserva o direito soberano de curar quem ele quer.

Pastor Digital

capítulo seis

Xô, Satanás!

Todo mundo conhece aquela tirada genial de C. S. Lewis de que o tinhoso gosta de dois tipos de gente: aqueles que não acreditam que ele existe e aqueles que lhe dão demasiada atenção.

Não é que entre os evangélicos tenha muita gente que não acredita que Satanás exista. Mas a verdade é que dentro do campo dos conservadores existem aqueles que lhe negam a existência na prática, embora, por causa do compromisso com a inerrância da Bíblia, tenham de admitir sua realidade.

Essa negação prática se dá de várias maneiras. Nos púlpitos, em reação aos exageros neopentecostais, os pregadores conservadores quase não alertam os crentes acerca da ação satânica e excluem a atividade maligna como parte da causa dos males que existem no mundo. Na ação pastoral, são poucos os pastores conservadores que estão dispostos a considerar a expulsão de demônios como a resposta para determinadas situações, embora biblicamente tenham de admitir que a possessão e a opressão malignas sejam possibilidades

Pastor Digital

sempre presentes. A tendência dos conservadores é sempre identificar a origem dos problemas e das crises que acontecem com as pessoas como decorrentes unicamente das corrupções do coração humano. Entretanto, se por um lado não devemos dar demasiada atenção ao mundo das trevas, por outro, não podemos viver ignorando-o, na prática.

Do outro lado do espectro, estão aqueles que acabam caindo no erro oposto, conforme a máxima de Lewis, e dão ao diabo um prestígio que ele realmente não tem. Pastores, bispos, apóstolos, missionários evangélicos ficam perguntando o tempo todo "qual é sua graça?" aos demônios que supostamente infernizam a vida das pessoas que aparecem em seus cultos — prática erroneamente baseada num incidente da vida de Jesus, quando indagou o nome da legião de demônios que possuía o gadareno antes de expulsá-los inexoravelmente (Mc 5:9). Pior, acabam dando o microfone a essas supostas entidades, como se o depoimento delas fosse algo que pertencesse ao culto a Deus ou que interessasse ao crente. Acho que estão dando crédito demais ao cão. Apesar de Jesus ter dito que ele é mentiroso e o pai da mentira, os neopentecostais continuam interessados no que Lúcifer tem a dizer e acreditam no que ele supostamente diz. Escrevem livros inteiros com base em informações obtidas dos demônios, que tiveram a língua amarrada para dizer a verdade durante uma sessão de exorcismo!

É verdade que Paulo se refere aos demônios como "principados e potestades" (Ef 6:12), e Jesus ainda disse que o diabo é o "príncipe deste mundo" (Jo 14:30). Todavia, estão hoje enchendo a bola do coisa-ruim indevidamente, atribuindo-lhe mais poder do que ele realmente tem. Falam o tempo todo

Pastor Digital

de sua autoridade. Falam dele como se ele fosse onisciente e conhecesse nossos pensamentos e lesse o nosso coração, como Deus faz. Reagem a ele como se fosse todo-poderoso e responsável por tudo de ruim que acontece no mundo, inclusive pelos pecados que as pessoas cometem, a ponto de criarem a ideia de que existem demônios do câncer, da erisipela, da aids, do desemprego, da luxúria etc. Nunca consegui ver isso nas Escrituras. Para mim, prostituição, lascívia, idolatria, feitiçaria e outros são "obras da carne", segundo as palavras de Paulo (Gl 5:19-21), embora os demônios estejam por trás dos ídolos, usando-os para corromper a mente das pessoas (1Co 10:20).

Satanás é um anjo caído, uma criatura deformada moral e espiritualmente. Isso não o torna mais poderoso do que os demais anjos de Deus e muito menos lhe confere algum poder extra. A autoridade que ele tem é limitada pela vontade de Deus, como ficou claro no episódio de Jó.

Também não acho que o tinhoso seja tão inteligente assim. As Escrituras nos revelam que há certa astúcia em Satanás (2Co 10:3); todavia, esta habilidade provém de uma mente corrompida e depravada. Satanás é megalomaníaco e arrogante (1Tm 3:6), além de ser obcecado por receber adoração dos seres humanos (Mt 4:9). A mente de um ser torcido como este não pode funcionar direito. O próprio Jesus disse que o diabo nem sequer compreendia as coisas de Deus, apenas as dos homens (Mt 16:23). Falta-lhe verdadeira inteligência e entendimento, além de sabedoria. Por exemplo, ele nunca conseguiu decidir direito o que fazer com Jesus. Num momento, ele tentou afastá-lo da cruz, tentando-o no deserto com riquezas e poder (Mt 4:1-11) e, mais tarde, por meio

Pastor Digital

de sugestões feitas à mente de Pedro (Mt 16:21-23). Depois, contrariando esse plano de ação, entra em Judas, que trai Jesus, levando-o à cruz (Lc 22:3-5; Jo 13:27). O tiro saiu pela culatra, e com isso o demônio decretou sua própria derrota. Mas não aprendeu a lição. O ódio que o domina e o consome é tal que afeta seu entendimento e discernimento.

Ele não percebeu que quanto mais instiga o mundo contra a Igreja, levando milhares ao martírio, mais a Igreja cresce e se multiplica, pois, como disse Tertuliano, "o sangue dos mártires é a sementeira da Igreja". Sua mente torcida pelo ódio não consegue ver claramente, só pensa em roubar, matar e destruir (Jo 10:10). É como um leão velho, faminto, matreiro, capaz de fazer truques, iludir e enganar, mas incapaz de realmente planejar com discernimento e entendimento sua guerra contra Deus e seu povo. É verdade que ele é astuto o bastante para derrotar e destruir muitos, mas não o suficiente para ganhar esta guerra, vencer Deus e impedir sua Igreja.

Ele nem é muito criativo. Não consegue improvisar e criar coisas novas. No máximo, faz imitações toscas da ação de Deus. Não é sem razão que Lutero o chamou de "o macaco de Deus". Deus mandou seu Filho ao mundo assumindo uma natureza humana? O tinhoso reagiu imitando a encarnação, mas o máximo que conseguiu foi a possessão. Isso explica por que apareceu tanta gente endemoninhada quando Jesus esteve entre nós, conforme o relato dos evangelhos (Mt 4:24). Deus concedeu dons miraculosos a sua Igreja para realizar sinais e prodígios com o propósito de autenticar a mensagem apostólica (Hb 2:4)? Satanás parte para a imitação dessa estratégia, e seus ministros realizam sinais e prodígios da mentira (2Ts 2:9; Mt 24:24), através de demônios operadores de

Pastor Digital

sinais (Ap 16:13-14). Acho que Satanás é bastante previsível e que os evangélicos erram em lhe atribuir mais inteligência do que ele realmente tem.

Acho também que os evangélicos esquecem que ele é um espírito atormentado, amaldiçoado por Deus (Gn 3:14), cuja alma em trevas não conhece um minuto de paz. Se os seres humanos sem Deus, que foram criados a sua imagem, sentem angústia e vazio porque lhes falta comunhão com Deus, muito maior é a dor, o sofrimento, a angústia e o vazio na alma desse anjo, criado para pertencer a Deus. É nesse sentido que as Escrituras nos dizem que ele está amarrado em algemas eternas para o juízo daquele dia (Jd 6). Ele e seus capangas vivem em constante terror diante da expectativa da chegada do Dia do Juízo, quando serão lançados no lago de fogo e enxofre para sempre (Mt 25:41). Foi por isso que aqueles pobres diabos, vencidos diante da majestade onipotente do Filho de Deus, rastejaram aos seus pés implorando "não nos mande sair para o abismo" (Lc 8:31).

Não estou dizendo isso para despertar pena e compaixão pelo cão. Ele é assassino e mentiroso. Não há redenção para ele, pois Deus, em sua soberania, decidiu socorrer os homens, e não os anjos. Cristo não veio para redimir os anjos caídos, mas a descendência de Abraão (Hb 2:16). Estou dizendo essas coisas em reação à ideia popular de que o demo é um ser livre, que mora no inferno e ali reina supremo, atormentando a alma dos homens e tendo imenso prazer nisso. A realidade é outra. Ele ainda não foi ao inferno, embora já viva em tormentos, e, quando for, não será para reinar e atormentar os homens, mas para ser atormentado eternamente com eles (Ap 20:10).

Pastor Digital Elizeu Rabelo

Ainda os liberais

SEGUNDA PARTE

Pastor Digital

capítulo sete

Por que seminaristas costumam perder a fé?

Não quero dizer que acontece com todos, mas acontece com muitos. Conheço vários casos, inclusive próximos a mim, de jovens cristãos fervorosos, dedicados, crentes, compromissados com Deus, que gostavam de orar e ler a Bíblia, que evangelizavam a tempo e fora de tempo, e que, depois de entrar no seminário ou na faculdade de teologia, esfriaram na fé, se tornaram confusos, críticos, incertos e até cínicos. Como Tomé, não conseguem crer (espero que ao final venham a crer, como graciosamente aconteceu com Tomé).

E isso pode acontecer até mesmo em seminários cujos professores são conservadores, que acreditam na Bíblia de capa a capa. Esse quase foi o meu caso. Após minha conversão em 1977, depois de uma vida desregrada e dissoluta, dediquei-me à pregação do evangelho e a plantar igrejas. Larguei meu curso de desenho industrial na Universidade Federal de Pernambuco e fui trabalhar como obreiro no litoral de Olinda, pregando a uma comunidade de pescadores, depois entre plantadores de cana no interior de Pernambuco e, finalmente, entre viciados

Pastor Digital

em drogas no Recife. Todos me aconselhavam cursar o seminário e a me tornar pastor. Eu resistia, pois tinha receio de que quatro anos em um seminário poderiam esfriar meu ânimo, meu zelo, minha paixão pelas almas perdidas. Eu conhecia vários seminaristas e não tinha a menor intenção de me tornar como eles. Finalmente, cedi. Entrei no seminário com 24 anos, provavelmente como um dos mais relutantes candidatos ao ministério que passara por aquelas portas. Tive professores muito abençoados que me ensinaram teologia, Bíblia, história, aconselhamento. Eram todos, sem exceção, homens de Deus, comprometidos com a infalibilidade das Escrituras e com a teologia reformada. Tenho que confessar, porém, que nesse período esfriei bastante. Perdi em parte aquele zelo evangelístico, a prática de dedicar várias horas diárias para ler a Bíblia e orar. O contato com a história da Igreja, a história das doutrinas, as controvérsias, além da carga tremenda de leituras e trabalhos a serem feitos, tudo isso teve impacto na minha vida devocional. Pela graça de Deus, durante esse período permaneci ligado ao trabalho evangelístico, à pregação. Mantive-me em comunhão com outros colegas que também amavam o Senhor, e juntos orávamos, discutíamos, compartilhávamos nossas angústias, alegrias, dificuldades e nossos planos futuros. Saí do seminário arranhado, embora continue crente até hoje.

Infelizmente, esse não é o caso de muitos. Além desses casos que eu mencionei, conheço vários outros de seminaristas, estudantes de teologia, que perderam a fé, o zelo, o fervor, a confiança, e que saíram do seminário totalmente diferentes daqueles jovens entusiasmados, evangelistas, que um dia entraram na sala de aula ansiosos por aprender mais de Deus e da sua Palavra.

Pastor Digital

Existem algumas razões pelas quais essa história tem se tornado cada vez mais comum. Coloco aqui as que considero mais relevantes, sempre lembrando que muitos seminários e escolas de teologia levam muito a sério a questão da ortodoxia bíblica e do cultivo da vida espiritual de seus alunos. Não é a eles que me refiro aqui.

1. Acho que tudo começa quando as denominações mandam para os seminários e faculdades de teologia jovens que não têm absolutamente a menor condição de serem pastores, professores, obreiros e pregadores. Muitos são enviados sem nenhum preparo intelectual, espiritual e emocional. Alguns mal completaram dezessete anos e vão estudar teologia simplesmente porque são líderes destacados dos adolescentes em sua congregação, ministros do grupo de louvor ou filhos de pessoas influentes da igreja. Não é sem razão que Paulo orienta que o líder não pode ser *neófito*, isto é, novo na fé (1Tm 3:6). Eles não têm estrutura intelectual, bíblica e emocional para interagir criticamente com os livros dos liberais e com os professores liberais que vão encontrar aos montes em algumas das instituições para onde serão mandados. Não estarão inoculados preventivamente contra o veneno que professores liberais costumam destilar em sala de aula.

2. Acho também que a culpa é das denominações que mantêm professores liberais (ou conservadores frios espiritualmente) nas cátedras de suas escolas de teologia. O que um professor que não acredita em Deus, nem que a Bíblia é a Palavra de Deus, e além de tudo não ora, tem para ensinar a jovens que estão na sala de aula para aprender mais de Deus e de sua Palavra? Há seminários e escolas de teologia que mantêm no corpo docente professores que nem vão mais a uma igreja

Pastor Digital Elifranio Dias

local, que usam o título de pastor apenas para ocupar uma vaga na cátedra dos seminários. Nunca levaram ninguém a Cristo, nem estão interessados nisso. Não têm vida de oração, de piedade. Que exemplo eles poderão dar aos jovens que sentam nas salas de aula com a mente aberta, ansiosos e desejosos de ter modelos de líderes para começar seu próprio ministério?

3. Alguns desses professores chegam a declarar, em tom teoricamente farsesco no primeiro dia de aula, que seu alvo pessoal é "destruir a fé de todos os seus estudantes" antes mesmo que terminem o primeiro ano de estudos. Começam desconstruindo o conceito de que a Bíblia é a infalível e inspirada Palavra de Deus. Com grandes demonstrações de sapiência e erudição, eles mostram os "erros" da Bíblia e o "engano" da igreja cristã ao, "influenciada" pela filosofia grega, elaborar doutrinas como a Trindade, a divindade de Cristo e a expiação. Mesmo sem usar linguagem direta, embora alguns até utilizem, lançam dúvidas sobre a ressurreição literal de Cristo dentre os mortos. A pá de cal na sepultura da fé desses meninos é a vida desses professores. Além de não terem vida devocional alguma, alguns deles incentivam os seus pobres alunos a beber, fumar, frequentar baladas e outros locais. Eles até lideram o grupo Noé (que se encheu de vinho) e o grupo Isaías ("e a casa se encheu de fumo") nos seminários!!!

4. Bem, acredito que uma fé que pode ser destruída deve ser destruída mesmo, pois não era autêntica nem sólida. Quanto mais cedo ela for exterminada e substituída por uma fé robusta, enraizada na Palavra de Deus, melhor. Acontece que os professores liberais e os professores conservadores mortos só sabem destruir; eles não têm a menor ideia de

Pastor Digital

como ajudar jovens candidatos ao ministério pastoral a cultivarem uma mente educada, uma fé robusta e uma vida de devoção e consagração a Deus: os primeiros, porque lhes falta fé; os segundos, devoção. Ao fim de quatro anos de estudo com professores assim, vários desses jovens saem para serem pastores, mas intimamente — alguns, abertamente — estão cheios de dúvidas quanto à Bíblia, quanto a Deus e quanto às principais doutrinas da fé cristã. Estão confusos teologicamente, incertos doutrinariamente e cínicos devocionalmente. Quando entraram nos estudos teológicos, eram jovens que tinham como grande missão de sua vida pregar o evangelho, glorificar a Deus e ganhar o mundo para Cristo. Agora, após quatro anos debaixo do jugo de professores liberais ou conservadores mortos, seu único alvo é conseguir campo para ganhar o pão de cada dia, sustentando a si e à família. Esse tipo de motivação destrói igrejas em curto espaço de tempo.

5. Não podemos deixar de lembrar que, na verdade, se trata de uma guerra espiritual feroz, em que Satanás tenta de todos os modos corromper a singeleza e sinceridade da fé em Cristo, atacando a mente e o coração dos futuros pastores (2Co 11:3). Usando professores sem fé e professores sem vida espiritual, ele procura minar as convicções, a certeza, o fervor e a dedicação dos jovens que se preparam para o ministério. Aqui é pertinente o lema de Calvino, *orare et labutare*. Pela oração, os seminaristas poderão escapar da tendência dos estudos teológicos de transformar nossa fé em um esquema doutrinário seco. E, pela labuta nos estudos, poderão se livrar das mentiras dos professores liberais, neo-ortodoxos, libertinos e marxistas.

Eu daria as seguintes sugestões a quem pensa em fazer teologia e depois seguir a carreira pastoral:

Pastor Digital

• Verifique suas motivações. O que leva você a desejar o pastorado? Muitos querem ser pastores porque não conseguem ser mais nada na vida. Não conseguem passar no vestibular para outras carreiras, nem conseguem emprego. Enxergam o pastorado como um caminho fácil para alguma (qualquer uma) colocação profissional.

• Procure saber qual a opinião de seus pais, de seus pastores, e de seus amigos mais chegados, que terão coragem de lhe dizer a verdade.

• Seja honesto consigo mesmo e responda: você já levou alguém a Cristo? Você tem liderança? Você tem facilidade de comunicação em público e em particular?

• Você tem uma vida devocional firme, constante, sólida, em que lê a Bíblia e ora, buscando a face de Deus, com zelo e fervor? Cultiva uma vida santa e reta diante de Deus, odeia o pecado e almeja ser mais e mais santo em seu caminhar?

Um colega de seminário me lembrou recentemente que uma das coisas que o impediram de perder a fé e o fervor, durante o tempo de estudos, foi que ele tenazmente se aproximou dos professores conservadores que eram espirituais, dedicados, fervorosos, que valorizavam a vida com Deus e a santidade. A comunhão com esses homens de Deus foi um refrigério para ele e funcionou como uma âncora nos momentos de tentação e crise.

Lamento pelos jovens que perdem a fé ou o amor a Deus durante os anos de estudos teológicos. Lamento mais ainda pelas igrejas onde eles vão pastorear e onde vão plantar as mesmas sementes de incredulidade e frieza que foram semeadas em sua mente aberta e despreparada por professores sem fé e sem zelo.

Pastor Digital

capítulo oito

Carta a uma jovem crente em território liberal

Mais uma carta a um personagem fictício. Como sempre, os fatos que lhe deram origem são bem reais.

Minha cara Júnia,

Foi muito bom conhecer você e seus amigos. Nossa conversa, depois da minha palestra em sua igreja, realmente me deixou muito impressionado, a ponto de me tirar o sono naquela noite! Resolvi escrever sobre o que conversamos, que foi a situação de vocês em sua região, onde predomina o liberalismo teológico e o método histórico-crítico. Fiquei muito impressionado pelo fato de que não só você, mas também vários jovens crentes de diferentes denominações, que vieram com você, estão passando pela mesma crise. Fico feliz que minha palestra "O Dilema do método histórico-crítico" ao menos ensejou nosso encontro e nossa conversa.

Senti que a sua maior angústia é a ausência de instituições conservadoras de ensino teológico em sua região, onde você

Pastor Digital

e alguns de seus amigos pudessem estudar teologia. Pelo que entendi, todas as existentes são de linha liberal, ensinam o método crítico de interpretação e a teologia da libertação. Portanto, não me espantei quando você disse que as igrejas protestantes históricas da região são pequenas e esvaziadas, que outras nem abrem nas manhãs de domingo e que alguns templos estão sendo vendidos por falta de membros!!! Nossa, me senti na Europa pós-cristã!

Parece que a coisa mais urgente é sobreviver teologicamente nesse território dominado por liberais. Então, fiquei pensando no assunto e me ocorreu escrever esta carta com algumas sugestões a você.

1. Procure fazer cursos *on-line* de teologia que sejam conservadores. Não há cursos assim reconhecidos pelo MEC. Mas, para aqueles que estão mais interessados em sobreviver e crescer na fé cristã histórica do que em ter um diploma do MEC, há cursos a distância oferecidos por instituições comprometidas com a Bíblia.

2. Há muitos *sites* na internet com bastante material reformado, que podem servir de fonte quase inesgotável de material para estudo e reflexão. Nessas horas, o Google é um dos melhores amigos.

3. Procure adquirir boa literatura e formar uma biblioteca básica de livros reformados. Eles são de ajuda inestimável para quem precisa sobreviver em território liberal. Esses livros podem ser adquiridos pela internet quase em sua totalidade, pelo *site* de editoras que entregam pelo correio. Livrarias em território liberal raramente têm deles nas prateleiras — use a internet para adquiri-los.

Pastor Digital

4. Encoraje seus amigos crentes que enfrentam as mesmas dificuldades que você está passando a formar grupos de comunhão para estudar bons livros juntos, discutir questões teológicas e orar uns pelos outros. Tudo isso ajuda na sobrevivência.

5. Procure participar de todos os eventos de linha conservadora e bíblica que puder. Há muitos acontecendo no Brasil, como, por exemplo, os chamados encontros de fé reformada. Ainda que o custo de passagem, inscrição e hospedagem seja alto, no final vale a pena para quem pretende sobreviver e crescer na fé.

6. Mesmo que a maioria das igrejas em território liberal tenha pastores liberais, aqui e acolá é possível encontrar um pregador que seja firme, que pregue a Palavra e que defenda as grandes doutrinas da fé cristã. Ainda que ele seja de outra denominação, vá ouvi-lo de vez em quando. Procure conversar com ele e orar juntos.

7. Gaste tempo em oração diante de Deus. Não deixe que em seu coração se forme uma raiz de amargura e ressentimento contra liberais. Ore por eles. Ore por proteção contra o erro teológico. Peça a Deus sabedoria e discernimento em todas as coisas.

Eu percebi em nosso encontro que alguns dos rapazes estão pensando em estudar teologia para seguir o ministério pastoral, mas estão angustiados com a possibilidade de frequentar uma das escolas liberais da região. Bem, diga a eles que sugiro que avaliem seriamente a possibilidade de estudar em um bom seminário de linha conservadora, ainda que para isso eles tenham de se mudar de sua região. Quem sabe, Deus não abrirá as portas?

Pastor Digital

Mas, se não houver mesmo alternativa e tiverem de entrar numa escola com professores liberais, eis algumas dicas:

1. Não se impressionem com o ar de superioridade que eles ostentam em sala de aula, como se o método crítico e as ideias liberais fossem coisa de gente intelectual, esclarecida e iluminada. Na verdade, isso tudo pode ser indício de incredulidade. E se de fato a incredulidade estiver por trás do vanguardismo, o comportamento deles se aproximará de tudo, menos ao de um cristão, e, então, desdenharão dos que creem. Na falta de fé, eles tentam mascarar a própria incredulidade se apresentando como pessoas de mente aberta e esclarecida, que sentem pena dos pobres mortais obtusos e atrasados que teimam em acreditar nos milagres da Bíblia, na ressurreição literal de Jesus e no relato da criação. Não se impressionem com esse tipo de perspectiva, se ela surgir. Se o que os move for dificuldade em crer no relato simples das Escrituras, procurem vê-los como são: pessoas sem fé que tentam racionalizar o fato de que ainda se consideram religiosos e cristãos, mas sem crer em nada do que a Bíblia diz.

2. Uma boa estratégia para perder o temor de professores liberais é perguntar qual igreja frequentam. Vocês ficarão surpresos ao descobrir que vários deles não frequentam nenhuma igreja e não contribuem em nada para as igrejas locais, a não ser fazer sermões aqui e acolá quando convidados. Uns poucos que pastoreiam geralmente têm igrejas minúsculas e que não crescem.

3. Leiam as obras de liberais que esses professores vão solicitar. Leiam de modo crítico e sondando os argumentos. Não aceitem nada como fato sem antes conferir nas Escrituras.

Pastor Digital

Vocês descobrirão, como eu descobri durante meus estudos com professores liberais, que eles têm muitas hipóteses e teorias, mas quase nenhum fato ou evidência. Lembrem-se ainda de que, para cada argumento, existem contra-argumentos de professores conservadores tão competentes quanto eles.

4. Mesmo em escolas dominadas por liberais, sempre há um ou outro professor que ainda acredita na Bíblia. Diga a seus amigos que se aproximem deles e tentem conseguir sua orientação e ajuda nos trabalhos e monografias.

Bem, não há realmente muito mais a ser dito, a não ser que você permaneça firme na fé, lendo a Bíblia e orando diariamente para que Deus a livre do mal e não a deixe cair em tentação. Pois, afinal, o erro doutrinário também é obra da carne, como Paulo ensina em Gálatas 5:19-21.

Um abraço,
Augustus

Pastor Digital

capítulo nove

Relativismo, certeza e agnosticismo em teologia

Tenho sempre deparado com pastores e teólogos que acreditam ser a boa teologia somente aquela que está sendo feita agora. Recentemente, encontrei mais um desses que me chamou de fundamentalista porque acredito que existe teologia certa e teologia errada, e porque incluo na primeira categoria os antigos credos cristãos e as confissões reformadas. Ensinou-me, com aquela pachorra típica de quem é iluminado e depara com um pobre fundamentalista obscurantista tapado, que "a teologia é apenas um construto humano, limitado, provisório, subjetivo, que deve ser feito por cada geração, pois não atende mais às necessidades da próxima".

Era óbvio que eu estava diante, mais uma vez, daquela cena hilária em que o relativista declara com toda a autoridade e convicção que "não existe verdade absoluta; tudo é relativo".

Vamos supor, ainda que por um momento, que esses teólogos — nem sei em que categoria enquadrá-los, pois nem liberais eles são (os liberais de verdade acreditavam em

Pastor Digital

certo e errado) — estejam certos. Consideremos também que cada geração entende Deus, a Bíblia e as grandes verdades do cristianismo de uma maneira totalmente diferente de outra geração e de pessoas de outra cultura, a ponto de não poder adotar as suas reflexões teológicas como verdadeiras e válidas para seu próprio contexto. Se levada às últimas consequências, essa perspectiva sobre a teologia criaria uma série de problemas, inclusive para os que a defendem.

1. Vamos começar pelo fato de que cada nova geração teria de definir o que é o cristianismo. Explico: O cristianismo como religião foi definido e os seus limites estabelecidos durante os primeiros séculos depois de Cristo, quando os primeiros cristãos foram confrontados com explicações diferentes, contraditórias e alternativas da mensagem de Jesus e dos apóstolos, como o montanismo, o marcionismo, o gnosticismo, o docetismo e o ebionismo, para mencionar alguns.

Os grandes credos ecumênicos da cristandade estabelecidos nas gerações posteriores nos deram, de forma sintetizada, a doutrina de Cristo, da Trindade, entre outras, as quais o cristianismo histórico adota até hoje. Caso decidíssemos seguir o que esse pastor me disse, teríamos de jogar tudo isso fora e recomeçar, refazer, redefinir o cristianismo com base em nossa situação.

2. A segunda dificuldade é que essa perspectiva acaba pegando mal para seus próprios defensores. Pergunto: o que de novo eles têm descoberto e oferecido mais recentemente acerca do ser e das obras de Deus, da pessoa de Cristo e de sua morte e ressurreição? Quando não caem nas antigas heresias, repetem simplesmente o que já foi dito por outros em tempos

Pastor Digital

passados. A "nova perspectiva sobre Paulo" não deixa de ser uma antiga perspectiva sobre o judaísmo. A nova "busca do Jesus histórico" não tem conseguido oferecer nenhuma reconstrução do Jesus da história que esteja em harmonia com o quadro dele que temos nos evangelhos. A teologia relacional, que afirma que Deus não conhece o futuro, não consegue ir além do Deus sociniano, defendido por Fausto Socínio no século 16.

3. A terceira dificuldade é que essa perspectiva relativista realmente acaba com a distinção entre teologia certa e teologia errada, além de anistiar todas as heresias já surgidas na história da Igreja. Vamos citar, por exemplo, a área de soteriologia, que trata da questão da salvação do homem. A doutrina de que o homem é justificado pela fé somente, sem as obras ou méritos humanos, foi estabelecida cedo na Igreja cristã e reafirmada na Reforma Protestante. Depois de tantos séculos, nossos teólogos progressistas (ainda não gosto desse rótulo, vou acabar achando outro) têm algo de novo para nos dizer sobre esse ponto? Os que tentaram, caíram nas antigas heresias soteriológicas já discutidas e refutadas *ad nauseam* pelos pais da Igreja e pelos reformadores.

Não me entendam mal. Eu também acredito que a teologia é um construto humano e, como tal, imperfeito, incompleto e certamente relativo. Estou longe de adotar para com a teologia reformada uma postura similar àquela que considera a tradição aristotélica-tomista como a filosofia e/ou teologia "perene".

Eu também considero que a teologia é fruto da reflexão humana e, portanto, sempre sujeita às vulnerabilidades de nossa natureza humana decaída. Mas não a ponto de ser incapaz de

Pastor Digital

refletir, com uma medida de veracidade e fidelidade, a revelação de Deus nas Escrituras. O problema com essa postura relativista é que ela desistiu completamente da verdade, é agnóstica. Eu creio que a prática teológica, quando é fiel à revelação bíblica e obedece a 2Coríntios 10:5 ("levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo"), produz sínteses confiáveis que podem servir de referencial para igrejas de todas as gerações. Conforme, aliás, as confissões reformadas elaboradas nos séculos 16 e 17 vêm fazendo há muitos anos.

Mas os teólogos relativistas acreditam em quê? Já que para eles não existe verdade absoluta, por coerência devem acreditar em tudo e, portanto, em nada. Eles tentam manter tudo fluido, em permanente devir, sempre abertos para todas as possibilidades. Mas, nesse caso, não teriam que, forçados pela própria lógica, aceitar também a teologia conservadora como legítima? Mas é aqui que a lógica relativista se quebra, pois, para eles, todas as opiniões estão corretas, menos as dos conservadores.

Um amigo teólogo me disse outro dia numa conversa que "a verdade é absoluta, mas minha percepção dela é sempre relativa". Até hoje estou intrigado com essa declaração. Eu o conheço o suficiente para saber que ele não é relativista. Sou obrigado a reconhecer, por força do conhecimento da minha limitação e subjetividade, que ele está certo quanto à relatividade da nossa percepção teológica.

Mas, por outro lado, reluto em aceitar a inferência que os relativistas gostam de fazer de declarações dessa natureza, que é negar a existência de uma verdade absoluta ou negar a possibilidade de uma percepção real e válida dela por nós. Porque, apesar da aparente humildade, admitir o caráter

Pastor Digital

sempre relativo da nossa percepção implica concordar que ninguém tem a verdade, o que acaba com a possibilidade do certo e do errado, do verdadeiro e do falso como conceitos públicos, transformando cada indivíduo, ao final, no referencial último dessas coisas.

Será que não poderíamos dizer que nós, mesmo enviesados por nossos pressupostos e preconceitos (horizontes), ainda somos capazes, em virtude da nossa humanidade básica compartilhada com as pessoas de todas as épocas — para não mencionar a graça comum e a ação do Espírito Santo —, de perceber a verdade da mesma forma que outras pessoas a perceberam em outros tempos e em outros lugares?

Aqui as palavras de Anthony Thiselton em seu livro *The Two Horizons* são pertinentes:

> O que será da ética cristã se adotarmos uma perspectiva relativista da natureza humana? Se a experiência da dor, do sofrimento e da cura no mundo antigo não tem nenhuma continuidade com qualquer conceito moderno, o que poderemos dizer acerca do amor, autossacrifício, santidade, fé, pecado, rebelião etc.? Ninguém num departamento de línguas clássicas, literatura ou filosofia de uma universidade aceitaria as implicações de um relativismo tão radical. Nada poderíamos aprender sobre a vida, o pensamento, ou ética, dos escritores que viveram em culturas antigas. Com certeza, nenhum estudioso, se pressionado com essas implicações, defenderia até o fim esse tipo de relativismo.

4. Uma última dificuldade que desejo mencionar é que essa visão, se levada às últimas consequências, acaba nos

Pastor Digital

privando da Bíblia. Vejamos: Quem defende essa visão (há exceções, eu sei) geralmente tem dificuldades em aceitar que as Escrituras do Antigo Testamento e do Novo Testamento foram dadas por inspiração divina e são, portanto, infalíveis. Nessa lógica, as Escrituras são apenas a reflexão teológica de Israel e da igreja cristã primitiva. Consideremos as cartas de Paulo. Elas são a teologia do apóstolo, resultado da aplicação que ele fazia das boas-novas às situações novas das igrejas nascentes no mundo helênico. Para ser coerente, quem defende que toda teologia é relativa, imperfeita e subjetiva, e que é válida somente dentro dos limites da cultura e da geração em que foi produzida, não poderia aceitar para hoje a teologia de Paulo, Pedro, João e a de Isaías. Teria de rejeitar as Escrituras como um todo, pois elas são a teologia de Israel e da Igreja, elaboradas em uma época e em uma cultura completamente diferente da nossa.

Para dizer a verdade, há quem faça isso mesmo. Os antigos liberais faziam. Para eles, a Bíblia nada mais era que a teologia (ultrapassada) dos seus autores. O cristianismo se reduzia a valores éticos e morais, que eram as únicas coisas permanentes neste mundo.

Eu admiro e respeito os antigos liberais. Os de hoje precisariam assumir o discurso relativista e levá-lo às últimas consequências. Pode ser que não conseguiriam absolutamente nada com isso, como acho que não vão conseguir. Mas, pelo menos, teriam o meu respeito — se é que isso vale alguma coisa.

Pastor Digital

capítulo dez

Carta a Bultmann

Rudolf Bultmann (1884-1976) foi um dos maiores estudiosos do Novo Testamento do século passado, e provavelmente o maior representante do liberalismo teológico na área dos estudos bíblicos (embora ele mesmo não se considerasse um liberal). A carta, obviamente, é fictícia.

Meu caro Bultmann,

Sei que você não pode mais me ouvir. Não quero parecer covarde escrevendo para quem já morreu, mas não tive a oportunidade de conhecê-lo enquanto você ainda vivia (tornei-me cristão um ano após a sua morte). Mas você bem sabe que escrever é dar a cara a tapa, mesmo depois de morto. E o que coloco aqui é baseado nas coisas que você escreveu e que, depois de sua morte, ainda falam.

Começo expressando minha profunda admiração pela sua cultura, seu conhecimento, domínio do grego e do latim e pela lógica de seus posicionamentos. Posso não concordar com você

Pastor Digital

na maioria das suas conclusões, mas seria injusto deixar de reconhecer seu valor e talento como pesquisador, erudito e escritor para os estudos do Novo Testamento e para a hermenêutica.

Reconheço também a sua devoção. Sei que sua religiosidade foi moldada pela piedade individual e pela defesa da vida cristã consistente, típicas do pietismo alemão. Pelo que li, você era membro dedicado da Igreja Luterana na Alemanha e um excelente pregador. Li recentemente que você também pregava sermões natalinos e fiquei curioso em saber como você conseguia fazer isso, uma vez que não acreditava realmente que Jesus de Nazaré era o Filho de Deus encarnado.

Sabe, caro doutor, pode ser que sua intenção, ao dizer que o Novo Testamento está cheio de mitos, lendas e histórias fabricadas pela fé da Igreja, tenha sido libertar a mensagem cristã de determinada visão mitológica de mundo. Você aparentemente intencionava alcançar o homem moderno, que tem uma visão de mundo moldada pelo cientificismo, que não acredita mais em milagres, e que já tem uma explicação científica para tudo o que acontece. Você queria demitologizar o Novo Testamento e apresentar a este homem racionalista um evangelho que não o ofendesse e que ele pudesse aceitar sem perder sua respeitabilidade científica. Quero dizer que reconheço que sua intenção era boa e seu alvo, legítimo. Devemos envidar todos os esforços para falar a nossa geração. Vejo nesse propósito seu uma intenção missionária que aprecio e com a qual concordo.

Mas, se você pudesse ver hoje o resultado de sua estratégia, desconfio que ficaria desconsolado ao ver que não funcionou como você queria. Seria injusto acusá-lo de esvaziar as igrejas na Europa, Estados Unidos e outros locais. A secularização geral da Europa também contribuiu para isso. Mas o fato é

Pastor Digital

que, onde suas ideias mais radicais foram adotadas por professores e pastores liberais, as igrejas secaram, esvaziaram-se e morreram. Pode ter sido coincidência... Mas a verdade é que mesmo esse homem moderno, por mais científica que seja sua mentalidade, quando vai aos domingos a sua igreja, quer saber como alcançar paz interior, perdão para sua consciência culpada, reconciliação com Deus e ter esperança da vida eterna — coisas que o Jesus histórico com sua mensagem existencialista por você apresentada, depois de despi-lo de sua divindade, não consegue oferecer.

Se você pudesse ver alguns de seus seguidores hoje, entenderia melhor o que quero dizer. Uma parte deles não consegue contribuir em nada para a Igreja, o que era sua intenção inicial, caro Rudolf. Eles acabam virando acadêmicos, dando aulas em escolas de teologia secularizadas ou nos seminários das denominações históricas e tradicionais onde nem sempre dizem o que pensam (há exceções, é claro). Não ouvi ainda falar de algum que seja um pastor reconhecido, plantador de igrejas, evangelista, que ame missões e que tenha feito sua igreja crescer — embora eu deva reconhecer que conheço alguns fundamentalistas que também são assim, secos e infrutíferos. Mas a diferença, caro doutor, é que um pastor liberal (é assim que chamamos, certo ou errado, quem adota suas ideias) que não planta igrejas, não evangeliza, não tem interesse em missões, está sendo coerente com aquilo que acredita; um pastor conservador que não planta igrejas, não evangeliza nem tem interesse em missões está sendo inconsistente com o cristianismo histórico tradicional.

Eu gostaria de poder lhe dizer que suas ideias morreram e que hoje praticamente não tem mais ninguém que seriamente as defenda, mas não posso dizer isso. Lembra do Karl

Pastor Digital

Barth, que viveu na sua época, e com quem você trocou correspondências por mais de trinta anos? Vocês dois tinham muita coisa em comum, embora também diferenças. Pois é, acho que ele acabou levando a melhor, pois muitos dos seus discípulos acabaram virando barthianos ou neo-ortodoxos — é assim que os chamamos. Embora falem a língua dos ortodoxos (daí o nome neo-ortodoxia), ainda conservam em grande parte aquele seu ceticismo radical para com a veracidade e historicidade do Novo Testamento. Esses neo-ortodoxos detestam ser identificados como liberais. Eu até concordo com isso, mas, ao final, não sendo realmente uma nova ortodoxia, o melhor nome para eles deveria ser neoliberais.

Por último, não poderia deixar de lhe dizer que a premissa maior de seu programa de "demitologização" — aquela de que o homem moderno tem uma mentalidade científica e não acredita mais em milagres — acabou se provando falsa: o homem moderno continua cada vez mais religioso, apesar dos esforços dos ateus evangelistas (não que você tenha sido ateu) como Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens, e do crescimento da mentalidade secularizada no mundo ocidental.

Termino aqui. Espero sinceramente não ter entendido mal seus escritos. Digo isso, pois mostrei o esboço desta carta a um amigo, um jovem, erudito, inteligente e teólogo capaz, seu admirador, e ele me disse que discordava totalmente de mim. Não tivemos tempo de aprofundar nossa conversa e discutir os pontos de discordância. Mas, pelo que tenho lido dos livros que você escreveu, acredito não ter sido injusto para com suas ideias.

Sinceramente,
Augustus

Pastor Digital

capítulo onze

Carta à bispa Evônia

Trata-se de mais uma carta fictícia — gênero que uso como maneira de tornar as minhas ideias mais interessantes para o leitor. Minha esposa não tem nenhuma amiga que virou bispa. Ainda.

Cara Evônia,

Minha esposa me falou do encontro casual que vocês duas tiveram no *shopping* semana passada. Ela estava muito feliz em rever você e relembrar os tempos do ginásio e da igreja que vocês frequentavam. Aí ela me contou que você foi consagrada pastora e depois bispa desta outra denominação que você tinha começado a frequentar.

Ela também me mostrou os *e-mails* que vocês trocaram sobre esse assunto, em que você tenta justificar o fato de ser uma pastora e bispa, já que minha esposa tinha estranhado isso na conversa que vocês tiveram. Ela me pediu para ler e comentar seus argumentos e contra-argumentos. Não pretendo ofendê-la de maneira nenhuma — nem mesmo conheço

Pastor Digital

você pessoalmente. Mas faço esses comentários para ver se de alguma forma posso ser útil na sua reflexão sobre ter aceito o cargo de pastora e de bispa.

Acho, para começar, que o fato de você ser bispa vem da conhecida atitude de sua comunidade para com as Escrituras, que equivale a considerá-la condicionada à visão patriarcal e machista da época. Ou seja, a Bíblia é nossa regra, mas não para todas as coisas. Ao rejeitar o ensinamento bíblico sobre liderança, adota-se outro parâmetro, que geralmente é o pensamento e o espírito da época.

E, é claro, Evônia, que na nossa cultura a mulher — especialmente as inteligentes e dedicadas como você — ocupa todas as posições de liderança disponíveis, desde CEO de empresas à presidência da República. Portanto, sem o ensinamento bíblico como âncora, nada mais natural que as igrejas também coloquem em sua liderança presbíteras, pastoras, bispas e apóstolas.

Mas a pergunta que você deveria fazer, Evônia, é o que a Bíblia ensina sobre mulheres assumirem a liderança da igreja e se esse ensino se aplica aos nossos dias. Não escondo a minha opinião. Para mim, a liderança da igreja foi entregue pelo Senhor Jesus e por seus apóstolos a homens cristãos qualificados. E este padrão, claramente encontrado na Bíblia, vale como norma para nossos dias, pois se baseia em princípios teológicos, e não culturais. Reflita no seguinte:

1. Embora mulheres tenham sido juízas e profetisas em Israel (Jz 4:4; 2Rs 22:14, o que pode sugerir que a cultura judaica não era tão machista assim), elas nunca foram ungidas, consagradas e ordenadas para cuidar do serviço sagrado,

Pastor Digital

das coisas de Deus, conduzir o culto no templo e ensinar o povo de Deus, que eram as funções do sacerdote (Ml 2:7). Encontramos profetisas no Novo Testamento, como as filhas de Filipe (At 21:9; 1Co 11:5), mas não encontramos sacerdotisas, isto é, presbíteras, pastoras, bispas e apóstolas. Apelar a Débora e Hulda, como você fez em seu *e-mail*, prova somente que Deus pode usar mulheres para falar ao seu povo, e não como evidência de que as mulheres devem ser consagradas como autoridades sobre o povo de Deus.

2. Você disse a minha esposa que Jesus não escolheu mulheres para apóstolas porque ele não queria escandalizar a sociedade machista de sua época. Será, Evônia? O Senhor Jesus rompeu com vários paradigmas culturais de sua época. Ele falou com mulheres (Jo 8:10-11), inclusive com samaritanas (Jo 4:7), quebrou o sábado (Jo 5:18), as leis da dieta religiosa dos judeus (Mt 7:2) e também relacionou-se com gentios (Mt 4:15). Se ele achasse que era a coisa certa a fazer, certamente teria escolhido mulheres para constar entre os doze apóstolos que nomeou. Mas não o fez, apesar de ter em sua companhia mulheres que o seguiam e o serviam, como Maria Madalena, Marta e Maria (Lc 8:1-2).

3. Por falar nisso, lembre-se também que os apóstolos, por sua vez, quando tiveram a chance de incluir uma mulher no círculo apostólico em lugar de Judas, escolheram um homem, Matias (At 1:26), mesmo que houvesse mulheres proeminentes na assembleia, como a própria Maria, mãe de Jesus (At 1:14-15) — que escolha seria mais lógica do que ela? E mais tarde, quando resolveram criar um grupo que cuidasse das viúvas da igreja, determinaram que fossem escolhidos sete homens, quando o natural e cultural seria

Pastor Digital

supor que as viúvas seriam mais bem atendidas por outras mulheres (At 6:1-7).

4. Tem mais. Nas instruções que deram às igrejas sobre presbíteros e diáconos, os apóstolos determinaram que eles deveriam ser marido de uma só mulher e governar bem a casa deles — obviamente, eles tinham em mente homens cristãos (1Tm 3:2,12; Tt 1:6), e não mulheres, ainda que capazes, piedosas e dedicadas, como você. Mesmo que reconhecessem o importante e decisivo papel da mulher cristã no bom andamento das igrejas, não as colocaram na liderança das comunidades, proibindo que elas ensinassem com a autoridade que era própria do homem (1Tm 2:12), que participassem na inquirição dos profetas, o que poderia levar à aparência de que estavam exercendo autoridade sobre o homem (1Co 14:29-35). Eles também estabeleceram que o homem é o cabeça da mulher (1Co 11:3; Ef 5:23), uma analogia que claramente atribui ao homem o papel de liderança.

5. Você retrucou a minha esposa na troca de *e-mails* que nenhuma dessas passagens se aplica hoje, pois são culturais. Mas será, Evônia, que estas orientações foram resultado da influência da cultura patriarcal e machista daquela época nos autores bíblicos? Será que Paulo era mesmo um machista, que tinha problemas com as mulheres e suspeitava que elas viviam constantemente tramando para assumir a liderança das igrejas que ele fundou, como você argumentou? Será que um machista deste tipo diria que as mulheres têm direito ao seu marido, que elas têm direitos sexuais iguais ao homem, bem como o direito de separar-se quando o marido resolve abandoná-las? (1Co 7:2-4,15) Um machista determinaria que os homens deveriam amar a esposa como amavam a si

Pastor Digital Cristiano Cruz

mesmos (Ef 5:28,33)? Um machista se referiria a uma mulher admitindo que ela havia sido sua protetora, como Paulo o faz com Febe (Rm 16:1-2)?

6. Agora, se Paulo foi realmente influenciado pela cultura de sua época ao proibir que as mulheres assumissem a liderança das igrejas, o que me impede de pensar que a mesma coisa aconteceu quando ele ensinou, por exemplo, que a homossexualidade é uma distorção da natureza acarretada pelo abandono de Deus (Rm 1:24-28) e que os sodomitas e efeminados não herdarão o reino de Deus (1Co 6:9-11)? Você defende também, Evônia, que estas passagens são culturais e que se Paulo vivesse hoje teria outra opinião sobre a homossexualidade? Pergunto isso, pois em várias igrejas ditas cristãs esse argumento está sendo usado.

7. As alegações apostólicas não me soam culturais. Paulo argumenta que o homem é o cabeça da mulher com base em um encadeamento hierárquico que tem início em Deus Pai, descendo pelo Filho, pelo homem e chegando até a mulher (1Co 11:3).[2] Esse argumento me parece totalmente teológico, como aquele que faz uma analogia entre marido e mulher e Cristo e a Igreja: "o marido é o cabeça da mulher como Cristo é o cabeça da igreja" (Ef 5:23). Não consigo imaginar uma analogia menos cultural do que essa para estabelecer a liderança masculina. E, quando Paulo restringe a participação da mulher no ensino autorizado — que é próprio do homem — argumenta com base no relato da criação e da queda (1Tm 2:12-14).

8. Você já deve ter percebido que para legitimar sua posição como bispa será preciso dar um jeito nesse padrão de liderança exclusiva masculina, que é claramente ensinado na Bíblia. Não há como aceitar ser bispa e ao mesmo tempo reconhecer

Pastor Digital

que a Bíblia toda é a Palavra de Deus para nossos dias. E foi assim que você adotou essa atitude de dizer que a liderança exclusiva masculina é resultado da cosmovisão patriarcal e machista dos autores do Antigo e Novo Testamentos, e que, portanto, não pode ser mais usada em nossos dias, quando os tempos mudaram, e as mulheres se emanciparam e passaram a assumir a liderança em todas as áreas da vida. Em outras palavras, como você mesma confirmou em seu *e-mail*, a Bíblia é para você um livro culturalmente condicionado, e só devemos aplicar dele aquelas partes que estão em harmonia e consenso com a nossa cultura. Eu sei que você não disse isso com essas exatas palavras, mas a impressão que fica é que você considera a Bíblia como retrógrada e ultrapassada e que o modelo de liderança nela ensinado não serve de paradigma para a liderança moderna da Igreja de Cristo.

Quando se chega a esse nível, então, para mim, a porta está aberta para a entrada de qualquer coisa que seja aceitável em nossa cultura, mesmo que seja condenada nas Escrituras. Como você poderá, como bispa, responder biblicamente aos jovens de sua igreja que declaram ser o casamento ultrapassado, o sexo antes do casamento algo corriqueiro e ainda sobre o relacionamento homossexual? Como você vai orientar biblicamente aquele casal que acha normal ter casos extraconjugais, desde que os dois estejam de acordo entre eles? E aos que entendem que escandalizar-se com o adultério também é coisa do passado?

Sabe, Evônia, você e a sua comunidade não estão sozinhas nessa distorção. Na realidade, esse pensamento é também popularizado por seminários de denominações tradicionais e professores de Bíblia que passaram a questionar a infalibilidade

Pastor Digital Ellipsis Online

das Escrituras, utilizando o método histórico-crítico, ensinando em sala de aula que Paulo e os demais autores do Novo Testamento foram influenciados pela visão patriarcal e machista do mundo da época deles. Só podia dar nisso...

Quando pastores, presbíteros e as próprias igrejas relativizam o ensino das Escrituras, considerando-o preso ao século 1 e irremediavelmente condicionado à visão de mundo antiga, a igreja perde o referencial, o parâmetro, o norte, o prumo — e, como ninguém vive sem essas coisas, elege a cultura como guia.

Termino reiterando meu apreço e respeito por você como mulher cristã e pedindo desculpas se não me posso dirigir a você, em nossa correspondência pessoal, como "bispa" Evônia. Espero que meus motivos tenham ficado claros.

Um abraço,
Augustus

Pastor Digital

capítulo doze

A nova perspectiva sobre Paulo

Quando a gente pensa que já viu de tudo nos círculos acadêmicos de estudos bíblicos, é surpreendido com a chegada de uma abordagem potencialmente revolucionária sobre o apóstolo Paulo. Essa abordagem acaba trazendo um profundo impacto em uma das doutrinas mais preciosas para os evangélicos, especialmente àqueles que se identificam com a Reforma Protestante do século 16.

Estou falando da "Nova Perspectiva sobre Paulo," um movimento que tem cerca de vinte anos de existência e que somente mais recentemente chegou ao Brasil, especialmente por meio dos escritos de N. T. Wright, de quem falaremos mais adiante. A NPP ("Nova Perspectiva sobre Paulo") desde cedo caiu sob fogo cerrado de estudiosos reformados. Homens do calibre de John Piper, D. A. Carson, Lingon Duncan, Sinclair Ferguson e muitos outros têm escrito livros e artigos, e realizado palestras, manifestando preocupação com as implicações deste movimento.

Pastor Digital

O que é, então, a NPP? Quais as suas propostas e por que elas têm causado furor entre os estudiosos evangélicos reformados? De maneira sucinta, a NPP defende que desde a Reforma nós temos lido as cartas de Paulo de maneira errada. Pensávamos que o centro da pregação dele era a justificação pela fé sem as obras da lei, quando, na verdade, Paulo estava polemizando contra aqueles pregadores judeus cristãos que não queriam a presença dos gentios na nascente igreja judaico-cristã. É preciso, então, abandonar a "velha" perspectiva, que teve origem em Lutero e demais reformadores, e adotar uma nova que faça justiça aos fatos da época do apóstolo. Deixe-me rapidamente explicar melhor, se é que é possível fazê-lo em breves palavras.

1. Primeiro, é necessário entender que, antes de ser uma nova perspectiva sobre Paulo, essa abordagem é uma nova perspectiva sobre o judaísmo da Palestina, nos tempos de Paulo. Estudiosos como E. P. Sanders (*Paul and Palestinian Judaism*, 1977) conseguiram convencer muitos de que o judaísmo do século 1 não era uma religião legalista de busca de méritos para a salvação. Os judeus já se consideravam salvos e praticavam as obras da lei a fim de permanecer como povo de Deus. Os fariseus, apesar do seu apego às leis de Moisés, sabiam que a salvação não era pela obediência a essas leis, mas pela fidelidade de Deus à aliança feita com Abraão. Portanto, quando Paulo dizia que a salvação era pela fé, sem as obras da lei, ele não estava combatendo o legalismo ou a tentativa de salvação pelas obras. Ele estava simplesmente condenando a ênfase que os judeus davam a essas obras a ponto de não permitir que não judeus convertidos ao cristianismo fossem considerados parte do povo de Deus.

Pastor Digital

Apesar de sua importância, há vários problemas com a obra de Sanders. Um deles é que ele usou fontes dos séculos 3 e 4 (Talmude, Mishnah, Midrash) para reconstruir o pensamento judaico do século 1, algo que chamamos de anacronismo.

2. A nova perspectiva de Sanders sobre o judaísmo trouxe uma nova perspectiva sobre a Reforma. Para os defensores da NPP, Lutero leu Paulo à luz da sua experiência e, assim, desviou as igrejas reformadas da correta interpretação do que o apóstolo havia escrito sobre salvação, justificação e obras da lei. Já em 1963, o luterano Krister Stendhal havia escrito um artigo influente ("Paulo e a Consciência Introspectiva do Ocidente"), no qual ele acusava Lutero de ter imposto a Paulo o seu próprio drama existencial quanto à salvação. Paulo nunca teve problemas de consciência antes de sua salvação, disse Stendhal, nem nenhum outro judeu daquela época. Ninguém estava perguntando "o que posso fazer para ser salvo?" — essa foi a pergunta de Lutero, mas não era a pergunta de Paulo nem dos judaizantes com quem ele discutiu na epístola aos Gálatas. Além disso, as *Confissões* de Agostinho também teriam influenciado em demasia a Igreja no Ocidente, levando-a à introspecção e à busca individual da salvação. Isso fez que Lutero visse na polêmica de Paulo contra as "obras da lei" em Gálatas e Romanos a sua própria luta em busca de salvação dentro da Igreja Católica — o que teria sido um erro. Os defensores da NPP criticam os reformados por terem defendido durante tanto tempo que o centro da pregação de Paulo, bem como do Novo Testamento, era a doutrina da justificação pela fé, quando esta, na verdade, era a agenda de Lutero, e não de Paulo.

Todavia, como tem sido observado, não foram somente os luteranos que tiveram esse entendimento. O protestantismo

Pastor Digital Edições Vida

em geral, inclusive aquele não influenciado diretamente pelas obras de Lutero e demais reformadores, sempre entendeu, lendo sua Bíblia, que ela trata essencialmente deste assunto: de que maneira o homem pode ser justificado diante de um Deus santo e justo?

3. Na sequência, veio uma nova perspectiva sobre as "obras da lei". A Reforma sempre entendeu que "obras da lei" em Gálatas e Romanos, contra as quais Paulo escreve, eram aqueles atos praticados pelos judeus em obediência aos mais estritos preceitos da lei de Moisés. Eles procuravam guardar tais preceitos visando a acumular méritos diante de Deus. Foi contra tais obras que Paulo asseverou aos gálatas e aos romanos que a salvação é pela fé em Jesus Cristo, somente. Mas James G. Dunn, em especial, argumentou que as "obras da lei", a que Paulo se refere em Gálatas e Romanos, eram a circuncisão, a guarda do calendário religioso e as leis dietéticas de Moisés — sinais identificadores da identidade judaica no século 1. Paulo era contra aquelas coisas porque elas separavam judeus dos gentios e impediam que gentios convertidos se sentassem à mesa com judeus convertidos. Em outras palavras, a polêmica de Paulo não era contra o legalismo dos judaizantes, mas contra a insistência deles em manter os gentios distantes. A questão não era soteriológica, mas eclesiástica. A Reforma teria perdido este ponto de vista por causa de Lutero e Agostinho.

Mas cabe aqui a observação: se as obras da lei não eram esforços meritórios, fica muito difícil entender não somente Gálatas e Romanos, mas inclusive passagens de Atos, como esta: "Alguns indivíduos que desceram da Judeia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de

Pastor Digital Elizeu Vale

Moisés, não podeis ser salvos" (At 15:1). No fim, tenho de escolher se acredito em Atos ou no que Dunn está dizendo.

4. Tudo isso trouxe o que James Dunn chamou de uma "nova perspectiva" sobre Paulo. Esse movimento se dividiu em duas linhas gerais: 1) Os mais radicais, que acham, como H-J Schoeps, que Paulo, por ser um judeu da Dispersão, não entendeu e, portanto, torceu inadvertidamente a soteriologia do judaísmo da Palestina, atacando-o por julgar que era uma religião baseada em méritos, quando, na verdade, não era. Outros, como H. Räisänen, alegaram que Paulo era judeu por fora e gentio por dentro, o que lhe causava uma ambiguidade nunca vencida, que o levava a falar mal da lei em Gálatas e bem dela em Romanos. Nessa vertente, o problema seria Paulo, que teria passado uma visão distorcida dos judeus e fariseus do século 1. Esta linha dentro da "nova perspectiva" não tem muitos defensores. A que ganhou mais aceitação foi a seguinte: 2) Aqueles que afirmam que o problema não era Paulo, mas os reformados que o leram com os óculos de Lutero. É preciso olhar Paulo de uma nova perspectiva, que leve em conta as descobertas de Sanders (o judaísmo não era legalista), Stendhal (Paulo era um fariseu sem problemas com a lei) e Dunn (obras da lei são apenas marcadores de identidade judaicos). É preciso reler Gálatas e Romanos desse novo ponto de vista e tentar descobrir qual era realmente a polêmica de Paulo com os judeus, judaizantes e fariseus de sua época. Tem que ser outra coisa, mas não este assunto de salvação pela fé sem as obras da lei.

A pergunta que não quer calar é como a Igreja toda, mesmo contando com exegetas e teólogos do maior calibre, conseguiu se enganar por tanto tempo, do século 16 até hoje, em um assunto tão básico?

Pastor Digital Elifranio Melo

5. Por fim, tudo isso trouxe uma nova perspectiva sobre a justificação proposta pelos defensores da NPP. Os reformados sempre afirmaram, com base em Gálatas, Romanos e demais livros do Novo Testamento, que a mensagem central das cartas de Paulo é que os pecadores podem ser justificados de seus pecados mediante a fé em Jesus Cristo, sem obras pessoais e meritórias. E que essa justificação consiste em Deus nos imputar — isto é, atribuir — a própria justiça de Cristo. Lutero dizia que somos justificados com uma justiça alheia, a de Cristo, e não com uma justiça nossa procedente de nossa obediência à lei de Deus. Lutero e demais reformadores entenderam que esse era exatamente o ponto de discussão entre Paulo e os judaizantes, que na época dele queriam exigir que os crentes não judeus guardassem a lei de Moisés para poderem ser salvos.

É aqui que entra em cena Nicholas Thomas Wright, bispo anglicano de Durham, Inglaterra, provavelmente hoje o estudioso mais conhecido e destacado que defende a "nova perspectiva" sobre Paulo. Ele ganhou a simpatia de muitos evangélicos por suas posições firmes contra o aborto, a eutanásia e as uniões civis de homossexuais dentro da Igreja Anglicana.

O ponto mais controverso da posição de Wright sobre Paulo é sua tentativa de redefinir a doutrina da justificação pela fé. Wright abraça a "nova perspectiva", seguindo Stendahl, Sanders e Dunn. A principal obra de Wright, que o marcou como um defensor da "nova perspectiva", é *What St. Paul Really Said* (1997). Segundo ele, para Paulo, a justificação não significa que Deus transfere a sua justiça ao pecador, como ensina a doutrina da imputação; Deus, à semelhança do que se faz num tribunal, considera vindicado o

Pastor Digital

pecador, sem, todavia, imputar-lhe a sua própria justiça. Segundo Wright, esse é o caso dos tribunais gregos — nenhum juiz imputa ao acusado a sua justiça pessoal; simplesmente o absolve. A conclusão é que Paulo nunca teria ensinado a doutrina da imputação da justiça. Não seria isso o que Paulo entende por justificação, justificar e justificado. Deus absolveria o pecador por causa de sua fidelidade ao pacto, à aliança. É isso que significaria "a sua justiça".

Tem coisa boa na NPP? Tem sim. O movimento nos desperta para estudarmos o contexto de Paulo mais profundamente. Os estudos de Sanders nos trouxeram muitas informações sobre o pensamento rabínico dos séculos 3 e 4 quanto à salvação. As observações de Stendhal nos ajudam a ter uma visão mais correta sobre a relação pessoal de Paulo para com a lei — ele realmente não era um fariseu em crise existencial antes de se converter. E Dunn chama nossa atenção para o aspecto missiológico e social da polêmica de Paulo contra as obras da lei. Todavia, esses aspectos positivos não anulam as sérias implicações do movimento, especialmente quanto à doutrina da justificação.

Isso pode soar como mais uma daquelas questiúnculas irrelevantes que ocupam os teólogos a maior parte do tempo. Todavia, não é. O que a NPP coloca em jogo são duas das mais importantes doutrinas da fé cristã, que são a morte substitutiva de Cristo e a imputação da sua justiça aos que creem. Mesmo que Wright fale que os crentes terão seus pecados perdoados, fica a pergunta: com base em que, se a morte de Cristo não é substitutiva nem seus méritos são transferíveis?

Prefiro a velha perspectiva. Nem sempre o vinho novo é o melhor.

Pastor Digital

capítulo treze

O ateísmo cristão

Pois é, isso existe. Ateísmo cristão é a negação do Deus cristão revelado na Bíblia por alguém que, ao mesmo tempo, tenta redefini-lo usando linguagem e termos evangélicos. Alguém que, na prática, vive como se ele não existisse.

O ateísmo consiste na negação da existência de um Deus pessoal. Logo, ele se manifesta em qualquer conceito de Deus que, de uma maneira ou de outra, o separa da realidade humana.

Em termos práticos, qual é a diferença entre não acreditar em Deus e acreditar num Deus que não intervém, não age na história humana, nem se relaciona com as pessoas? Para mim, muito pouca, ou nenhuma.

Quando um ateu fica doente, por exemplo. Ele não ora a Deus pedindo sua cura ou pedindo forças para suportar a enfermidade. Da mesma forma, o cristão que não crê em um Deus que atenda a orações também não dobra seus joelhos. Este vive como se Deus não existisse. Aquele não crê que Deus existe. Na prática, é a mesma coisa.

Pastor Digital

A ideia de que Deus não se mete com o mundo e com os homens tomou forma "cristã" após o Iluminismo, quando teólogos ingleses resolveram adaptar o Deus cristão da Bíblia às exigências do racionalismo predominante do século 18. Naquela época, o mundo estava sendo concebido como uma grande engrenagem autossuficiente que funcionava de forma ordeira seguindo leis naturais intrínsecas. Cada efeito, cada fenômeno, cada evento da natureza e na história era entendido como resultado de alguma causa natural. Um sistema fechado de causa e efeito que não precisava de nenhuma intervenção externa para manter seu funcionamento ou para explicá-lo.

Filósofos e escritores britânicos como Edward Herbert, Charles Bloynt e John Tolarndt entendiam que era preciso submeter as doutrinas do cristianismo ao crivo da razão e repudiar o que não pudesse ser demonstrado logicamente. Tudo isso desencadeou uma revisão do conceito tradicional de um Deus que havia criado o mundo e que o sustentava dia a dia, agindo na história e nos acontecimentos por meio de sua providência. Naquela época, a razão e a ciência começavam seu esforço de empurrar Deus para fora da realidade verificável pelos cânones dos métodos científicos. Assim, numa tentativa de "salvar" Deus da condenação do cientificismo racionalista e ao mesmo tempo manterem o respeito acadêmico, eles postularam um Deus que existe, sim (afinal, que método empírico há de negá-lo?), mas que não se envolve com o mundo e o ser humano desde que os criou. Como um relojoeiro, Deus teria montado o mundo, dado corda e o deixado funcionando por si. Esse entendimento acerca de Deus e sua relação com o mundo recebeu o nome de *deísmo*, em contraste com o *teísmo*,

Pastor Digital

que é a visão tradicional de um Deus que age cotidiana e soberanamente na realidade que ele mesmo criou.

De acordo com o deísmo, a força determinante da história são as decisões humanas. Deus não age nas circunstâncias. Não haveria vontade divina ou propósito celestial oculto nos acontecimentos diários. Portanto, viver como se uma mão celeste guiasse nossa vida a cada passo não teria o menor sentido. Muito mais sensato seria guiar-se pela razão, praticar o bem e fazer as escolhas certas.

Bem, o deísmo acabou gerando a cartilha pela qual rezam os adeptos do liberalismo teológico. Quem não crê que Deus quebra as leis naturais e se intromete no sistema fechado que ele mesmo criou não pode mesmo acreditar em milagres como a encarnação, o nascimento virginal, a cura de cegos e aleijados e a ressurreição dos mortos. E a Bíblia, longe de ser um livro revelado por inspiração divina, não passaria de um compêndio daquilo que seus autores acreditavam a respeito de Deus, registrado sob o linguajar mitológico de sua época. Dessa forma, o deísmo sobreviveu onde o liberalismo teológico dominou. E, com o declínio natural do último, o deísmo também acabou meio sumido do cenário, até ressurgir mais recentemente nas asas do teísmo aberto e do evolucionismo teísta, dois filhotes do liberalismo teológico. Deixe-me tentar explicar.

Primeiro, o *teísmo aberto*. De acordo com essa teologia (se é que podemos chamá-lo assim), Deus existe, mas não é onipotente nem onisciente. Ele não sabe o que vai acontecer no futuro, ele se arrepende de suas decisões, especialmente daquelas que não deram certo — como ter criado o homem —, e não pode impedir as catástrofes naturais do mundo que um

Pastor Digital

dia criou. O futuro, portanto, está aberto e é formatado pelas decisões livres dos seres humanos, as quais Deus respeita e às quais ele se adapta. Deus não interfere no curso da história, mas, num gesto de amor, deixa aos homens as decisões que afetarão seu futuro.

A conclusão lógica desta concepção de Deus é exatamente a mesma do deísmo inglês: deveríamos viver como se Deus não existisse, pois, mesmo que ele exista, na prática, isso não faria diferença alguma. Não deveríamos esperar que ele interferisse para nos acudir ou salvar, ou que ele misteriosamente conduzisse todas as coisas segundo um propósito predefinido.

Em entrevista à revista *Carta Capital* em abril de 2011, o pastor Ricardo Gondim, um dos mais conhecidos defensores do teísmo aberto em nosso país, afirmou que "um Deus títere, controlador da história [...] pode ter cabido na era medieval, mas não hoje" e que "se Deus é bom e onipotente, e coisas ruins acontecem, então há algo errado com esse pressuposto". Sua "resposta" é que "Deus não está no controle": "Vivemos como se Deus não existisse, porque só assim nos tornamos cidadãos responsáveis, nos humanizamos, lutamos pela vida, pelo bem. A visão de Deus como um pai todo-poderoso, que vai me proteger, poupar, socorrer e abrir portas é infantilizadora da vida." Na mesma entrevista, Gondim cita a controversa filósofa francesa Simone Weil, segundo a qual o mundo só seria possível pela ausência de Deus.

Acho que entendo o que esses livres-pensadores estão querendo dizer. Eles apregoam que não deveríamos levar Deus em consideração diante do mal que existe no mundo, pois, ao fazê-lo, atribuindo-lhe o controle de tudo, estaríamos, os cristãos, incorrendo em passividade criminosa.

Pastor Digital

Portanto, quando o mal acontece, deveríamos "fazer de conta" que Deus não existe. Deveríamos nós mesmos partir para socorrer, ajudar e resolver os problemas com nossos recursos e nossa força.

Nesse caso, visto que o mundo é cheio de males, infortúnios, conflitos, doenças, desastres, imprevistos, dores e sofrimentos, Deus terminaria reduzido a pequenos e quase insignificantes momentos em que tudo vai bem na minha vida particular ou no mundo em geral. Ou seja, eu vou *realmente* acabar vivendo como se Deus não existisse, praticamente em todos os momentos da minha vida. O que nos leva de volta ao início deste texto: não há diferença prática entre essa visão de Deus e o ateísmo. O único distintivo é que o teísmo aberto se considera cristão. Para sermos justos, então, devemos considerá-lo como "ateísmo cristão".

Agora, o *evolucionismo teísta*. Essa teoria defende que Deus "criou" a vida na terra por meio daquilo que a teoria evolucionista chama de processo não dirigido ou intencional, em que mutações acidentais e aleatórias levaram gradativamente à seleção natural e à sobrevivência das espécies mais aptas. O grande problema com esta teoria são os termos "não dirigido", "aleatório" e "acidental". Esse conceito é fundamental na teoria darwinista — na verdade, é um de seus pilares. Segundo ele, as mutações ocorreram de forma randômica, ao acaso. Como, então, integrar esse conceito à supervisão do Deus cristão, que é onisciente, onipresente e onipotente? Se Deus é onisciente, como poderia ter inventado um processo natural que se desenrolaria de maneira totalmente imprevisível, acidental e aleatória, totalmente fora de seu controle ou conhecimento?

Pastor Digital

A solução é o deus do teísmo aberto. Essa "divindade", de acordo com os teólogos abertos ou relacionais, desconhece o futuro e não sabe o que vai acontecer no universo nos próximos minutos. Ou seja, ela serve perfeitamente como o deus do evolucionismo teísta.

É isso que está sendo defendido em anos recentes por evolucionistas teístas. De acordo com os tais, "Deus" implantou no DNA o potencial para as mutações, mas não tinha — nem tem — a menor ideia sobre como tudo isso vai acabar. O processo evolucionário é autônomo e imprevisível a tal ponto que "Deus" desconhece seu produto final. Se é que um dia ele haverá de terminar.

Bem, se é assim, os evolucionistas teístas deveriam mudar o nome para "evolucionistas deístas", uma vez que estes, conforme vimos acima, acreditam numa divindade remota que abandonou sua criação à própria sorte. Mais uma vez, as semelhanças com o ateísmo são muito maiores do que as semelhanças com o Deus da Bíblia. O que estamos vendo, portanto, é a própria secularização de Deus.

Enfim, ateus cristãos (ou seria melhor "cristãos ateus"?), por uma questão de coerência, não deveriam orar, mas simplesmente meditar. Não deveriam adorar e louvar, mas entrar em transe. Não deveriam agradecer, mas congratular-se consigo mesmos. Não deveriam confiar que todas as coisas cooperam para seu bem, mas trincar os dentes e esperar estoicamente que a sorte lhes sorria. Não deveriam ir à igreja, mas filiar-se a uma ONG. Não deveriam evangelizar, mas somente distribuir sopa e agasalhos. Enfim, viver como se Deus não existisse.

Eu ainda sou mais Deus.

Pastor Digital

Ainda os libertinos

TERCEIRA PARTE

Pastor Digital

capítulo catorze

Carta a um jovem evangélico que faz sexo com a namorada

Os nomes foram trocados para proteger as pessoas. Embora algumas circunstâncias mencionadas na carta sejam fictícias, ela se baseia num episódio real.

Meu caro Ricardo,

Ontem estive pregando em sua igreja e tive a oportunidade de rever o João, nosso amigo comum, mas não encontrei você. João me disse que você e a Raquel, sua namorada, tinham saído com a turma da juventude para um acampamento no fim de semana e que só regressariam nessa segunda bem cedo.

Saí com o João para comer uma *pizza* após o culto e falamos sobre você. João abriu o coração. Ele está muito preocupado desde que você disse a ele que tem ido com Raquel a motéis da cidade e, às vezes, até mesmo depois da programação dos jovens no sábado à noite. Ele falou que já teve várias conversas com você. Disse também que você tem argumentado, defendendo o sexo antes do casamento como se fosse

Pastor Digital

normal e que pretende casar com a Raquel quando terminarem a faculdade.

Ele pediu minha ajuda, para que eu falasse com você e me autorizou a mencionar nossa conversa na *pizzaria*. Relutei, pois acho que é o pastor de sua igreja que deve tratar desse assunto. Você e a Raquel, afinal, são membros comungantes dessa igreja e estão debaixo da orientação espiritual dela. Mas João me disse que o pastor faz de conta que não sabe que essas coisas acontecem. Como sou amigo da sua família há muitos anos, desde que vocês frequentaram minha igreja em São Paulo, resolvi, então, escrever-lhe sobre esse assunto, tendo como base os argumentos que você usou para o João a fim de justificar sua ida a motéis com a Raquel.

Se entendi direito, você argumenta que não há nada na Bíblia que proíba o sexo antes do casamento. É verdade que não há uma passagem bíblica que diga "não farás sexo antes do casamento", mas existem dezenas de outras que expressam essa verdade com outras palavras e de outras maneiras. Podemos começar com aquelas que pressupõem o casamento como o procedimento padrão, legal e estabelecido por Deus para pessoas que desejam viver juntas (como Mt 9:15; 24:38; Lc 12:36; 14:8; Jo 2:1-2; 1Co 7:9,28,39). Há ainda passagens que abençoam o casamento (Hb 13:4) e aquelas que se referem ao divórcio — que é o término oficial do casamento — como algo que aborrece a Deus (Ml 3:16; Mt 5:31-32).

Podemos incluir também aquelas passagens contra os que proíbem o casamento (1Tm 4:3) e outras que condenam o adultério, a fornicação e a prostituição (Mt 5:28,32; 15:19; Jo 8:3; 1Co 7:2; 6:9; Gl 5:19; Ef 5:3-5; Cl 3:5; 1Ts 4:3-5; 1Tm 1:10; Hb 13:4; Ap 21:8; 22:15). Qual é o referencial que

Pastor Digital

nos possibilita caracterizar esses comportamentos como desvios, impureza e pecado? O casamento, naturalmente. Adultério, prostituição e fornicação, embora com nuances diferentes, têm em comum o fato de que são relações sexuais praticadas fora do casamento. Se o casamento, que implica compromisso formal e legal entre um homem e uma mulher, não fosse a situação normal em que o sexo pode ser desfrutado de maneira legítima, como se poderia caracterizar o adultério, a fornicação ou a prostituição como práticas erradas? A Bíblia considera essas coisas como pecado e coloca os que praticam a impureza sexual e a imoralidade debaixo da condenação de Deus — a menos que se arrependam, é claro, e mudem de vida.

Você argumenta também que o casamento é uma conveniência humana e que muda de cultura para cultura. Bem, é certo que o casamento tem um caráter social, cultural e pessoal. Todavia, do ponto de vista bíblico, não se pode esquecer que foi Deus quem criou o homem e a mulher, que os juntou no jardim e disse que seriam uma só carne, dando-lhes a responsabilidade de constituir família e dominar o mundo. O casamento é uma instituição divina a ser realizada pelas sociedades humanas. Embora as culturas sejam distintas e os rituais e procedimentos do casamento sejam diferentes, do ponto de vista bíblico o casamento significa o reconhecimento de uma união por alguém legalmente constituído, com implicações para a criação e tutela dos filhos, sustento da casa e também responsabilidades e consequências em caso de separação e repúdio. Quando duas pessoas resolvem ir morar juntas como se fossem casadas, essa decisão não faz delas pessoas casadas diante de Deus — mas (desculpe-me a franqueza) pessoas que estão vivendo em imoralidade sexual.

Pastor Digital

É verdade que a legislação de muitos países tem de forma crescente reconhecido as chamadas uniões estáveis. É uma triste constatação que o casamento está cada vez mais sendo desvalorizado na sociedade moderna ocidental. Todavia, esses movimentos no mundo e na cultura não são a bússola pela qual a Igreja determina seu norte — e, sim, a Palavra de Deus. Em muitas culturas, a legislação tem sancionado coisas que estão em contradição com os valores bíblicos, como aborto, eutanásia, uniões homossexuais, uso de drogas etc. A Igreja deve ter uma posição crítica da cultura, tendo como referencial a Palavra de Deus.

O João me disse, ainda, que você considera que o mais importante é o amor e a fidelidade e que argumentou também que existe muita gente casada, mas infeliz e infiel para com o cônjuge. Ricardo, é um jogo perigoso tentar justificar um erro com outro. Gente casada que é infiel não serve de desculpas para quem quer viver com outra pessoa sem se casar com ela. Além do mais, como pode existir o conceito de fidelidade numa união que não tem caráter oficial nem legal e que não teve juramentos solenes feitos diante de Deus e das autoridades constituídas? Mesmo que você e sua namorada façam uma "cerimônia" particular, na qual só vocês dois estão presentes e onde se casem a si mesmos diante de Deus — qual a validade disso? As promessas de fidelidade trocadas por pessoas não casadas têm tanto valor quanto um contrato de gaveta. Lembre-se inclusive de que não é a igreja que casa, e sim o Estado. Naqueles casamentos religiosos com efeito civil, o pastor ou padre está agindo com procuração do juiz.

Não posso deixar de mencionar aqui que, na Bíblia, o casamento é constantemente referido como uma aliança

Pastor Digital Elifonde Dias

(Ez 16:59-63). Deus é testemunha dessa aliança feita no casamento, a qual também é chamada de "aliança de nossos pais", uma referência ao seu caráter público (não deixe de ler Ml 2:10-16).

Não fiquei nem um pouco surpreso com o seu outro argumento para fazer sexo com sua namorada, que foi: "é importante conhecer bem a pessoa antes do casamento". Já ouvi esse argumento dezenas de vezes. E sempre o considerei uma burrice — mais uma vez, desculpe-me a franqueza. Em que sentido ter relações sexuais com sua namorada vai lhe dar um conhecimento dela que servirá para determinar se o casamento dará certo ou não? Embora o sexo seja uma parte muito importante do casamento, o que faz um casamento funcionar são os relacionamentos pessoais, a tolerância, a compreensão, a renúncia, o amor, a entrega, o compartilhar... você pode descobrir antes do casamento que sua namorada é muito boa de cama, mas não é o desempenho sexual de vocês que vai manter ou salvar seu casamento. Esse argumento parte de um equívoco fundamental com relação à natureza do casamento e, no fim, nada mais é que uma desculpa tola para comerem a sobremesa antes do almoço.

Agora, o pior que ouvi foi a sua declaração de que "a graça de Deus tolera esse comportamento". Acho esse o pior argumento de todos, porque revela uma falha séria em seu pensamento, que é tomar a graça de Deus como desculpa para um comportamento imoral. Esse sempre foi o argumento dos libertinos ao longo da história da Igreja. O escritor bíblico Judas, irmão de Tiago, enfrentou os libertinos de sua época chamando-os de "homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único soberano e Senhor,

Pastor Digital

Jesus Cristo" (Jd 4). Esse é o caminho de Balaão, "o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição" (Ap 2:14). É a doutrina da prostituta-profetisa Jezabel, que seduzia os cristãos "a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos" (Ap 2:20) e a conhecer "as coisas profundas de Satanás" (Ap 2:24).

Como seu amigo e pastor, Ricardo, permita-me exortá-lo a cair fora dessa forma libertina de pensar antes que sua consciência seja cauterizada pelo engano do pecado (Hb 3:13). Ainda há tempo para arrependimento e mudança de atitude. A abstinência sexual é o caminho de Deus para os solteiros, e esse estilo de vida é perfeitamente possível pelo poder do Espírito, ainda que aos olhos de outros seja a coisa mais careta e retrógrada que exista. Se você realmente pensa em casar com a Raquel e constituírem família, o melhor caminho é pararem agora de ter relações e aguardarem o dia do casamento. Vocês devem confessar a Deus o seu pecado e um ao outro e, então, seguir o caminho da abstinência, com a graça de Deus.

Estou a sua disposição para conversarmos pessoalmente. Traga a Raquel também. Estou orando por vocês.

Um grande abraço,

Pr. Augustus

Pastor Digital

capítulo quinze

Reprimir o desejo sexual faz mal

Quando o capítulo anterior, "Carta a um jovem evangélico que faz sexo com a namorada", foi publicado pela primeira vez como um *post* na internet, recebi diversos comentários de gente irada (muitos deles impublicáveis). A maioria deles argumentava que a abstinência sexual provoca traumas e neuroses nos jovens. Ou seja, passar a adolescência e a juventude sem ter relações sexuais faz que os evangélicos fiquem traumatizados, perturbados mental e espiritualmente, reprimidos e recalcados.

Esse raciocínio tem sua origem mais recente nas ideias do famoso Sigmund Freud (1856-1939). Para ele, o sexo era o fator dominante na etiologia das neuroses, e o desejo sexual era a motivação quase exclusiva para o comportamento das pessoas. No início, Freud falava que o ser humano, até biologicamente (todos os seres vivos, no final), viveria sua existência na tensão entre dois princípios, ou instintos, primordiais: o princípio do prazer (instintivo e ligado ao id, às vezes relacionado

Pastor Digital

com a libido) e o princípio da realidade (a limitação do prazer para tornar a vida possível, princípio ligado mais ao amadurecimento e, às vezes, ao superego). Mais tarde (na publicação de *Além do princípio de prazer*, 1920), ele passou a falar em outros dois princípios mais amplos, o princípio de vida e o princípio de morte, os quais ele denominou de *eros* e *tanatos*, como os dois princípios que geram a tensão que move o ego. De qualquer modo, tanto o princípio do prazer quanto *eros* (princípio de vida) eram, para Freud, princípios instintivos, ligados à preservação da vida e da espécie, e sempre conectados ao apetite sexual (v. *Os instintos e suas vicissitudes*, 1915).

Nem as crianças estariam livres desse apetite sexual instintivo — elas desejariam sexualmente seus pais. Freud apelou aqui para o complexo de Édipo, em que o filho deseja sexualmente a mãe, e o complexo de Electra, a inveja que a menina tem do pênis do menino. Naturalmente, quando esses desejos sexuais eram interrompidos, resistidos, negados, o resultado eram as neuroses, os traumas. As obras mais conhecidas em que Freud sustenta seus argumentos são *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908) e *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919), em que ele defende o surgimento das neuroses como resultado da repressão do desejo sexual.

Em que pese a importância de Freud, suas ideias e seu modelo têm sido largamente criticados e rejeitados por muitos estudiosos competentes. Todavia, algumas de suas teses — como essa de que a repressão sexual é a causa de todas as neuroses e distúrbios — acabou se popularizando e é repetida por muitos que nunca realmente se preocuparam em examinar o assunto mais de perto.

Pastor Digital

Vou dizer por que considero esse argumento apenas como mais uma desculpa de libertinos que procuram se justificar diante de Deus, da igreja e de si mesmos pelo fato de terem relações sexuais antes e fora do casamento. Ou, pelo menos, por defenderem essa ideia.

1. Esse argumento parte do princípio de que os evangélicos conservadores são contra o sexo. Já desisti de tentar mostrar aos libertinos que essa ideia é uma representação falsa da visão cristã conservadora sobre o assunto. Nós não somos contra o sexo em si. Somos contra o sexo fora do casamento, pois entendemos que as relações sexuais devem ser desfrutadas somente por pessoas legitimamente casadas. Foi o próprio Deus que nos criou sexuados. E ele criou o sexo não somente para a procriação, mas como meio de comunhão, comunicação e prazer entre marido e mulher.

Há muitas passagens na Bíblia que se referem às relações sexuais entre marido e mulher como fonte de prazer e alegria. O livro de Cântico dos Cânticos trata abertamente desse ponto. Em Provérbios, encontramos passagens como esta:

> Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, corça de amores e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias.
>
> 5:18-19

Não, não acredito que o sexo seja somente para a procriação. Não, não sou contra planejamento familiar e o uso de meios preventivos da gravidez, desde que não sejam abortivos.

Pastor Digital

Sim, o sexo é uma bênção, desde que usado dentro dos limites estabelecidos pelo Criador.

2. O argumento de que reprimir o desejo sexual causa traumas, no fundo, acaba colocando a culpa em Deus, na Bíblia e na Igreja de serem uma fábrica de neuróticos reprimidos. Sim, pois a Bíblia ensina claramente a abstinência, a pureza sexual e a virgindade para os que não são casados, conforme argumentei no texto anterior, "Carta a um jovem evangélico que faz sexo com a namorada". Se a abstinência sexual antes do casamento traz transtornos mentais e emocionais, deveríamos considerar esses ensinamentos da Bíblia como radicais, antiquados e inadequados, portanto como meras ideias humanas de pessoas que viveram numa época pré-Freud — e, como tais, deveriam ser rejeitadas e descartadas como palavra de homem, e não palavra de Deus. Ao fim, a contenção dos libertinos é mesmo contra a Bíblia e contra Deus.

3. Bem, para esse argumento ser verdadeiro, teríamos de verificá-lo estatisticamente, na prática. Pesquisa alguma vai mostrar que existe uma relação direta de causa e efeito entre abstinência antes do casamento e distúrbios mentais, neuroses e coisas afins. Da mesma forma que nenhuma pesquisa vai mostrar que os jovens que praticam sexo livre antes do casamento são equilibrados, sensatos, sábios e inteligentes. Pode ser que até se prove o contrário. Os tarados, estupradores e maníacos sexuais não serão encontrados no grupo dos virgens e abstinentes. Talvez fosse interessante mencionar nesse contexto o estudo conduzido na Universidade de Minnesota por Ann Meier.[3] De acordo com as pesquisas, o sexo estava associado à autoestima baixa e depressão em

Pastor Digital

garotas que iniciaram as relações sexuais (entre os 15 e os 17 anos, em média) sem relacionamento afetivo ou romântico.

4. A coisa toda é muito ridícula. Funciona mais ou menos assim: os libertinos tendem a considerar todo distúrbio que encontram como resultado de repressão dos desejos sexuais, mas o fazem não porque têm estatísticas, experiências ou históricos que provam tal teoria, mas porque "Freud explica". Em vez de considerarem que esses distúrbios podem ter outras causas, seguem sem questionar a tese de Freud de que tudo é sexo, desde o menininho de um ano chupando dedo até o complexo de Édipo.

O próprio Freud, na fase mais amadurecida de sua carreira, questiona-se na obra *Além do princípio de prazer*, publicada originalmente em 1920:

> A essência de nossa investigação até agora foi o traçado de uma distinção nítida entre os "instintos do ego" e os instintos sexuais, e a visão de que os primeiros exercem pressão no sentido da morte e os últimos no sentido de um prolongamento da vida. Contudo, essa conclusão está fadada a ser insatisfatória sob muitos aspectos, mesmo para nós.

5. Embora a decisão de preservar-se para o casamento vá provocar lutas e conflitos internos no coração e na mente dos jovens evangélicos, esses conflitos nada mais são que a luta normal que todo cristão verdadeiro enfrenta para viver uma vida reta e santa diante de Deus, mortificando o pecado e se revestindo diariamente de Cristo (Rm 3; Cl 3; Ef 4—5). Fugir das paixões da mocidade foi o mandamento de Paulo ao jovem Timóteo (2Tm 2:22). Esse combate contra a nossa

Pastor Digital

natureza carnal não provoca traumas, neuroses, recalques e distúrbios. Ao contrário, nos ensina paciência, perseverança, a amar a pureza e a apreciar as virtudes, o que significa tomar diariamente a cruz, como Jesus nos mandou (Lc 9:23). Os que não querem tomar o caminho da cruz, entram pela porta larga e vivem para satisfazer seus desejos e instintos.

Por esses motivos acima e por outros que poderiam ser acrescentados, considero esse argumento — de que a abstenção das relações sexuais antes do casamento provoca complexos, neuroses, recalques — como nada mais que uma desculpa para aqueles que querem viver na fornicação. Não existe realmente substância e fundamento para essa ideia, a não ser o desejo de justificar-se diante de uma consciência culpada, da opinião contrária de outros ou dos ensinamentos das Escrituras.

Pastor Digital

capítulo dezesseis

Vergonha de ser virgem

Alguns anos atrás, fiquei estarrecido com uma estatística publicada por uma revista evangélica após entrevistas feitas com jovens evangélicos de 22 denominações. Esses entrevistados, a grande maioria composta de solteiros, haviam nascido em lar evangélico e eram frequentadores regulares de igrejas. De acordo com a pesquisa, 52% deles já haviam tido relações sexuais. Destes, cerca da metade mantinha uma vida sexual ativa com um ou mais parceiros. A idade média em que perderam a virgindade era de catorze anos para os rapazes e de dezesseis anos para as moças.

Essa reportagem foi publicada em setembro de 2002. Desconfio que os números se mostrarão ainda mais estarrecedores se forem atualizados.

Sexo é uma bênção a ser desfrutada — somente no casamento. Namorados que praticam relações sexuais estão pecando contra a Palavra de Deus. Mesmo que não tenhamos um versículo que diga "é proibido o sexo pré-marital" (desnecessário na época em que a Bíblia foi escrita, visto que na cultura

Pastor Digital

do antigo Oriente não existia namoro, noivado, ficar etc.), é evidente que a visão bíblica do casamento é de uma instituição divina da qual o sexo é uma parte integrante e essencial.

Como evidência disso, transcrevo abaixo alguns textos que mostram que contrair matrimônio e casar era uma instituição oficial entre o povo de Deus. E o ambiente próprio para desfrutar o sexo:

> ... nem contrairás matrimônio com os filhos dessas nações.
>
> Deuteronômio 7:3

> ... Majorai de muito o dote de casamento e as dádivas, e darei o que me pedirdes; dai-me, porém, a jovem por esposa.
>
> Gênesis 34:12

> ... e lhe dará uma jovem em casamento...
>
> Deuteronômio 11:17

> ... Respondeu-lhes Jesus: Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?
>
> Mateus 9:15

> ... nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento.
>
> Mateus 24:38

> ... Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento.
>
> João 2:1-2

Pastor Digital

... Estás livre de mulher? Não procures casamento.

1Coríntios 7:27

... Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento...

1Timóteo 4:1-3

... Se um homem casar com uma mulher, e, depois de coabitar com ela, a aborrecer, e lhe atribuir atos vergonhosos, e contra ela divulgar má fama, dizendo: Casei com esta mulher e me cheguei a ela, porém não a achei virgem...

Deuteronômio 22:13-14

... qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.

Mateus 5:32

... Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.

Mateus 19:10

... Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.

1Coríntios 7:9

... Mas, se te casares, com isso não pecas; e também, se a virgem se casar, por isso não peca.

1Coríntios 7:28

Pastor Digital

... A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor.

1Coríntios 7:39

... ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isso disseste com verdade.

João 4:17-18

... alguém [o presbítero e/ou pastor] que seja irrepreensível, marido de uma só mulher...

Tito 1.6

... quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido.

1Coríntios 7:1-2

... Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros.

Hebreus 13:4

... que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos

Pastor Digital Edjonde Melo

> claramente, é o vingador, porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação.
>
> 1Tessalonicenses 4:4-7

As passagens acima (e há muitas outras) mostram que casar, ter esposa, contrair matrimônio é o caminho prescrito por Deus para quem não quer ficar solteiro ou permanecer viúvo. O casamento era, sim, uma instituição oficial em meio ao povo de Deus. As relações sexuais fora do casamento nunca foram aceitas, quer em Israel, quer na igreja primitiva, a julgar pela quantidade de leis contra a fornicação e a impureza sexual e pelas leis e exemplos que fortalecem o casamento como instituição para o povo de Deus em todas as épocas.

O ônus de provar que namorados podem ter relações sexuais como uma coisa normal é dos libertinos. Posso justificar-me biblicamente diante de Deus por viver com minha namorada como se ela fosse minha esposa, não sendo casados? Como eu lido com essa evidência massiva de que o casamento é a alternativa bíblica para quem não quer ficar solteiro ou viúvo?

As perguntas do tipo "quem casou Adão e Eva?" demonstram o grau de má vontade e a disposição do coração de continuar na prática da fornicação, mesmo diante da resposta: "O caso de Adão e Eva não é nosso paradigma, a não ser que você tenha sido feito diretamente do barro por Deus, e sua namorada tenha sido tirada de sua costela. Se não foi, então você deve se sujeitar ao paradigma que Deus estabeleceu para toda a raça humana, para os descendentes de Adão e Eva, que é contrair matrimônio, casar-se, um compromisso público diante das autoridades civis".

Pastor Digital

Os demais argumentos, como este: "é melhor que os namorados cristãos tenham sexo responsável entre si do que procurar prostitutas etc.", nem merecem resposta. O que falta realmente é domínio próprio, castidade, submissão à vontade de Deus, amor à santificação.

Chegamos ao ponto de as moças e os rapazes cristãos terem vergonha de dizer, até mesmo aos amigos cristãos, que são virgens.

Tenho compaixão dos jovens e adolescentes de nossas igrejas, mas sinto uma santa ira contra os libertinos, que pervertem a graça de Deus, pessoas ímpias, que desviam nossa juventude para esse caminho. Contudo, "A vingança pertence ao Senhor" (Rm 12:19).

Pastor Digital

Ainda os neopuritanos e os fundamentalistas

QUARTA PARTE

Pastor Digital

capítulo dezessete

Carta a Jean Martin Ulrico

O rev. Jean Martin Ulrico é um pastor fictício. A correspondência, por sua vez, se baseia em fatos bem reais.

Meu caro Jean Martin Ulrico,

Somente hoje pude ler a sua mensagem. Ao fazê-lo, lamentei tomar conhecimento de que os atritos entre você e o conselho da igreja tenham piorado. Todavia, era esperado que a liderança de sua igreja, bem como grande parte dela, estranhasse as mudanças que você vem tentando fazer no culto nos últimos meses, como fruto da mudança que ocorreu em sua vida depois que abraçou o neopuritanismo.

Foi com pesar, Jean Martin, que acompanhei sua adesão gradual a essas ideias nos últimos meses e as suas tentativas de impô-las a sua igreja, tendo como resultado o atual conflito em que vive. Receio que este conflito venha a minar seu pastorado e prejudicar a boa abertura que você vinha tendo para difundir a fé reformada em sua igreja.

Pastor Digital

Eu me recordo quando o termo "neopuritano" passou a ser usado aqui no Brasil. Acho que você nem estava ainda no seminário. Foi quando um grupo de irmãos reformados passou a defender zelosamente certas práticas litúrgicas que vieram a considerar essenciais para a reforma do culto e da adoração correta a Deus, como a abolição dos instrumentos musicais, corais e grupos de louvor, bem como a abolição de qualquer outro louvor que não fossem os salmos, de preferência aqueles metrificados do Saltério genebrino. A isso, acrescentou-se a proibição da mulher cristã orar no culto e a ensinar qualquer outra classe que não fosse a das crianças. Alguns deles chegam a defender o uso do véu ou chapéus por parte das mulheres durante as reuniões públicas, como ocorre em algumas igrejas neopuritanas contemporâneas em países de língua inglesa. Outros chegaram até mesmo a proibir que a mulher orasse em família, se o marido estivesse presente. Começaram a classificar o culto prestado nas igrejas reformadas e suas coirmãs como corrompido e desfigurado.

Quando eu escrevi na semana passada que você estava virando neopuritano, você reclamou, dizendo que rotulações são injustas e cobrou que eu definisse o rótulo "neopuritano". OK, vamos lá. Esse designativo surgiu da necessidade de deixar claro que aquilo que esse grupo novo estava disseminando no Brasil não era a essência da Reforma Protestante, nem mesmo o consenso entre os reformados e antigos puritanos. Era preciso evitar que os sentimentos de forte rejeição aos ensinamentos desse grupo se estendessem às próprias doutrinas da Reforma, e havia, portanto, a necessidade de descolá-los das grandes doutrinas da graça características da Reforma.

O título "neopuritanos" passou a ser usado, então, para identificar os aderentes a essas práticas. O objetivo era

Pastor Digital

caracterizá-los como parte de um movimento distinto dentro das igrejas reformadas, que, por um lado, deseja ter ligações com os antigos puritanos — no que os reformados em geral concordam —, mas que, por outro, representa o ressurgimento das práticas de alguns grupos radicais dentre os puritanos. Ou seja, tais práticas nunca foram consenso entre eles nem foram jamais aceitas por denominações presbiterianas e reformadas ao redor do mundo. Quando muito, estão restritas a algumas pequenas comunidades reformadas na Europa e nos Estados Unidos.

Eu sei que nenhuma rotulação é boa, mas, às vezes, infelizmente, acaba se tornando útil. A utilidade nesse caso foi de permitir que se diga "sou reformado, porém não sou neopuritano". Também estou ciente de que você e outros rejeitam veementemente esta rotulação e não se entendem como tais. Antes, se veem como os verdadeiros presbiterianos, estando todos os demais errados, inclusive aqueles que comungam com vocês de posições teológicas bíblicas e conservadoras, o que torna ainda mais difícil o diálogo e o esclarecimento das ideias. Eu mesmo tenho um bom relacionamento com vários desses irmãos neopuritanos, mas tenho experimentado essa dificuldade.

Não nego, caro Jean Martin, que você está correto em vários pontos. Concordo com você que igrejas reformadas e denominações históricas no Brasil têm admitido no culto a Deus elementos estranhos às Escrituras e tornado o culto em um exercício antropocêntrico. Concordo que é preciso purificar o serviço divino desses acréscimos humanos. Você está certo quando me lembra de nossa herança puritana. É fato histórico que a Confissão de Fé de Westminster, adotada como padrão doutrinário por todas as igrejas presbiterianas do mundo, foi escrita pelos puritanos. Todavia, pondere no que vou dizer em seguida.

Pastor Digital

Lembre-se que o nosso imenso Brasil, infelizmente, ainda está longe de conhecer a Reforma Protestante e suas principais doutrinas, resumidas nos *solas* ou nos cinco pontos do calvinismo. Se, em vez de pregar essas idiossincrasias de alguns grupos puritanos e querer impô-las a sua igreja, você tivesse se concentrado em pregar as grandes doutrinas da graça, prestaria um enorme serviço ao reino de Deus. Como está, infelizmente, você só conseguiu provocar polêmicas, discórdias e dissensões dentro da sua igreja, criando uma *eclesiola in eclesia* (igrejinha dentro da igreja).

Segundo, não esqueça que você é pastor de uma denominação que adota decisões de seus concílios como regra para todas as igrejas e membros. Há muitas decisões da sua igreja que deixam claro que aceita corais, orquestras, instrumentos musicais, o ministério não ordenado das mulheres, o cântico de hinos e outras composições, como também as celebrações das datas do calendário eclesiástico. Em *e-mails* anteriores você reclamou de pastores e presbíteros liberais e pentecostais dentro da sua igreja que não honram os votos que fizeram por ocasião da sua consagração aos ofícios eclesiásticos de se submeterem às decisões da denominação. Contudo, você também fez os mesmos juramentos. Não há uma incoerência nisso?

Jean, meu conselho é que você não vá adiante nessa tentativa de mudar as coisas a ferro e fogo. Se suas convicções o impedem realmente de acatar a liturgia da sua igreja, trate desse assunto com a liderança de sua denominação, o presbitério, e busque orientação aos concílios quanto ao que fazer. Receba meus conselhos como de um pai — afinal, tenho idade para isso.

Um grande abraço,
Augustus

Pastor Digital

capítulo dezoito

Não sou totalmente contra o Natal

Como todos os cristãos em geral, sou contra a secularização do Natal, o comércio que se faz em torno da data, as festas e bebedeiras que ocorrem na época. Todos sabemos que Papai Noel, árvores de Natal, guirlandas, bolinhas brilhantes e coloridas, bengalinhas de açúcar e anjinhos pendurados nas árvores, nada disso faz parte do Natal. São acréscimos culturais e pagãos feitos ao longo dos séculos e certamente não pelos verdadeiros cristãos.

Por isso, acho que não deveríamos ter nos cultos de Natal de nossas igrejas nenhum desses símbolos, desde Papai Noel até a árvore. Há quem pense diferente. Ellen White, profetisa-mor do adventismo, ensinava que se deveria ter uma árvore de Natal no culto e que esta poderia ser enfeitada durante a celebração. "Deus muito se alegraria se no Natal cada igreja tivesse uma árvore de Natal sobre a qual pendurar ofertas, grandes e pequenas, para essas casas de culto".[4] Sou veementemente contra essa ideia.

Pastor Digital

Também sou contra fazer de 25 de dezembro uma espécie de dia "santo". Para nós, há somente um dia "santo", por assim dizer, que é o domingo, o dia do Senhor. A maioria dos cristãos esclarecidos sabe que a data 25 de dezembro foi escolhida depois do período dos apóstolos, por três razões: para substituir as celebrações pagãs da Saturnália, substituir as celebrações do solstício do inverno, quando era adorado o Sol Invicto, e por ser a data de aniversário do imperador Constantino. Todos estão conscientes de que Jesus pode não ter nascido — e provavelmente não nasceu — nessa data. Ela é uma convenção apenas, aceita pela cristandade desde os tempos antigos.

Por causa dos abusos, dos acréscimos pagãos e do desvirtuamento do sentido, muitos da própria cristandade têm se posicionado ao longo do tempo contra toda e qualquer celebração natalina. Posso entender perfeitamente seus argumentos. Um bom número de seitas, por exemplo, insiste em que o Natal é uma festa pagã e que todos os verdadeiros cristãos deveriam afastar-se dela.

As Testemunhas de Jeová estão entre as que atacam de maneira mais ferrenha as festividades natalinas. Num artigo intitulado "Crenças e costumes que desagradam a Deus", as Testemunhas de Jeová argumentam: "Jesus não nasceu em 25 de dezembro. Ele nasceu por volta de 1° de outubro, época do ano em que os pastores mantinham seus rebanhos ao ar livre, à noite (Lc 2:8-12). Jesus nunca ordenou que os cristãos celebrassem seu nascimento. Antes, mandou que comemorassem ou recordassem sua morte (Lc 22.19,20)".[5] Todavia, considerando a rejeição aberta e agressiva que as Testemunhas de Jeová mantêm contra a encarnação e a divindade de Jesus Cristo, não se poderia esperar outra atitude delas.

Pastor Digital Elifranio Dias

Mais recentemente, igrejas e pregadores neopentecostais passaram também a atacar duramente os cultos natalinos. Os argumentos são similares aos das seitas, só que com mais ênfase no caráter pagão-satânico do "bom velhinho". O ataque é resultado da visão dicotomizada de mundo, típica dos pentecostais (não a todos, obviamente), e faz parte das críticas que fazem aos programas da Disney, às cartas de baralho, às mensagens satânicas subliminares em músicas de *rock* etc., o que enfraquece bastante a força dos seus ataques ao Natal.

Os abusos e distorções também têm provocado reação contrária de pastores e estudiosos reformados nos dias atuais, muitos deles associados ao chamado movimento neopuritano. Os argumentos são basicamente os mesmos empregados pelas seitas e pelos neopentecostais, sem que, com isso, queiramos comparar ou assemelhar esses grupos: falta de prescrição bíblica, incerteza da data exata do nascimento, origem pagã da festa e introdução de elementos pagãos ao longo do tempo.

Estou de acordo com as críticas feitas aos abusos e distorções. Entretanto, acredito que precisamos jogar fora somente a água suja da banheira, e não o bebê. Penso que a realização de um culto a Deus em gratidão pelo nascimento de Jesus Cristo nessa época do ano, como parte do calendário de ocasiões especiais da cristandade, se encaixa bem no espírito cristão.

Além disso, alguns dos argumentos usados para a cessação total da realização de cultos dessa ordem não me parecem persuasivos.

Por exemplo, o argumento do silêncio da Bíblia, usado quanto às prescrições de comemorar o nascimento de Jesus, para mim não é definitivo. A Bíblia silencia quanto a muita

Pastor Digital

coisa que é praticada nos cultos das seitas, dos neopentecostais e mesmo dos neopuritanos. Se formos interpretar e aplicar o chamado "princípio regulador" de modo estrito, teremos de abolir não somente os cultos natalinos, mas práticas como batizar membros durante o culto (não há um único caso de alguém que foi batizado durante um culto no Novo Testamento), só para dar um exemplo. Eu sei que a celebração dos anjos e pastores na noite do nascimento de Jesus, bem como a atitude dos magos posteriormente, não são argumentos suficientes para estabelecermos cultos natalinos, mas pelo menos mostram que não é errado nos alegrarmos com o nascimento do Salvador.

Argumentos usados por neopuritanos de que os reformadores, puritanos e presbiterianos antigos eram contra o Natal também não são finais. A começar pela falibilidade das opiniões deles, especialmente em áreas nas quais as Escrituras não tinham muita coisa a dizer. Há muita manipulação das opiniões desses antigos heróis da fé pelos seus seguidores hoje. Quando eles concordam, são citados. Quando discordam, são esquecidos. Aliás, não tenho certeza de que Calvino era contra cultos em ocasiões especiais do calendário cristão.

A questão toda, ao final, é quanto ao calendário litúrgico, isto é, a validade ou não das igrejas cristãs realizarem cultos temáticos alusivos às datas tradicionais da cristandade, como o nascimento de Jesus, sua paixão, morte e ressurreição, Pentecoste etc. Nenhum cristão sério e esclarecido realmente coloca 25 de dezembro como um dia santo, em mesmo pé de igualdade com o domingo. Trata-se de uma data do calendário litúrgico cristão, que pode ou não ser usada como uma ocasião propícia. As grandes confissões reformadas consentem

Pastor Digital

no uso dessas datas. A Confissão de Fé de Westminster diz que "... são partes do ordinário culto de Deus, além dos juramentos religiosos: votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso."[6] A Segunda Confissão Helvética de 1562, produzida sob supervisão de Bullinger, discípulo de Calvino, declara (XXIV): "Ademais, se, na liberdade cristã, as igrejas celebram de modo religioso a lembrança do nascimento do Senhor, a circuncisão, a paixão, a ressurreição e sua ascensão ao céu, bem como o envio do Espírito Santo sobre os discípulos, damos-lhes plena aprovação".[7] A velha Igreja Reformada Holandesa, no famoso Sínodo de Dort (1618-1619), adotou uma ordem para a igreja que incluía a observância de vários dias do calendário cristão, inclusive o nascimento de Jesus (art. 67). Isso mostra que, no mínimo, muitos reformados eram favoráveis à celebração de datas especiais do calendário litúrgico cristão.

Por fim, creio, também, que a celebração do Natal no calendário cristão encaixa-se perfeitamente com a celebração dos grandes eventos da redenção pela oportunidade de esclarecer a doutrina da encarnação (Jo 1:1-4,14). Afinal, o que deve ser celebrado não é simplesmente o nascimento de Jesus, mas a encarnação do Verbo de Deus, a vinda do Emanuel para a libertação do seu povo. Pode-se argumentar que essa doutrina (e outras quaisquer) pode ser ensinada e celebrada regularmente pelo povo de Deus, em qualquer domingo.

Mas o argumento contrário também poderia ser usado: deveríamos parar de celebrar qualquer culto que não seja aos domingos?

Pastor Digital

capítulo dezenove

O calvinismo segundo eu entendo

O calvinismo está entre as tradições religiosas mais mal compreendidas da história da Igreja. Sei perfeitamente que alguns calvinistas fizeram por merecer. Há calvinistas que defendem suas convicções sem caridade, gentileza e sensibilidade para com quem diverge. Outros não conseguem sequer ouvir quem não seja calvinista. Não considero essas atitudes como intrínsecas ao calvinismo. As pessoas são assim porque lhes faltam domínio próprio e humildade, e não porque são calvinistas. Não há nada no calvinismo que exija que calvinistas sejam rudes, intransigentes, mal educados, excessivamente críticos e arrogantes.

Entretanto, boa parte das acusações que têm sido feitas aos calvinistas, além de serem generalizações injustas, parecem proceder de uma falta de conhecimento adequado do que os calvinistas realmente acreditam. Como não falo por todos, vou dizer o que eu penso sobre alguns desses pontos mais polêmicos.

Pastor Digital

Para começar, o calvinismo não é um bloco monolítico. Há várias correntes dentro dele. Todas se veem como legítimas herdeiras do legado de João Calvino, desde presbiterianos liberais até puritanos modernos e neopuritanos. Considero-me um calvinista dentro da tradição teológica que elaborou, e até hoje mantém, a Confissão de Fé de Westminster, muito similar às demais confissões reformadas dos batistas, congregacionais, episcopais e reformados.

O que se segue é o que entendo ser o calvinismo no que se refere à salvação do ser humano.

1. Creio que Deus predestinou tudo o que acontece, mas não sou determinista. O Deus que determinou todas as coisas é um Deus pessoal, inteligente, que traçou seus planos infalíveis levando em conta a responsabilidade moral de suas criaturas. Ele não é uma força impessoal, como o destino. Não creio que os atos da vontade e da liberdade humanas sejam mera ilusão e que nossa sensação de liberdade ao cometê-los seja uma farsa, como o determinismo sugere. Eu acredito que as nossas decisões e escolhas são bem reais e que fazem a diferença. Elas não são uma brincadeira de mau gosto da parte de Deus. Os hipercalvinistas são deterministas quando negam a responsabilidade humana ou pregam a passividade dos cristãos diante de um futuro inexorável. Por desconhecer essa distinção, muitos pensam que todos os calvinistas são deterministas e que eles veem o homem como um mero autômato.

2. Creio que Deus é absolutamente soberano e onisciente, sem que isso, contudo, anule a responsabilidade do homem diante dele. Para mim, isso é um mistério sem solução debaixo do sol. Não sei como Deus consegue ser soberano sem

Pastor Digital

que a vontade de suas criaturas seja violentada. Apesar disso, convivo diariamente com essas duas verdades, pois vejo que estão reveladas lado a lado nas Escrituras, às vezes num mesmo capítulo e até num mesmo versículo (At 2:23)!

3. Encaro a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana como parte dos mistérios acerca do ser de Deus, como a doutrina da Trindade e das duas naturezas de Cristo. A soberania de Deus e a responsabilidade humana têm de ser mantidas juntas num só corpo, sem mistura, sem confusão, sem fusão e sem diminuição de ambas.

4. Creio que Deus predestinou desde a eternidade aqueles que irão se salvar e, ao mesmo tempo, oro pelos perdidos, evangelizo e contribuo para a obra missionária. Grandes missionários da história eram calvinistas convictos. Calvinistas pregam sermões evangelísticos e instam para que os pecadores se arrependam e creiam. Após minha conversão, e já calvinista, trabalhei como evangelista e plantador de igrejas durante vários anos, em Pernambuco. Nunca as minhas convicções sobre a predestinação me impediram de ir de porta em porta, oferecendo o evangelho de Cristo a todos, sem exceção.

5. Creio que Deus já sabe, mas oro assim mesmo. Sei que ele ouve e responde e que minhas orações fazem a diferença. Contudo, sei que ao final, por meio de minhas orações, Deus terá realizado toda a sua vontade. Não sei como ele faz isso. Mas não me incomoda nem um pouco. Não creio que minha oração seja um movimento ilusório no tabuleiro da predestinação divina.

6. Não creio que Deus predestinou todos para a salvação. Da mesma forma, não creio que ele foi injusto nem fez acepção de pessoas para com aqueles que não foram eleitos. Não creio

Pastor Digital

que Deus tenha predestinado inocentes ao inferno, pois não há inocentes entre os membros da raça humana, nem que ele tenha deixado de conceder sua graça a pessoas que mereciam recebê-la, pois igualmente não há pessoa alguma que mereça qualquer coisa de Deus, a não ser a justa condenação por seus pecados. Deus predestinou para a salvação pecadores perdidos, merecedores do inferno. Ao deixar de predestinar alguns, ele não cometeu injustiça alguma, no meu entender, pois não tinha nenhuma obrigação moral, legal ou emocional de lhes oferecer qualquer coisa. Penso assim, pois entendo que a queda de Adão veio antes da predestinação na sequência lógica (não na sequência histórica) em que Deus elaborou o plano da salvação.

7. Creio que Deus sabe o futuro, não porque previu o que iria acontecer, mas porque já determinou tudo o que acontecerá. Por isso, entendo que a presciência de que a Bíblia fala é decorrente da predestinação, e não o contrário. Quem nega a predestinação e insiste somente na presciência de Deus com o alvo de proteger a liberdade do homem tem muitos problemas. Quem criou o que Deus previu? E, se Deus conhece antecipadamente a decisão livre que um homem vai tomar no futuro, então ela não é mais uma decisão livre. Nesse ponto, reconheço a coerência dos socinianos e dos teólogos relacionais, que sentiram a necessidade de negar não somente a soberania, mas também a presciência de Deus, para poderem afirmar a plena liberdade humana.

8. Creio que, apesar de ter decretado tudo o que existe desde a eternidade, Deus acompanha a execução de seus planos dentro do tempo e se comunica conosco nessa condição. Quando a Bíblia fala de um jeito que parece que Deus

Pastor Digital

não conhece o futuro e que muda de ideia o tempo todo, é Deus falando como se estivesse dentro do tempo e acompanhando em sequência, ao nosso lado, os acontecimentos. É a única maneira pela qual ele pode se fazer compreensível a nós. Quem melhor explica isso é John Frame, no livro *Não há outro Deus*. Minha esposa teve o privilégio de traduzir, e eu, de prefaciar, essa obra, a primeira em português a combater a teologia relacional.

9. Creio que Deus é soberano e bom, mas não tenho respostas lógicas e racionais para a contradição que parece haver entre um Deus soberano e bom que governa totalmente o universo, por um lado, e, por outro, a presença do mal nesse universo. Diante da perversidade e dos horrores deste mundo, alguns dizem que Deus é soberano, mas não é bom, pois permite tudo isso. Outros, que ele é bom, mas não é soberano, pois não consegue impedir tais coisas. Para mim, a Bíblia diz claramente que Deus não somente é soberano e bom, mas que ele é santo e odeia o mal. Ao mesmo tempo, a Bíblia reconhece a presença do mal no mundo e a realidade da dor e do sofrimento que esse mal traz. Ainda assim, não oferece nenhuma explicação sobre como essas duas realidades podem existir ao mesmo tempo. Simplesmente pede que as recebamos, creiamos nelas e que vivamos na certeza de que um dia Deus haverá de extinguir completamente o mal e seus efeitos neste mundo.

10. Estou convencido de que o calvinismo é o sistema doutrinário mais próximo daquele ensinado na Bíblia, ao mesmo tempo que confesso que ele não tem todas as respostas. Todavia, estou convencido de que os demais sistemas têm menos respostas ainda. Leio autores das mais diferentes persuasões

Pastor Digital

teológicas. Às vezes, tenho sido mais desafiado e tenho aprendido mais com livros de outras tradições. Não deixo de ouvir alguém somente porque não é calvinista. Há calvinistas que não são assim; contudo, é uma injustiça acusar todos de estreiteza, sectarismo, obscurantismo e preconceito.

Espero ter deixado claro que um calvinista, para mim, é basicamente um cristão que tem a coragem de aceitar as coisas que a Bíblia diz sobre a relação entre Deus e o homem e reconhecer que não tem explicações lógicas para todas elas. Para muitos, esse retrato é de alguém teologicamente fraco e no mínimo confuso. Mas, na verdade, é o retrato de quem deseja calar onde a Bíblia se cala.

Pastor Digital

capítulo vinte

Um credo para fundamentalistas brasileiros

É só uma sugestão. Acho que posso sugerir, pois fui criado numa denominação fundamentalista e, mesmo que não pertença a ela hoje, continuo a ser chamado assim. Portanto, segundo meus críticos, devo entender razoavelmente do assunto.

Creio na inerrância das Escrituras. Isso não quer dizer que eu creia que a Bíblia tenha sido ditada mecanicamente por Deus, que tenha caído pronta do céu, que sua linguagem seja científica, que não haja erros nas cópias, que as traduções sejam inerrantes (especialmente a King James), que as cópias em manuscritos existentes sejam infalíveis, que a Bíblia seja exaustiva e que tudo o que está na Bíblia seja fácil de entender e interpretar. Quer dizer que eu acredito que os manuscritos originais foram infalivelmente inspirados por Deus e que, em consequência, a Bíblia é verdadeira em tudo o que afirma. Creio que, pelas cópias existentes, podemos ter certeza quase plena do que havia nos originais e que muitas das

Pastor Digital

partes polêmicas e difíceis de interpretar não afetam a compreensão correta do todo.

Creio na divindade de Jesus Cristo. Isso não quer dizer que eu negue sua plena humanidade, a realidade de suas tentações, a sua preocupação com os pobres e as questões sociais. Não quer dizer que eu negue que ele foi gente de verdade, capaz de rir, de chorar, que passou por perplexidades e que aprendeu muita coisa gradativamente como as outras pessoas. Quer dizer tão somente que creio que ele era verdadeiro Deus e verdadeiro homem, embora eu não tenha todas as respostas para as perguntas levantadas pela doutrina das suas duas naturezas. Creio que sua morte na cruz tem eficácia para perdoar meus pecados, visto que não era um mero homem morrendo por suas próprias faltas. Sua vida, suas ações e seus movimentos podem servir de modelo para mim — embora sua religião não possa, pois ele não era cristão, como você poderá ler no capítulo "Jesus não era cristão" deste livro.

Creio em todos os milagres que a Bíblia relata. Isso não quer dizer que eu acredite que milagres acontecem todos os dias, que milagres contemporâneos sejam indispensáveis para que eu acredite em Jesus Cristo, que Deus cure somente pela fé e que tomar remédio e ir ao médico seja pecado. Também não quer dizer que eu acredite que os milagres narrados na Bíblia foram coincidências com fenômenos naturais, interpretados pelos antigos como ações de Deus. (Há quem pense que houve uma enchente de barro vermelho no Nilo que parecia sangue, um tremor de terra exatamente no mesmo momento em que Josué mandou tocar as trombetas em Jericó ou um eclipse na hora em que ele mandou o sol parar. Mas, eu não penso assim.) Quando digo que creio nos milagres da Bíblia, estou

Pastas Digital

querendo dizer que acredito que eles realmente aconteceram conforme estão escritos, que não são mitos, lendas, sagas, histórias ou *midrashim*. Creio que Deus, se quisesse, poderia fazê-los todos de novo hoje, apesar de que, mesmo assim, os incrédulos continuariam a procurar outras explicações.

Creio na ressurreição física de Cristo dentre os mortos. Isso não quer dizer que eu coloque o corpo acima do espírito, nem que eu seja um ingênuo que ignora o fato de que cadáveres não revivem cotidianamente. Também não quer dizer que eu ignore as tentativas de explicações alternativas existentes para o túmulo vazio, a falta do corpo de Jesus até hoje e a mudança de atitude dos discípulos. Não quer dizer igualmente que eu acredite que Jesus hoje apareça diariamente às pessoas. Contudo, eu creio que ele realmente ressurgiu dos mortos e que vive eternamente com aquele corpo ressurreto e glorioso, com o qual retornará em data não conhecida pela humanidade, para buscar os seus e julgar os demais. Creio que a ressurreição de Cristo é essencial para o cristianismo. Se Cristo não ressuscitou fisicamente dos mortos, o cristianismo é uma farsa.

Creio que somente mediante a fé em Jesus Cristo como único Senhor e Salvador é que as pessoas podem ser perdoadas e salvas. Isso não quer dizer que eu desconheça o fato de que existem pessoas de bem, honestas, sinceras e de boa conduta entre aqueles que não acreditam em Deus e muito menos em Cristo. Tampouco quer dizer que todos aqueles que têm fé em Jesus Cristo sejam perfeitamente bons, justos e santos. O que eu quero dizer de fato é que somos todos pecadores, uns mais, outros menos, uns ostensivamente, outros em oculto, e que somente pela confiança no que Cristo fez por nós é que

Pastor Digital

poderemos ser aceitos por Deus — e não por méritos pessoais. Nesse sentido, acredito que fora da fé em Cristo não há salvação, perdão ou reconciliação com Deus.

Creio em verdades absolutas. Isso não quer dizer que eu ignore que as pessoas têm diferentes compreensões de um mesmo fato. Quer dizer apenas que, para mim, quando não se complementam, tais diferentes compreensões são contraditórias, e uma delas — ou várias — devem estar erradas. Acredito em absolutos morais, em leis espirituais de natureza universal, em declarações unívocas e também que Deus se revelou de maneira proposicional nas Escrituras.

Creio em tolerância. Isso não quer dizer que eu seja inclusivista e relativista, mas simplesmente que não deixarei de me relacionar com uma pessoa simplesmente porque considero que ela está equivocada teologicamente. Para mim, a tolerância pregada pelo mundo moderno é aquela característica de pessoas que não têm convicções, que não têm opiniões formadas sobre nada e que vivem numa perpétua metamorfose ambulante. Eu acredito que é possível, sim, ter convicções profundas — especialmente na área de religião — e ainda assim se manter o diálogo com quem diverge.

Tem mais coisa a ser incluída neste credo fundamentalista, mas está de bom tamanho. O que eu quero mostrar é que muita gente tem o mesmo credo acima e é fundamentalista sem saber. Alguns ultrafundamentalistas vão até achar que eu sou liberal.

Pastor Digital

Ainda o teísmo aberto

QUINTA PARTE

Pastor Digital
Cifrando Vidas

capítulo vinte e um

Carta a Bonfim

Bonfim é um amigo fictício, embora os fatos não sejam.

Meu caro Bonfim,

Foi realmente uma surpresa agradável encontrá-lo nesse fim de semana em Campos do Jordão, durante o feriado. Embora nossa conversa tenha sido breve, foi suficiente para relembrarmos os bons tempos que passamos quando éramos jovens na igreja do Recife. Foi uma pena que não tenhamos conseguido aprofundar nossa conversa sobre Deus e as tragédias que ocorrem no mundo. Mas, como prometi, estou enviando este *e-mail* para dar sequência ao que apenas pudemos começar a discutir.

Fiquei preocupado com o jeito em que você está querendo entender a tragédia que foi a queda daquele avião na semana passada, com mais de 150 vítimas fatais. Você me deu a entender que está revoltado com o fato de que centenas de pessoas boas, desprevenidas, cidadãos de bem, foram apanhadas

Pastor Digital

numa tragédia e morreram de forma terrível, deixando para trás família, filhos, entes queridos. Você perguntou aflito: "Onde estava Deus quando tudo isso aconteceu?".

Eu entendo a sua preocupação com o dilema moral que tragédias representam quando analisadas com base no conceito cristão histórico e tradicional de Deus. Se Deus é pessoal, soberano, todo-poderoso, onisciente, amoroso e bom, como então podemos explicar a ocorrência de tragédias, calamidades, doenças e sofrimentos que atingem bons e maus ao mesmo tempo?

Creio que qualquer tentativa que um cristão faça para entender tragédias, desastres, catástrofes e outros males que sobrevêm à humanidade não pode deixar de levar em consideração dois componentes da revelação bíblica: a realidade da queda moral e espiritual do homem e o caráter santo e justo de Deus.

Lemos em Gênesis 1—3 que Deus criou o homem, macho e fêmea, a sua imagem e semelhança, e que os colocou no jardim do Éden, com o mandamento de que não comessem do fruto proibido. O texto relata como eles desobedeceram a Deus, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, e assim decaíram do estado de inocência, retidão e pureza em que haviam sido criados. As consequências foram a separação de Deus, a perda da comunhão com ele e a corrupção por inteiro de suas faculdades, como vontade, entendimento, emoções, consciência e arbítrio. Pior de tudo, ficaram sujeitos à morte, tanto espiritual, que consiste na separação de Deus, como física e eterna, a separação de Deus por toda a eternidade.

Esse fato, que chamamos de "queda", afetou não somente Adão e Eva, mas trouxe essas consequências terríveis a

Pastor Digital

toda a sua descendência, isto é, à humanidade que deles procede, pois eles eram o tronco e a cabeça da raça humana. Em outras palavras, a culpa deles foi imputada por Deus aos seus filhos, e a corrupção de sua natureza foi transmitida por geração ordinária a todos os seus descendentes. Desde cedo na história da Igreja, esta doutrina chamada de "pecado original" foi questionada por gente como Pelágio, que afirmava que o pecado de Adão e Eva afetou somente eles mesmos, e que seus filhos nasciam isentos, neutros, sem pecado, sem culpa e sem corrupção inata. Tal ideia foi habilmente rechaçada por homens como Agostinho, Lutero, Calvino e muitos outros, que demonstraram claramente pelo ensino bíblico que essa doutrina é chamada de depravação total e transmitida, culpa imputada e corrupção herdada. As consequências práticas para nós hoje são terríveis. Por causa dessa corrupção inata, com a qual já nascemos, somos totalmente indispostos para com as coisas de Deus; somos, por natureza, inimigos de Deus e, portanto, filhos da ira. É desta natureza corrompida que procedem os nossos pecados, as nossas transgressões, as desobediências, as revoltas contra Deus e sua Palavra.

Agora chegamos no ponto crucial e mais relevante para nosso assunto. Entendo que a Bíblia deixa claro que os nossos pecados, tanto o original quanto os pecados atuais que cometemos, por serem transgressões da lei de Deus, tornam-nos culpados e, portanto, sujeitos à ira justa de Deus, a sua justiça retributiva, pela qual ele trata o pecador de acordo com o que ele merece. Ou seja, a humanidade inteira, sem exceção — visto que não há um justo sequer, um único que seja inocente e sem pecado — está sujeita ao merecido

Pastor Digital Elifonso Melo

castigo de Deus, o que inclui — atenção! — a morte, as misérias temporais (entre as quais se enquadram as tragédias, as calamidades, os desastres, as doenças, o sofrimento etc.) e as misérias espirituais (que a Bíblia chama de morte eterna, inferno e lago de fogo).

A Bíblia revela com muita clareza, e sem a menor preocupação de deixar Deus sujeito à crítica de ser cruel, déspota e injusto, que ele mesmo é quem determinou tragédias e calamidades sobre a raça humana, como parte das misérias temporais causadas pelo pecado original e pelas transgressões atuais. Isso, é claro, se você acredita realmente que a Bíblia é a Palavra de Deus, e não uma coleção de ideias, lendas, sagas, mitos e histórias politicamente motivadas e destinadas a justificar seus autores. De acordo com a Bíblia, foi Deus quem condenou a raça humana à morte no jardim após a queda (Gn 2:17—3:19; Hb 9:27). Foi ele quem determinou a catástrofe do dilúvio, que aniquilou a raça humana com exceção da família de Noé (Gn 6:17; Mt 24:39; 2Pe 2:5). Foi ele quem destruiu Sodoma, Gomorra e mais várias cidades da região, com fogo caído do céu (Gn 19:24-25). Foi ele quem levantou e enviou os caldeus contra a nação de Israel e demais nações ao redor do Mediterrâneo, os quais mataram mulheres, velhos, crianças e fizeram prisioneiros de guerra (Dt 28:49-52; Hc 1:6-11). Foi ele quem levantou e enviou contra Israel povos vizinhos para saquear, matar e fazer prisioneiros (2Rs 24:2; 2Cr 36:17; Jr 1:15-16). Foi ele quem ameaçou Israel com doenças, pestes, fome, carestia, seca, pragas, caso se desviasse dos seus caminhos (Dt 28). Foi ele quem enviou as dez pragas contra o Egito, ferindo, matando e trazendo sofrimento a milhares de egípcios, inclusive

Pastor Digital

matando os seus primogênitos (Êx 9:13-14). Foi o próprio Jesus quem revelou a João o envio de catástrofes futuras sobre a raça humana, como castigos de Deus, próximo da vinda do Senhor, conforme o livro de Apocalipse, tais como guerras, fome, pestes, pragas, doenças (Ap 6—9), entre outros. Foi o próprio Jesus quem profetizou a chegada de guerras, fome, terremotos, epidemias (Lc 21:9-11) e a destruição de Jerusalém, que ele chamou de "dias de vingança" de Deus contra o povo que matou o seu Filho, nos quais até mesmo as grávidas haveriam de sofrer (Lc 21:20-26). Por fim, Deus já decretou a catástrofe final, a destruição do mundo presente por meio do fogo, no Dia do Juízo Final (2Pe 3.7; 10-12).

Isso não significa que, na Bíblia, o sofrimento das pessoas é sempre causado por uma culpa individual e específica. Há casos, sim, em que as pessoas foram castigadas com sofrimentos temporais em virtude de pecados específicos que cometeram, como, por exemplo, o rei Uzias, que foi ferido de lepra por causa de seu pecado (2Cr 26:19; cf. tb. o caso de Miriã, Nm 12:10). O rei Davi perdeu um filho por causa de seu adultério (2Sm 12:14). Por outro lado, em muitos outros casos, tragédias, catástrofes, doenças e sofrimentos não se devem a um pecado específico, mas fazem parte das misérias temporais que sobrevêm a toda a raça humana por conta do estado de pecado e culpa em geral em que todos nós nos encontramos. Deus traz essas misérias e castigos para despertar a raça humana, provocar o arrependimento, refrear o pecado do homem, incutir-lhe temor de Deus, desapegar o homem das coisas desta vida e levá-lo a refletir sobre as coisas vindouras. Veja, por exemplo, a reflexão atribuída a Moisés no salmo 90, provavelmente escrito durante

Pastor Digital Edjonatã Alves

os quarenta anos de peregrinação no deserto. Veja frases como estas:

> Tu reduzes o homem ao pó e dizes: Tornai, filhos dos homens [...] Tu os arrastas na torrente, são como um sono, como a relva que floresce de madrugada; de madrugada, viceja e floresce; à tarde, murcha e seca. Pois somos consumidos pela tua ira e pelo teu furor, conturbados. Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do teu rosto, os nossos pecados ocultos. Pois todos os nossos dias se passam na tua ira; acabam-se os nossos anos como um breve pensamento.
>
> Salmos 90:3-9

Não devemos pensar que aquelas pessoas que ficam doentes, passam por tragédias, morrem em catástrofes — como os passageiros daquele avião — eram mais pecadoras do que as demais ou que cometeram determinados pecados que lhes acarretaram tal castigo. Foi o próprio Jesus quem ensinou isso quando lhe falaram do massacre dos galileus cometido por Pilatos e sobre a tragédia da queda da torre de Siloé que matou dezoito (Lc 13:1-5). Ele ensinou a mesma coisa no caso do cego relatado em João 9:3-4. Os seus discípulos levantaram o problema do sofrimento do cego com base em um conceito individualista de culpa, ponto que foi rejeitado por Jesus. A cegueira dele não se devia a um pecado específico, quer dele, quer de seus pais. As pessoas nascem cegas, deformadas, morrem em tragédias e acidentes, perdem tudo o que têm em catástrofes, não necessariamente porque são mais pecadoras do que as demais, mas porque somos todos pecadores, culpados e sujeitos a misérias, castigos e males aqui neste mundo.

Pastor Digital Cléfonsão Cabral

No caso do cego, Jesus disse que ele nascera assim "para que se manifestem nele as obras de Deus" (Jo 9:3). Sofrimento, calamidades etc. não são somente um prelúdio do julgamento eterno de Deus; há também um tipo de sofrimento no qual Deus é glorificado por meio de Cristo, em sua graça, e assim se torna, portanto, um exemplo e um prelúdio da salvação eterna. As tragédias servem para levar as pessoas a refletir sobre a temporalidade e fragilidade da vida e as coisas espirituais e eternas. Muitos têm encontrado Deus no caminho do sofrimento.

O que eu quero dizer, Bonfim, é que, diante de acidentes como a queda daquele avião, devemos lembrar que eles ocorrem como parte das misérias e dos castigos temporais resultantes das nossas culpas, de nossos pecados, como raça pecadora que somos. Poderia ser eu que estivesse naquele avião. Ou alguém muito melhor e mais reto diante de Deus. Ainda assim, Deus não teria cometido nenhuma injustiça, ainda que aquele avião estivesse cheio dos melhores homens e mulheres que já pisaram a face da terra, pois mesmo estes são pecadores. Não existem inocentes diante de Deus, Bonfim. Pense nisso, antes de ficar indignado contra Deus diante do sofrimento humano.

Por último, preciso deixar claro duas coisas para você. Primeira, que nada do que eu disse acima me impede de chorar com os que choram e sofrer com os que sofrem. Somos membros da mesma raça e, quando um sofre, sofremos com ele. Segunda, é preciso reconhecer que a revelação bíblica é suficiente, mas não exaustiva. Não temos todas as respostas para todas as perguntas que se levantam quando um acidente desses acontece. Não sabemos, por exemplo, por que foi

Pastor Digital

aquele voo específico, e não outro, que caiu no oceano, matando todos os seus ocupantes. Não conhecemos a vida de seus passageiros nem os propósitos maiores e finais de Deus com aquela tragédia. Só a eternidade o revelará. Temos que conviver com a falta dessas respostas neste lado de cá da eternidade. Mas é preferível isso a aceitar respostas que venham a negar o ensino claro da Bíblia sobre Deus, como, por exemplo, especular que ele não é soberano, onisciente ou onipotente. Posso não saber os motivos específicos, mas consola-me saber que Deus é justo, bom e verdadeiro, e que todas as suas obras são perfeitas e retas, e que nele não há engano.

Um grande abraço,
Augustus

Pastor Digital

capítulo vinte e dois

Paganismo *versus* cristianismo

Será que tudo o que nos acontece é por acaso? Os acontecimentos, quer bons quer maus, ocorrem acidentalmente, de maneira aleatória, sem que haja uma finalidade neles? Os que pensam assim acham que Deus não determinou, decretou ou planejou absolutamente nada com relação aos seres humanos, seu futuro histórico ou eterno, e muito menos os acontecimentos diários. Nada foi previsto ou determinado por Deus, inclusive os eventos naturais como terremotos, *tsunamis*, erupções vulcânicas, acidentes, quedas de aviões, enfim, nada foi previsto ou determinado por ele. Portanto, tudo é imprevisível como num jogo de futebol. Não se sabe o futuro, não se pode prever absolutamente nada quanto ao fim da história. Junto com seus seres morais, Deus constrói em parceria o futuro, que nesse "acaso" é aberto, indeterminado e incognoscível. Inclusive para ele mesmo.

Ou será que as coisas que nos acontecem, mesmo as menores e piores, têm um propósito, ainda que na maior parte

Pastor Digital

das vezes desconhecido para nós? Os que pensam assim entendem que Deus criou o mundo conforme um plano, um propósito, um projeto, elaborado em conformidade com sua sabedoria, justiça, santidade, misericórdia e seu poder. Nada do que acontece, mesmo as mínimas coisas, é feito ao acaso e de forma aleatória e casual, mas segundo esse sábio plano. As decisões dos seres humanos são tomadas livremente por eles mesmos, mas, de uma forma que não compreendemos, elas acabam contribuindo para a concretização do propósito divino sem que Deus seja o autor do pecado. Tudo que ocorre, coisas boas ou ruins, estão dentro desse propósito concebido antes da fundação do mundo.

A melhor maneira de avaliarmos qual das duas é a visão correta é perguntarmos qual delas se aproxima mais da visão de Deus, do mundo e do homem que a Bíblia apresenta. Como os autores bíblicos concebiam o mundo, a história e os acontecimentos?

Ninguém que conheça a Bíblia poderá ter dúvidas quanto à resposta. Os judeus, ao contrário dos povos pagãos ao seu redor, não acreditavam em sorte, azar, acaso, acidente ou contingências. Eram os filisteus que acreditavam no acaso, e não os israelitas (1Sm 6.9).

Para eles, Deus havia traçado planos para os homens e as nações que se iriam cumprir inevitavelmente. Esses planos não poderiam ser frustrados por homem nenhum (Jó 42:2; Pv 19:21; Is 14:27; Is 43:13; Is 46:10*b*-11). Tais acontecimentos estavam tão inexoravelmente determinados que Deus permitia o conhecimento deles de antemão, através dos profetas. O fato de que os profetas de Israel eram capazes de predizer o futuro com exatidão era a prova de que o Deus de Israel era superior aos deuses pagãos (Is 46:9-10).

Pastor Digital

Os autores do Antigo Testamento sempre descrevem eventos que aconteceram em aparente casualidade como o meio pelo qual Deus realizava seu propósito final. Assim, o arqueiro que atirou sua flecha "ao acaso" durante uma batalha acabou atingindo o rei de Israel e dessa forma cumpriu a profecia sobre sua morte (2Cr 18:33). A tempestade que atingiu o navio em que Jonas fugia para Társis não foi mera contingência, mas resultado da ação de Deus em levar o profeta a Nínive (Jn 1:4). O amalequita que vagueava "por acaso" nos montes de Gilboa foi quem encontrou Saul agonizante e o matou, cumprindo assim a determinação do Senhor de castigá-lo por ter consultado a pitonisa (2Sm 1:6-10; 1Cr 10:13). O encontro "casual" do profeta com um leão causou-lhe a morte e assim cumpriu a profecia contra ele (1Rs 13:21-24). A visita "casual" que Acazias fez a Jorão e o encontro fortuito com Jeú era tudo "a vontade de Deus", conforme o autor do livro de Crônicas, para que Acazias fosse morto (2Cr 22:7-9). Dezenas de outras passagens poderiam ser citadas para mostrar que na cosmovisão dos autores do Antigo Testamento nada acontecia por acaso, nem mesmo as pequenas coisas.

Até mesmo ações pecaminosas dos homens são atribuídas a Deus pelos autores do Antigo Testamento. O endurecimento do coração de Faraó para não deixar o povo de Israel sair é atribuído a Deus, que queria mostrar sua glória e seu poder sobre os deuses do Egito (Êx 7:3; 9:12). A insensibilidade dos filhos de Eli para não se arrependerem do mal praticado também é atribuída a Deus, que os queria matar (1Sm 2:25). A inflexibilidade do rei Seom em não deixar Israel passar por sua terra é atribuída a Deus, que queria entregá-lo nas mãos de Israel (Dt 2:30), bem como o endurecimento de todas as

Pastor Digital Elifranio Melo

nações cananeias (Js 11:20). Ao mesmo tempo, é preciso acrescentar que os israelitas não consideravam Deus como culpado do pecado humano. Ele era santo, justo, verdadeiro e não podia contemplar o mal (Hc 1:13). Todos esses mencionados acima foram responsabilizados por seus pecados.

A visão de um mundo onde as coisas acontecem ao acaso, acidentalmente, sem propósito, é completamente estranha ao mundo dos israelitas, conforme temos registrado na Bíblia.

Quando chegamos à pessoa de Jesus, encontramos exatamente a mesma visão de mundo, de Deus e da história, que é refletida no Antigo Testamento. Para Jesus, até mesmo coisas tão insignificantes como o número de cabelos da nossa cabeça (Mt 10:30) e a morte de pardais (Mt 10:29) estão sob o controle da vontade de Deus. Ele era capaz de profetizar acontecimentos futuros tão triviais quanto o local onde se encontrava uma jumenta e seu jumentinho (Mt 21:2), que Pedro iria achar moeda na boca de um peixe (Mt 17:27) e que um homem estaria em determinado momento entrando na cidade com um cântaro na cabeça (Lc 22:10-12). Obviamente, essas coisas não aconteceram por acaso.

Jesus se referiu à vontade de Deus e ao plano dele inúmeras vezes, como por exemplo ao ensinar a seus discípulos que tinha vindo ao mundo para morrer na cruz para salvar pecadores (Mt 17:22-23). As parábolas que Jesus contou sobre o futuro de Israel e sobre o Dia do Juízo deixavam pouca dúvida de que, para ele, a história caminhava para um fim já traçado e determinado por Deus. No sermão escatológico, Jesus predisse com exatidão a queda de Jerusalém, a fuga dos discípulos, o surgimento dos falsos profetas, as catástrofes, terremotos, secas, pestes e guerras que haveriam de suceder

Pastor Digital

à raça humana, e as perseguições que sobreviriam a seus discípulos antes de sua vinda (Mt 24).

Os discípulos de Jesus, vários dos quais se tornaram os autores do Novo Testamento, tinham exatamente a mesma visão de um mundo onde nada ocorre por acaso. Tudo o que havia acontecido com Jesus, como o local do seu nascimento (Mt 2:5-6), sua ida para o Egito (Mt 2:15), sua vinda para Nazaré (Mt 2:23), seus milagres (Mt 8:16-17), sua traição (Jo 17:12), seu sofrimento e sua morte na cruz (At 3:18) — inclusive detalhes como beber vinagre (Jo 19:28-29), ter sua túnica rasgada (Jo 19:24) e seu corpo furado por uma lança (Jo 19:34-36) — tudo isso havia sido determinado por Deus em detalhes, a ponto de Deus ter revelado esses fatos cerca de seiscentos anos antes de terem acontecido por meio dos profetas de Israel. Pensemos na probabilidade de atos, decisões e eventos acidentais, aleatórios, ao acaso, contingenciais, acontecerem de tal forma que os eventos citados sucedessem exatamente como os profetas haviam dito!

Não só os fatos ocorridos com Jesus haviam sido planejados, inclusive aqueles que cercaram o nascimento da Igreja. A substituição de Judas (At 1:16-26), o dia de Pentecoste (At 2:14-17), a rejeição de Israel (At 13:40), a inclusão dos gentios na Igreja (At 15:15-20) — tudo isso havia sido determinado por Deus e previsto nas Escrituras pelos profetas. Veja a quantidade de vezes que no livro de Atos se menciona que a história de Cristo e da Igreja havia sido determinada por Deus e anunciada pelos profetas: At 3:18,21-25; 10:43; 13:27,40; 18:28; 26:22.

Nas cartas que escreveram às igrejas, os autores do Novo Testamento jamais, em nenhum lugar, ensinaram aos crentes

Pastor Digital

que as coisas acontecem por acaso. Ao contrário, eles ensinaram aos crentes que a conversão deles era resultado da vontade de Deus. Eles foram predestinados (Rm 8:29-30; Ef 1:5,11), escolhidos antes da fundação do mundo (Ef 1:4). Os crentes são ensinados a buscar a vontade de Deus, a submeter-se a ela e a entender que a vontade de Deus controla a história (Rm 8:27; 12:2; Ef 6:6; Cl 4:12; 1Ts 4:3; 5:18; Hb 10:36; 1Pe 2:15). Até o sofrimento por causa do evangelho era visto como da vontade de Deus (1Pe 3:17—4:19). Eles foram ensinados a ver uma santa conspiração divina em tudo o que acontecia em favor do bem deles (Rm 8:28), a ponto de serem exortados a dar graças em tudo (1Ts 5:18). Eles foram exortados a dizer sempre "se Deus quiser" farei isto ou aquilo (Tg 4:15). Paulo sempre dizia:"se for a vontade de Deus", ele iria a este ou àquele local (Rm 1:10; 15:32). Sempre começava suas cartas dizendo que foi chamado "pela vontade de Deus" para ser apóstolo (1Co 1:1; Ef 1:1; Cl 1:1; 2Tm 1:1).

Os cristãos são encorajados a enfrentar firmes as provações e tentações, pois Deus não permitirá que eles sejam provados além de suas forças (1Co 10:31). Eles devem sofrer com paciência em plena confiança de que o Deus que está no controle de todas as coisas lhes dá a vida eterna, e que ninguém poderá arrancar seus filhos de suas mãos. Eles são consolados com a certeza de que Deus haverá de cumprir todas as suas promessas, e que há um final feliz para todos os que confiam nele e creem em Jesus Cristo como seu único e suficiente Salvador. São exortados a permanecer firmes, pois o bem haverá de triunfar sobre o mal, a justiça prevalecerá e a verdade haverá de vencer. E isso só é possível porque Deus está no controle, porque ele conduz a história para o fim que ele mesmo

Pastor Digital

determinou, de uma maneira sábia e misteriosa, na qual os seres humanos e os anjos são responsáveis por seus atos, decidem fazer o que querem e fazem as escolhas que desejam.

À semelhança dos autores do Antigo Testamento, os escritores do Novo também atribuem a Deus o fato de que os ímpios e pecadores impenitentes se afundam cada vez mais no pecado. Paulo por três vezes em Romanos 1 declara que Deus entregou os incrédulos de sua geração à corrupção de seu próprio coração, para que eles se afundassem ainda mais na iniquidade (Rm 1:24,26,28). Aos tessalonicenses, ele declara que Deus manda a operação do erro aos que rejeitam a verdade para que creiam na mentira (2Ts 2:11). Igualmente, à semelhança do Antigo Testamento, o Novo responsabiliza os seres humanos por seus próprios pecados e condenação.

É evidente que não será na Bíblia que encontraremos essa visão de um mundo em que as coisas acontecem por mero acaso, em que tudo é casual e contingencial. Mas vamos encontrá-la na mentalidade pagã, nas religiões idólatras, de deuses pequenos, impotentes e egoístas, como o maniqueísmo, gnosticismo, ateísmo e agnosticismo. E especialmente entre os evolucionistas, que defendem que tudo surgiu e acontece como resultado de uma combinação fortuita de tempo e de acaso.

Os verdadeiros cristãos, todavia, cantam "acasos para mim não haverá".

Se tudo acontece por acaso, que combinação inimaginável de ações livres, aleatórias e catástrofes naturais fortuitas poderá revelar-se numa conspiração impessoal e totalmente aleatória, para produzir o final que Deus prometeu na Bíblia? Se Deus não é Deus, então o acaso se torna Deus, e não temos

Pastor Digital

nenhuma garantia de que o final feliz prometido nas Escrituras haverá de acontecer.

Não nos enganemos. A discussão entre acaso *versus* planejamento não é uma disputa teológica entre cristãos arminianos e calvinistas, pois ambas as correntes concordam que Deus tem um plano, que ele controla a história, que não existe acaso e que ele conhece o futuro. Ambos aceitam a Bíblia como Palavra de Deus e querem se guiar por ela. O confronto, na verdade, é entre duas visões de mundo completamente antagônicas: a visão pagã e a visão bíblica, entre as religiões pagãs e a religião bíblica. Posso não entender tudo sobre esse assunto, mas prefiro mil vezes ficar ao lado dos autores da Bíblia a ficar ao lado de filósofos, teólogos e poetas ateus, agnósticos e racionalistas.

Pastor Digital

capítulo vinte e três

Eu também mudei

Seria uma grande tolice da minha parte negar às pessoas o direito de mudar.

Eu mesmo já mudei de opinião em questões teológicas algumas vezes. Quando me converti, pela graça de Deus, aos 22 anos, era um zeloso arminiano dispensacionalista. A leitura de Spurgeon, dois anos mais tarde, me resgatou do arminianismo, e o seminário em Recife, no ano seguinte, se encarregou do dispensacionalismo. Durante o mestrado na África do Sul, quando eu já estava com 31 anos, mudei de opinião quanto ao papel do Espírito Santo no Antigo Testamento: passei a crer que ele também habitava nos crentes da antiga dispensação da mesma forma que hoje habita nos crentes da nova. E foi nessa época que passei a acreditar na possibilidade de reavivamentos espirituais nos dias de hoje. Nos anos seguintes, ocorreram algumas outras mudanças no entendimento de certas passagens difíceis. Por exemplo, passei a aceitar que Romanos 7 é mais uma descrição do homem não

Pastor Digital

regenerado debaixo da lei do que a descrição autobiográfica de Paulo da vida cristã normal, como antes eu pensava.

Todavia, nenhuma dessas mudanças me levou para fora do círculo do cristianismo histórico. Nunca mudei de opinião sobre aquelas coisas que consideramos como o núcleo essencial do cristianismo bíblico, como a doutrina da Trindade, a plena divindade e humanidade de Cristo, a personalidade do Espírito, os atributos clássicos de Deus — imutabilidade, onipotência, onipresença, onisciência etc. Incluo aqui também a queda e o estado de perdição e pecado, no qual se encontra toda a raça humana, a morte sacrificial e expiatória de Cristo e a salvação pela graça mediante a fé no Salvador, a sua ressurreição literal e física dentre os mortos, sua segunda vinda, o céu e o inferno como realidades pós-morte e a autoridade e infalibilidade das Escrituras — para mencionar algumas. Sempre cri nessas coisas. Nunca mudei quanto a isso. Considero as mudanças por que passei como progresso e um melhor entendimento de determinados pontos teológicos.

Portanto, como disse no início, eu seria um tolo em pensar que as pessoas não mudam no decorrer dos anos. Só que, na minha opinião, nem sempre essas mudanças teológicas são salutares. Em muitos casos, as pessoas mudaram tanto a ponto de não poderem mais ser identificadas, a não ser remotamente, com o cristianismo bíblico. A isso a Bíblia chama apostasia.

Jesus falou daqueles que creem por um tempo, mas depois se desviam (Lc 8:13). Conheci vários assim. Eles mudaram. Um caso em particular, de que me lembro, foi o de um jovem cristão ardoroso que depois da leitura de livros de autores

Pastor Digital

ateus e agnósticos mudou de opinião quanto ao cristianismo, alegando ter recebido novas luzes da ciência e da razão. Largou definitivamente a fé cristã e virou agnóstico.

Paulo adverte Timóteo acerca daqueles que se desviam do "amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia", e que se perdem "em loquacidade frívola", isto é, em discussões inúteis (1Tm 1:5-6). A referência é provavelmente a falsos mestres que estavam ensinando doutrinas erradas nas igrejas, de onde haviam saído, após mudarem de opinião sobre o evangelho. É a estes mesmos que o apóstolo se refere, quando menciona os que "apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência" (1Tm 4:1-2). Eram pessoas que haviam começado como cristãs, mas mudaram com o tempo, a ponto de não poderem ser mais consideradas como tais. Paulo ainda menciona mulheres que se haviam desviado da fé e seguido Satanás — certamente não foi uma mudança para melhor (1Tm 5:15), obreiros que se desviaram da fé por amor ao dinheiro (1Tm 6:10) e outros que se desviaram por professar a gnose, o saber mundano (1Tm 6:21). Talvez Paulo se refira ao mesmo grupo de pregadores itinerantes que havia antes pertencido às igrejas cristãs.

Ele cita especificamente dois líderes cristãos, Himeneu e Fileto, e os considera como apóstatas, por professarem e ensinarem contrariamente ao ensino apostólico da ressurreição (2Tm 2:18). O perigo da apostasia e do desvio doutrinário — acarretados pelas mudanças — é motivo de alerta de outros escritores neotestamentários, como Tiago (Tg 5:19) e o autor de Hebreus (Hb 2:1 e 12:25).

Pastor Digital

Todas essas pessoas anteriormente citadas mudaram. Do ponto de vista delas, provavelmente, essa mudança representou uma liberação, uma melhora, um crescimento, um progresso. Libertaram-se das antigas peias da fé e da ética. Sem restrições impostas pela teologia, sentiam-se agora livres para pensar da maneira que achavam melhor e agir de acordo.

Conhecemos vários casos de pessoas que mudaram em nossos dias. Recentemente, a imprensa noticiou a mudança ocorrida com o pastor João de Deus, da Assembleia de Deus, na Paraíba, que virou muçulmano. Faz alguns anos, fomos surpreendidos com a mudança ocorrida com Francis Beckwith, pastor evangélico americano, presidente da Evangelical Theological Society, que mudou e virou católico. Outra mudança que surpreendeu o mundo evangélico foi a do famoso estudioso evangélico conservador William Barclay, autor de renomado comentário do Novo Testamento, um clássico usado por gerações de seminaristas e pastores. No final de sua vida, tornou-se universalista, afirmando que todos os homens, no fim, serão salvos. Como eu disse, algumas das mudanças acontecidas com líderes cristãos acabam empurrando-os para fora do cristianismo bíblico ou deixando-os bem em cima da risca.

Acho que devemos estar sempre abertos para mudar. Todavia, precisamos fazer a diferença entre mudança e apostasia. Nem toda mudança representa apostasia e desvio da fé. A Reforma Protestante, sem dúvida, começou com uma grande mudança no coração de Lutero e representou uma enorme mudança dentro do cristianismo — para melhor, assim entendemos. Longe de ser uma apostasia, representou um tremendo retorno às Escrituras. Mas toda apostasia, sem

Pastor Digital

dúvida, começa com uma mudança na mente e no coração, que durante anos vai corroendo as convicções, minando as resistências mentais e espirituais, até que uma mudança completa — e para fora da fé — venha a ocorrer. Nessa fase, o apóstata se justifica de todas as maneiras, desde apelando para as mudanças como algo natural e desejável, como rompendo abertamente com alguns pontos centrais do cristianismo histórico nos quais antes acreditava. O próximo passo, por coerência, é assumir um estado perpétuo de mudança, sem poder afirmar absolutamente nada com convicção e impondo-se uma existência de metamorfose eterna.

Eu prefiro ficar com o lema da Reforma, de que a Igreja sempre está se reformando e com ela seus membros, mas sempre à luz da Palavra de Deus. Aqui, Lutero nos é útil mais uma vez. Como ele, estamos prontos a mudar, desde que convencidos pela luz que emana da Bíblia, sem nos desviarmos dela nem para um lado nem para o outro.

Pastor Digital

capítulo vinte e quatro

Os "desigrejados"

Para mim, resta pouca dúvida de que a igreja institucional e organizada está hoje no centro de acirradas discussões em praticamente todos os quartéis da cristandade e mesmo fora dela. O surgimento de milhares de denominações evangélicas, o poderio apostólico de igrejas e seitas neopentecostais, a institucionalização e secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca de diplomas teológicos reconhecidos pelo Estado, a variedade infindável de métodos de crescimento de igrejas e de sucesso pastoral, os escândalos ocorridos nas igrejas, a falta de crescimento das igrejas tradicionais, o fracasso das igrejas emergentes — tudo isso tem levado muitos a se desencantarem com a igreja institucional e organizada.

Alguns simplesmente abandonaram a igreja e a fé, mas outros querem abandonar apenas a igreja e manter a fé, querem ser cristãos, mas sem a igreja. Muitos desses estão apenas decepcionados com a igreja institucional e tentam continuar a ser

Pastor Digital

cristãos sem pertencer ou frequentar nenhuma comunidade. Todavia, existem aqueles que, além de não mais frequentarem a igreja, tomaram esta bandeira e passaram a defender abertamente o fracasso total da igreja organizada, a necessidade de um cristianismo "desigrejado", ou seja, de sairmos da igreja para podermos encontrar Deus. Essas ideias vêm sendo veiculadas através de livros, palestras e da mídia. Viraram um movimento que cresce a cada dia. São os "desigrejados".

Muitos livros recentes têm defendido a "desigrejação" do cristianismo.[8] Em linhas gerais, os "desigrejados" defendem os seguintes pontos:

1. Cristo não deixou nenhuma forma de igreja organizada e institucional.

2. Já nos primeiros séculos, os cristãos se afastaram dos ensinos de Jesus, organizando o corpo como instituição (a igreja), criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, e eles se organizaram de tal maneira que acabaram deixando Deus de fora. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo pelo Império Romano, a Igreja se corrompeu completamente.

3. Apesar da Reforma ter se levantado contra essa corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmíssimos erros, ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões e declarações de fé e catecismos que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.

Pastor Digital

4. A Igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas e seminários.

5. De acordo com Jesus, onde estiverem dois ou três que creem nele, ali está a igreja, pois Cristo está com eles, conforme prometeu em Mateus 18. Assim, se dois ou três amigos cristãos se encontrarem no Frans Café numa sexta à noite para falar sobre as lições espirituais do filme *Avatar* ou *O livro de Eli*, por exemplo, ali é uma igreja de Cristo, não sendo necessário absolutamente mais nada, como ir ao culto dominical ou pertencer a uma comunidade organizada.

6. A igreja, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos e prestado um desserviço ao evangelho. Precisamos sair dela para podermos encontrar Deus.

Eu concordo com vários dos pontos defendidos pelos "desigrejados". Infelizmente, eles estão certos quanto ao fato de que muitos evangélicos confundem a igreja organizada com a Igreja de Cristo e têm lutado com unhas e dentes para defender sua denominação, mesmo quando esta não representa genuinamente os valores da Igreja de Cristo. Concordo também que a Igreja de Cristo não precisa de templos construídos nem de todo o aparato necessário para sua manutenção. Ela, na verdade, subsistiu de forma vigorosa nos quatro primeiros séculos se reunindo em casas, cavernas, vales, campos e até em cemitérios. Os templos cristãos só foram erigidos após a descriminalização do cristianismo pelo imperador Constantino, no século 4.

Pastor Digital

Os "desigrejados" também estão certos ao criticar os sistemas de defesa criados para perpetuar as estruturas e a hierarquia das igrejas organizadas, esquecendo-se das pessoas e dando prioridade à organização. Concordo com eles que não podemos identificar a igreja com cultos organizados, programações sem fim durante a semana, cargos e funções como superintendente de escola dominical, organizações internas como uniões de jovens, adolescentes, senhoras e homens, e métodos como células, encontros de casais e de jovens, e por aí vai. E também estou de acordo com a constatação de que a igreja institucional tem cometido muitos erros no decorrer de sua longa história.

Dito isso, pergunto se ainda assim está correto abandonarmos a igreja institucional e seguirmos um cristianismo em voo solo. Pergunto ainda se não existe um inocente bebê no meio da água que os "desigrejados" querem jogar da banheira. Ao final, parece que a revolta deles não é somente contra a institucionalização da Igreja, mas contra qualquer coisa que imponha limites ou restrições a sua maneira de pensar e agir. Fico com a impressão de que eles querem se livrar da igreja para poderem ser cristãos do jeito que entenderem, acreditarem no que quiserem, sendo livres-pensadores sem conclusões ou convicções definidas, fazendo o que sentem vontade, a fim de experimentarem de tudo na vida sem receio de penalizações e correções.

Não quero generalizar. Existem claramente exceções ao que estou dizendo. Mas esse tipo de atitude anti-instituição, antidisciplina, antirregras, antiautoridade, antilimites de todo tipo se encaixa perfeitamente na mentalidade secular e revolucionária de nosso tempo, que entra nas igrejas travestida de cristianismo.

Pastor Digital

É verdade que Jesus não deixou uma igreja institucionalizada aqui neste mundo. Todavia, ele disse algumas coisas sobre a igreja que levaram seus discípulos a se organizarem em comunidades ainda no período apostólico, muito antes de Constantino.

1. Jesus disse aos discípulos que sua igreja seria edificada sobre a declaração de Pedro, que ele era o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16:15-19). A Igreja foi fundada sobre essa pedra, que é a verdade sobre a pessoa de Jesus (cf. 1Pe 2:4-8). O que se desviar dessa verdade — a divindade e exclusividade da pessoa de Cristo — não é igreja cristã. Não é de admirar que os apóstolos estivessem prontos a rejeitar os livres-pensadores de sua época, que queriam dar outra interpretação à pessoa e obra de Cristo bem diferente daquela que eles receberam do próprio Cristo. As igrejas foram instruídas pelos apóstolos a rejeitar os livres pensadores, como: os gnósticos e judaizantes, libertinos desobedientes, os seguidores de Balaão e os nicolaítas (cf. 2Jo 10; Rm 16:17; 1Co 5:11; 2Ts 3:6; 3:14; Tt 3:10; Jd 4; Ap 2:14; 2:6,15). É praticamente impossível nos mantermos sobre a rocha, Cristo, e sobre a tradição dos apóstolos registrada nas Escrituras, sem sermos igreja, onde somos ensinados, corrigidos, admoestados, advertidos, confirmados, e onde os que se desviam da verdade apostólica são rejeitados.

2. A declaração de Jesus acima, de que a sua Igreja se ergue sobre a confissão acerca de sua pessoa, mostra a ligação estreita, orgânica e indissolúvel entre Cristo e a sua Igreja. Em outra passagem, ele ilustrou essa relação com a figura da videira e seus galhos (Jo 15). Essa união foi muito bem

Pastor Digital

compreendida pelos seus discípulos, que a compararam à relação entre a cabeça e o corpo (Ef 1:22-23), a relação marido e mulher (Ef 5:22-33) e entre o edifício e a pedra sobre o qual ele se assenta (1Pe 2:4-8). Os "desigrejados" querem Cristo, mas não querem sua Igreja. Querem o noivo, mas rejeitam sua noiva. Mas aquilo que Deus ajuntou, não o separe o homem. Não podemos ter um sem a outra.

3. Jesus instituiu também o que chamamos de processo disciplinar, quando ensinou aos seus discípulos de que maneira deveriam proceder no caso de um irmão que caiu em pecado (Mt 18:15-20). Após repetidas advertências em particular, o irmão faltoso, porém endurecido, deveria ser excluído da *igreja* — pois é, Jesus usou o termo — e não deveria mais ser tratado como parte dela (Mt 18:17). Os apóstolos entenderam isso muito bem, pois encontramos em suas cartas dezenas de advertências às igrejas que eles organizaram, para que fossem afastados e excluídos aqueles que não queriam arrepender-se dos seus pecados e que não estavam andando de acordo com a verdade apostólica. Um bom exemplo disso é a exclusão do "irmão" imoral da igreja de Corinto (1Co 5). Não entendo como isso pode ser feito numa fraternidade informal e livre, que se reúne para bebericar café nas sextas à noite e discutir assuntos culturais, na qual não existe a consciência de pertencermos a um corpo que se guie conforme as regras estabelecidas por Cristo.

4. Jesus determinou que seus seguidores fizessem discípulos em todo o mundo, que os batizassem e ensinassem a eles tudo o que ele havia ordenado (Mt 28:19-20). Os discípulos entenderam isso muito bem. Eles organizaram os convertidos em igrejas, os quais eram batizados e instruídos no

Pastor Digital Elifonde Dias

ensino apostólico. Estabeleceram líderes espirituais sobre essas igrejas, que eram responsáveis por instruir os convertidos, advertir os faltosos e cuidar dos necessitados (At 6:1-6; At 14:23). Definiram claramente o perfil desses líderes e suas funções, que iam desde o governo espiritual das comunidades até a oração pelos enfermos (1Tm 3:1-13; Tt 1:5-9; Tg 5:14).

5. Não demorou também para que os cristãos apostólicos elaborassem as primeiras declarações ou confissões de fé que encontramos (Rm 10:9; 1Jo 4:15; At 8:36-37; Fp 2:5-11 etc.), que serviam de base para a catequese e instrução dos novos convertidos e para examinarem e rejeitarem os falsos mestres. Veja, por exemplo, João usando uma dessas declarações para repelir livres-pensadores gnósticos das igrejas da Ásia (2Jo 7-10; 1Jo 4:1-3). Ainda no período apostólico já encontramos sinais de que as igrejas haviam se organizado e estruturado, tendo presbíteros, diáconos, mestres e guias, uma ordem de viúvas e ainda presbitérios (1Tm 3:1; 5:17,19; Tt 1:5; Fp 1:1; 1Tm 3:8,12; 5:9; 4:14). O exemplo mais antigo que temos dessa organização é a reunião dos apóstolos e presbíteros em Jerusalém para tratar de um caso de doutrina — a inclusão dos gentios na igreja e as condições para que houvesse comunhão com os judeus convertidos (At 15:1-6). A decisão deste que ficou conhecido como o "concílio de Jerusalém" foi levada para ser obedecida nas demais igrejas (At 16:4), mostrando que havia desde cedo uma rede hierárquica entre as igrejas apostólicas, poucos anos depois do Pentecoste e muitos anos antes de Constantino.

6. Jesus também mandou que seus discípulos se reunissem regularmente para comer o pão e beber o vinho em memória dele (Lc 22:14-20). Os apóstolos seguiram a ordem, e

Pastor Digital

reuniam-se regularmente para celebrar a ceia (At 2:42; 20:7; 1Co 10:16). Todavia, dada a natureza da ceia, cedo introduziram normas para a participação nela, como fica evidente no caso da igreja de Corinto (1Co 11:23-34). Não sei direito como os "desigrejados" celebram a ceia, mas deve ser difícil fazê-lo sem que estejam na companhia de irmãos que partilham da mesma fé e que têm as mesmas convicções sobre o Senhor.

É curioso que a passagem predileta dos "desigrejados" — "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18:20) — foi proferida por Jesus no contexto da igreja organizada. Estes dois ou três que ele menciona são os dois ou três que vão tentar ganhar o irmão faltoso e reconduzi-lo à comunhão da igreja (Mt 18:16). Ou seja, são os que estão agindo para preservar a pureza da igreja como corpo, e não dois ou três que se separam dos demais e resolvem fazer sua "igrejinha" informal ou seguir carreira solo como cristãos.

O meu ponto é o seguinte: muito antes do período pós-apostólico, da intrusão da filosofia grega na teologia da Igreja e do decreto de Constantino — os três marcos que, segundo os "desigrejados", são responsáveis pela corrupção da igreja institucional —, a Igreja de Cristo já estava organizada, com seus ofícios, hierarquia, sistema disciplinar, funcionamento regular, credos e confissões. Isso pode ser constatado na declaração de Paulo ao se referir à Igreja como "coluna e baluarte da verdade" (1Tm 3:15) e do autor de Hebreus ao repreender os que deixavam de se congregar com os demais cristãos (Hb 10:25). O livro de Atos faz diversas menções das "igrejas", referindo-se a elas como corpos definidos e

Pastor Digital

organizados nas cidades (cf. At 15:41; 16:5; v. tb. Rm 16:4,16; 1Co 7:17; 11:16; 14:33; 16:1 etc. — a relação é muito grande).

No final, fico com a impressão de que os "desigrejados", na verdade, não são contra a igreja organizada meramente porque sonham com uma forma mais pura de cristianismo, mais próxima da forma original, já que essa forma original já nasceu organizada e estruturada, nos evangelhos e no restante do Novo Testamento. Acho que eles querem mesmo é a liberdade para serem cristãos do jeito deles, acreditarem no que quiserem e viverem do jeito que acham correto, sem terem de prestar contas a ninguém. Pertencer a uma igreja organizada, especialmente àquelas que historicamente são confessionais e que têm autoridades constituídas, conselhos e concílios, significa submeter nossas ideias e nossa maneira de viver ao crivo do evangelho, conforme entendido pelo cristianismo histórico. Para muitos, isso é pedir demais.

Eu não tenho ilusões quanto ao estado atual da igreja. Ela é imperfeita e continuará assim enquanto eu for membro dela. A teologia cristã clássica não deixa dúvidas quanto ao estado de imperfeição, corrupção, falibilidade e miséria em que a Igreja militante se encontra no presente, enquanto aguarda a vinda do Senhor Jesus, ocasião em que se tornará Igreja triunfante. Ao mesmo tempo, ensina que não podemos ser cristãos sem ela. Que, apesar de tudo, precisamos uns dos outros, precisamos da pregação da Palavra, da disciplina e dos sacramentos, da comunhão de irmãos e dos cultos regulares.

Cristianismo sem igreja é outra religião: a religião individualista dos livres-pensadores, eternamente em dúvida, incapazes de levar cativos seus pensamentos à obediência de Cristo.

Pastor Digital

capítulo vinte e cinco

Por que não abraço a espiritualidade?

Existe em todo o mundo um movimento entre católicos e protestantes que visa a resgatar a mística e, especialmente, as práticas e as disciplinas espirituais dos cristãos da Idade Média como modelo para uma nova espiritualidade hoje, em reação à frieza, carnalidade e ao mundanismo da cristandade contemporânea. Esse movimento é geralmente conhecido como "espiritualidade" e tem atraído não poucos líderes católicos e protestantes. Apesar do nome, é bom lembrar que existem importantes diferenças entre esse movimento e a busca tradicional de uma vida espiritual mais profunda por parte do cristianismo histórico.

Que esse movimento tenha adeptos entre os católicos, não é de admirar, pois é no catolicismo medieval que está a sua origem e se encontram seus ícones. O que espanta é sua infiltração entre os protestantes, e mesmo aqueles de convicções mais conservadoras.

Eu até entendo o motivo pelo qual o movimento de espiritualidade tem conseguido atrair pastores e líderes das igrejas

Pastor Digital

históricas e conservadoras em nosso país. Primeiro, porque existe uma decepção justificada da parte desses líderes diante da falta das práticas devocionais em boa parte dos que são teologicamente mais conservadores. Infelizmente, os quartéis conservadores abrigam pastores assim, que não oram, não jejuam, não gastam tempo lendo a Palavra e meditando nela, buscando uma comunhão mais profunda com Deus e a plenitude do seu Espírito Santo.

Ainda hoje estava falando com outro colega pastor que se queixava de colegas de ministério que ficam na cama quase até o meio-dia, gastam a maior parte do tempo na internet, não trabalham, não evangelizam, não têm tempo com Deus e com o rebanho, e vão levando o ministério nessa farsa. Não é de espantar que suas igrejas sejam minúsculas, problemáticas e que eles não demorem muito tempo em um mesmo local. Quando saem, deixam atrás de si um rastro de destruição, confusão, insatisfação e problemas não resolvidos. É lógico que esses não representam a totalidade dos pastores conservadores e muito menos a teologia reformada, que tradicionalmente sempre valorizou a vida de piedade ao lado do cultivo intelectual da mente. Todavia, o fato de permanecerem anos a fio em seus presbitérios e convenções, enterrando igrejas, criando problemas, sem que sejam questionados ou confrontados, abre portas para que movimentos como esse da "espiritualidade" encontrem mentes e corações ávidos, cansados da frieza, carnalidade e politicagem que encontram entre os conservadores.

Segundo, existe no próprio meio conservador um desencanto com a piedade pentecostal, que já teve melhores dias entre nós. Muitos pastores conservadores que um dia se

Pastor Digital

sentiram atraídos pelas ofertas do pentecostalismo, do batismo com o Espírito Santo, falar em línguas, sonhos e visões, profecias, sinais e prodígios, têm recuado diante da aparente superficialidade e da ênfase desmedida nas experiências, que são características desse movimento. Eles querem uma piedade mais solidamente enraizada nas Escrituras e que ofereça alguma salvaguarda para os exageros, falsificações e eventuais interferências humanas nas experiências. É quando surge o movimento de espiritualidade, que se distancia do pentecostalismo em vários aspectos e promete aquilo que todos desejam: uma proximidade com Deus nunca antes experimentada mediante as práticas devocionais, sem os abusos da experiência pentecostal.

Outro atrativo no movimento é que ele se reveste de um misticismo que apela profundamente às almas que, por natureza, são mais piedosas e religiosas, as quais também se encontram dentro dos limites da tradição mais conservadora. Para tais pessoas, a ideia de gastar tempo em silêncio contemplando o divino, ouvindo a voz de Deus, adentrando nos tabernáculos celestes, tocando nas vestes de Cristo, mortificando a carne e suas paixões mediante o jejum e a abstinência de alguns confortos terrenos e físicos, é um atrativo poderoso, como sempre foi através da história da Igreja.

Eu confesso, todavia, que nunca me senti realmente atraído por esse tipo de espiritualidade. Não gostaria de pensar que isso é porque sou um daqueles pastores frios e sem o Espírito Santo que mencionei em algum parágrafo acima. (Há quem concorde totalmente com essa avaliação a meu respeito, mas deixarei nas mãos de Deus o veredicto sobre isso.) Conscientemente, não me sinto interessado nessa espiritualidade,

Pastor Digital

acima de tudo pelo fato de que ela é defendida por padres e leigos católicos e que, entre os protestantes, ganhou muitos adeptos e defensores da parte dos liberais. Desconfio de tudo que os liberais apoiam e defendem.

Não estou dizendo que todos os protestantes que adotaram o movimento de espiritualidade ou aderiram a ele sejam liberais. Conheço uma meia dúzia que não é. Deve haver muitos outros. O que estou dizendo é que, para mim, é no mínimo intrigante que os liberais, que sempre se disseram progressistas e amantes do novo, defendam com tanto interesse um modelo de espiritualidade que tem como ícones freiras e monges católicos da Idade Média e suas práticas espirituais.

Não discordo de tudo o que os defensores da espiritualidade pregam. Quebrantamento, despojamento, mortificação, humildade, amor ao próximo são conceitos bíblicos. E encontramos vários desses conceitos defendidos pelos seguidores da espiritualidade. Meu problema não é tanto o que eles dizem (embora eu pudesse apontar um ou outro ponto de discordância conceitual), mas o que eles não dizem ou dizem muito baixinho, a ponto de se perder no cipoal de outros conceitos.

Sinto falta, por exemplo, de uma ênfase na justificação pela fé em Cristo, pela graça, sem as obras ou méritos humanos, como raiz da espiritualidade. Uma espiritualidade que nasce da fé mas não se baseia na justificação por ela está fadada a virar, em algum momento, uma tentativa de justificação pela espiritualidade ou piedade pessoal. Não estou dizendo que os defensores da espiritualidade negam a justificação pela fé somente — talvez este seja apenas o caso dos defensores católicos, pois a doutrina romana de fato anatematiza quem defende a salvação só pela fé. O que estou dizendo é

Pastor Digital

que não encontro essa ênfase à justificação pela fé em Cristo nos escritos que defendem a espiritualidade.

Sinto falta, igualmente, de uma declaração mais aberta e explícita de que a espiritualidade começa com a regeneração, o novo nascimento, e que somente pessoas que nasceram de novo e foram regeneradas pelo Espírito Santo de Deus, novas criaturas, novos homens, é que podem realmente se santificar, crescer espiritualmente e ter comunhão íntima com Deus. A ausência da doutrina da regeneração pode dar a impressão de que por trás de tudo está a ideia de que a religiosidade natural, inata, do ser humano, por causa da *imago Dei*, é suficiente para uma aproximação espiritual em relação a Deus mediante o emprego das práticas devocionais.

O caráter progressivo na santificação também está faltando na pregação do movimento. Quando não mantemos em mente o fato de que a santificação é imperfeita neste mundo, que nunca ficaremos aqui totalmente livres da nossa natureza pecaminosa e de seus efeitos, facilmente podemos inclinar-nos para o perfeccionismo, que ao fim traz arrogância ou frustração.

Também gostaria de ver mais claramente explicado o que significa "imitar Jesus" como uma das características da vida cristã. Pois, até onde sei, Jesus não era cristão. A religião dele era totalmente diferente da nossa. Nós somos pecadores; Jesus não era. Logo, ele não se arrependia, não pedia perdão, não mortificava uma natureza pecaminosa, não lamentava nem chorava por seus pecados. Ele não tinha consciência de pecado nem sentia culpa — a não ser quando levou sobre si nossos pecados na cruz. Ele não precisava ser justificado de seus pecados nem experimentava o processo crescente e contínuo de santificação. Somente Jesus, Adão e Eva viveram

Pastor Digital

essa religião. Nós somos cristãos. Eles nunca foram. Jesus nunca foi. Como, portanto, vou imitá-lo nesse sentido?

É desse tipo de definição e esclarecimento que sinto falta na literatura da espiritualidade, que constantemente se refere à imitação de Cristo sem maiores qualificações. Quando vemos Jesus somente como exemplo a ser seguido, podemos perdê-lo de vista como nosso Senhor e Salvador. Quando o Novo Testamento fala em imitarmos Cristo, é sempre em sua disposição de renunciar a si mesmo para fazer a vontade de Deus, sofrendo mansamente as contradições (Fp 2:5; 1Pe 2:21).

Faltam ainda outras definições em pontos cruciais. Por exemplo, o que realmente significa "ouvir a voz de Deus", algo que aparece constantemente no discurso dos defensores da espiritualidade? Quando fico em silêncio, meditando nas Escrituras, aberto para Deus, o que de fato estou esperando? Ouvir a voz de Deus com esses ouvidos que um dia a terra há de comer? Ouvir uma voz interior, como os quakers? Sentir uma presença espiritual poderosa, definida, que afeta inclusive meu corpo, com tremores e arrepios? Ver uma luz interior ou até mesmo ter uma visão do Cristo glorificado e manter diálogos com ele, como Teresa de Ávila, Inácio de Loyola, a freira Hildegarde de Bingen e, mais recentemente, Benny Hinn? Ou talvez essa indefinição do que seja "ouvir a voz de Deus" seja intencional, visto que a indefinição abriga todas as coisas mencionadas acima e outras mais, unindo por essas experiências vagas pessoas das mais diferentes persuasões doutrinárias e teológicas, como católicos e evangélicos, conservadores e liberais?

Por fim, entendo que biblicamente os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo comunica a sua Igreja os benefícios de sua mediação, de seu sacrifício e de sua ressurreição,

Pastor Digital

são a Palavra, os sacramentos e a oração. Outros meios, como silêncio, meditação, contemplação, isolamento, mortificação asceta do corpo, não são reconhecidos como meios da graça, embora possam ter algum valor temporal acessório às ordenanças de Cristo. Como ensinou Paulo, seguir uma lista daquilo que podemos ou não podemos manusear, tocar e provar tem "aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não tem valor algum contra a sensualidade" (Cl 2:20-23).

Por todos esses motivos acima, nunca realmente me senti interessado na espiritualidade proposta por esse movimento. Parece-me uma tentativa de elevação espiritual sem a teologia bíblica, uma tentativa de buscar Deus por parte de quem já desistiu da doutrina cristã, das verdades formuladas nas Escrituras de maneira proposicional. Prefiro a espiritualidade evangélica tradicional, centrada na justificação pela fé, que enfatiza a graça de Deus recebida mediante a Palavra, os sacramentos e a oração, e que vê a santidade como um processo inacabado neste mundo, embora tendo como alvo a perfeição final.

Franklin Ferreira, conversando comigo sobre esse assunto, escreveu o que se segue, que reproduzo literalmente por retratar de forma sintética e profunda o que considero o principal problema com a espiritualidade defendida pelo movimento que leva esse nome:

> Acho que você conhece a distinção que Lutero fez entre a "teologia da glória" e a "teologia da cruz". Muito do movimento de espiritualidade contemporâneo cai, justamente, no que Lutero chamou de "teologia da glória", a tentativa de

Pastor Digital

chegar a Deus de forma imediata, ou por meio de legalismo (mortificação, flagelação da carne etc.), especulação teológica (como no liberalismo de Tillich ou, no misticismo, as escadas da ascensão da alma para o céu, com a necessária purgação, mortificação e iluminação). Note que nessas três escadas, o que se fala é da união da alma de forma imediata com Deus, sem a mediação de Cristo crucificado. Para Lutero, o fiel só encontra Deus não nas manifestações de poder que supostamente cercam as três escadas, mas em fraqueza, na cruz, pois por meio dela somos justificados.

Enfim, Deus me guarde de ir contra a busca de uma vida cristã superior, de desenvolver a vida interior. Que ele igualmente me guarde de qualquer tentativa de alcançar isso que não esteja solidamente embasada em sua Palavra.

Pastor Digital

capítulo vinte e seis

Jesus não era cristão

Muita gente pensa que sim. Especialmente alguns defensores do atual movimento de espiritualidade, que acabam resumindo o cristianismo a uma pretensa imitação da religiosidade de Jesus. Todavia, a religião de Jesus não era o cristianismo. Explico: Jesus não tinha pecado, nunca confessou pecados, nunca pediu perdão a Deus (ou a ninguém), não foi justificado pela fé, não nasceu de novo, não precisava de um mediador para chegar ao Pai, não tinha consciência nem convicção de pecado e nunca se arrependeu. A religião de Jesus era aquela do Éden, antes do pecado entrar. Era a religião da humanidade perfeita, inocente, pura, imaculada, da perfeita obediência (cf. Lc 23:41; Jo 8:46; At 3:14; 13:28; 2Co 5:21; Hb 4:15; 7:26; 1Pe 2:22).

Já o cristão... Bem, o cristão é um pecador que foi perdoado, justificado, que nasceu de novo e ainda experimenta a presença e a influência de sua natureza pecaminosa. Ele só pode chegar a Deus através de um mediador. Ele tem consciência de pecado, lamenta e se quebranta, arrepende-se e roga o perdão

Pastor Digital

de Deus. Isso é cristianismo, a religião da graça, a única religião realmente apropriada e eficaz para os filhos de Adão e Eva.

Assim, se devemos obedecer aos mandamentos de Jesus e seguir seu exemplo, há um sentido em que nossa religião é diferente da dele.

Quando alguém não entende isso, pode cometer vários enganos. Por exemplo, pode pensar que as pessoas são cristãs simplesmente porque são boas, abnegadas, honestas, sinceras e cumpridoras do dever, como Jesus foi. Sem dúvida, Jesus foi e nos ensinou a ser assim, mas não é isso que nos torna cristãos. As pessoas podem ser tudo isso sem ter consciência de pecado, arrependimento e fé no sacrifício completo e suficiente de Cristo na cruz do Calvário e em sua ressurreição — que é a condição imposta no Novo Testamento para que sejamos de fato cristãos.

Esse foi, em certo sentido, o erro dos liberais. Ao removerem o sobrenatural da Bíblia, reduziram o Jesus da história a um mestre judeu, ou a um reformador do judaísmo, ou a um profeta itinerante, ou a um exorcista ambulante, ou ainda a um contador de parábolas e ditos obscuros que nunca realmente morreu pelos pecados de ninguém (os liberais ainda não chegaram a uma conclusão sobre quem de fato foi o Jesus da história, mas continuam pesquisando). Para os liberais, todas essas doutrinas sobre o sacrifício de Cristo, sua morte e ressurreição, o novo nascimento, justificação pela fé, adoção, fé e arrependimento foram uma invenção do cristianismo gentílico. Eles culpam especialmente Paulo por ter inventado coisas que Jesus jamais teria dito ou ensinado, especialmente a doutrina da justificação pela fé.

Como resultado, os liberais conceberam o cristianismo como uma religião de regras morais, sendo a mais importante aquela

Pastor Digital

do amor ao próximo. Ser cristão, na concepção dos liberais, era imitar Cristo, era amar o próximo e fazer o bem. E, sendo assim, perceberam que não há diferença essencial entre o cristianismo e as demais religiões, já que todas ensinam que devemos amar o próximo e fazer o bem. Falaram do Cristo oculto em todas as religiões e dos cristãos anônimos, aqueles que são cristãos por imitarem Cristo sem nunca terem ouvido falar dele.

Se ser cristão é imitar Cristo, vamos terminar logicamente no ecumenismo com todas as religiões. Vamos ter de aceitar que Gandhi era cristão na essência, já que lutou em toda a sua vida em prol dos interesses de seu povo. A mesma coisa, o dalai-lama.

Não existe dúvida que imitar Jesus faz parte da vida cristã. Há diversas passagens bíblicas que nos exortam a fazer isso. No NT encontramos várias vezes o Senhor como exemplo a ser imitado. Porém, é bom prestar atenção naquilo em que Jesus deve ser imitado: em procurarmos agradar aos outros, e não a nós mesmos (1Co 10:33—11:1), na perseverança em meio ao sofrimento (1Ts 1:6), no acolher-nos uns aos outros (Rm 15:7), no andarmos em amor (Ef 5:23), no esvaziarmos a nós mesmos, no submetermos à vontade de Deus (Fp 2:5) e no sofrermos injustamente sem queixas e murmurações (1Pe 2:21). Outras passagens poderiam ser citadas. Todas elas colocam o Senhor como modelo no seu agir, no seu pensar, para quem já é cristão.

Não me entendam mal. O que eu estou tentando dizer é que para que alguém seja cristão é necessário que ele se arrependa genuinamente de seus pecados e receba Jesus Cristo pela fé, como seu único Senhor e Salvador. Como resultado, essa pessoa passará a imitar Cristo no amor, na renúncia, na humildade, na perseverança, no sofrimento. A imitação vem depois, não antes. A porta de entrada do reino não é ser como Cristo, mas converter-se a ele.

Pastor Digital

Nem o culto escapou

SÉTIMA PARTE

Pastor Digital
Ciferado Cristo

capítulo vinte e sete

Carta ao reverendo Van Diesel

Mais uma carta fictícia. Não existe o reverendo Van Diesel, pelo menos não com este nome...

Prezado reverendo Van Diesel,

Obrigado por ter respondido a minha carta. Você foi muito gentil em responder a minhas perguntas e explicar os motivos pelos quais costuma ungir com óleo os frequentadores de sua igreja durante os cultos, além de ungir os objetos usados por eles.

Eu não queria incomodá-lo com isso, mas o Severino, membro da minha igreja que participou dos seus cultos por três domingos seguidos, voltou meio perturbado com o que viu e me pediu respostas. Foi por isso que lhe mandei a primeira carta. Agradeço a delicadeza em ter respondido e dado as explicações para sua prática.

Sem querer abusar de sua gentileza e paciência, mas contando com o fato de que somos pastores da mesma denominação,

Pastor Digital

permita-me comentar os argumentos que você citou como justificativa para a unção com óleo nos cultos.

Você escreveu: "A unção com óleo era uma prática ordenada por Deus no Antigo Testamento para a consagração de sacerdotes e dos reis, como foi o caso com Arão e seus filhos (Êx 28:41) e Davi (1Sm 16:13). Portanto, isso dá base para se ungir pessoas no culto para consagrá-las a Deus". Meu caro Van Diesel, nós aprendemos melhor do que isso no seminário. Você sabe muito bem que os rituais do Antigo Testamento eram simbólicos e arquetípicos, mas foram abolidos em Cristo. Além do mais, o método usado para consagrar pessoas a Deus no Novo Testamento, para a realização de uma tarefa, é a imposição de mãos. Os apóstolos não ungiram os diáconos quando estes foram nomeados e instalados, mas lhes impuseram as mãos (At 6:6). Pastores também eram consagrados pela imposição de mãos, e não pela unção com óleo (1Tm 4:14). Não há um único exemplo de pessoas sendo consagradas ou ordenadas para os ofícios da igreja cristã mediante unção com óleo. A imposição de mãos para os ofícios cristãos substituiu a unção com óleo para consagrar sacerdotes e reis.

Você disse que "Deus mandou Moisés ungir com óleo santo os objetos do templo, como a arca e demais utensílios (Êx 40:10). Da mesma forma, hoje, podemos ungir as coisas do templo cristão, como púlpito, instrumentos musicais e aparelhos de som para dedicá-los ao serviço de Deus. Eu e o reverendo Mazola, meu copastor, fazemos isso todos os domingos antes do culto". Acho que aqui é a mesma coisa que eu disse no parágrafo anterior. A unção com óleo sagrado dos utensílios do templo fazia parte das leis cerimoniais próprias do Antigo Testamento. De acordo com a carta aos Hebreus, esses utensílios, bem como o santuário onde eles estavam,

Pastor Digital Edjonas Melo

"não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma" (Hb 9:10). Além disso, o templo de Salomão já passou como tipo e figura da Igreja e dos crentes, onde agora habita o Espírito de Deus (1Co 3:16; 6:19). Não há um único exemplo, uma ordem ou orientação no Novo Testamento para que se pratique a unção de objetos para abençoá-los. Na verdade, isso é misticismo pagão, puro fetichismo, pensar que objetos absorvem bênção ou maldição.

Você também argumentou que "Jesus ordenou que os apóstolos ungissem os doentes quando os mandou pregar o evangelho. Eles ungiram os doentes, e estes ficaram curados (Mc 6:13)". Nisso você está correto, mas note o seguinte: 1) foi aos Doze que Jesus deu essa ordem; 2) eles ungiram somente os doentes; 3) quando ungiam, os enfermos eram curados. Se você, Van Diesel, e seu auxiliar Mazola, curam todos os doentes que ungem nos cultos, calo-me para sempre. Mas o que ocorre? Vocês ungem todo mundo que aparece na igreja — crianças, jovens, adultos e velhos... Você fica de um lado, e o Mazola, do outro, e as pessoas passam no meio e são untadas com óleo na testa, gente sadia e robusta. Se há enfermos no meio, eles não parecem ficar curados. Pelo menos, o membro da minha igreja que esteve aí por três domingos seguidos não viu nenhum caso de cura. Ele me disse que você e o Mazola ungem o povo para prosperidade, bênção, proteção, libertação etc. É bem diferente do que os apóstolos fizeram, não é mesmo?

Quando questionei a unção das partes íntimas que você faz numa reunião especial durante a semana, você replicou que "a unção com óleo sagrado e abençoado é um meio de bênção para as pessoas com problemas de esterilidade e, se

Pastor Digital

aplicada nas partes íntimas, torna as pessoas férteis. Já vi vários casos desses aqui na minha igreja". Sinceramente, Van Diesel, me dê ao menos uma prova pequena de que essa prática tem algum fundamento bíblico! Lamento dizer, mas dá a impressão de que você perdeu o bom senso! Eu me pergunto por que seu presbitério ainda não tomou providências quanto a essas suas práticas. Deve ser porque o presidente, reverendo Peroba, seu amigo, faz as mesmas coisas.

Seu último argumento foi que "Tiago mandou que os doentes fossem ungidos com óleo em nome de Jesus (Tg 5:14)". Pois é, eu não teria problemas se os pastores fizessem exatamente o que Tiago está dizendo. Note nessa passagem os seguintes pontos:

• A iniciativa é do doente: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor".

• Ele chama "os presbíteros da igreja", e não somente o pastor.

• O evento se dá na casa do doente, e não na igreja.

• E o foco da passagem de Tiago é a oração da fé. É ela que levanta o doente, "E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados" (Tg 5:15).

Ou seja, não há como usar essa passagem para justificar o "culto da unção com óleo santo" que você faz todas as quintas-feiras, quando unge quem aparece. Não há confissão de pecados, não há quebrantamento, nada do que Tiago associa a essa cerimônia na casa do doente.

Pastor Digital

Quer saber, Van Diesel, eu até que não teria muitos problemas se os presbíteros fossem até a casa de um crente doente, que os convidou, e lá orassem por ele, ungindo-o com óleo, como figura da ação do Espírito Santo. Se tudo isso fosse feito também com um exame espiritual da vida do doente (pois, às vezes, Deus usa a doença para nos disciplinar), ficaria de bom tamanho. E, se houvesse confissão, quebrantamento, mudança de vida, eu diria amém!

Mas até sobre essa unção familiar eu tenho dúvida, diante do uso errado que tem sido feito da unção com óleo hoje. De um lado, há a extrema-unção da Igreja Católica, tida como sacramento e meio de absolvição para os que estão gravemente enfermos e se preparam para a morte. Por outro, há os abusos feitos por pastores evangélicos, como você. O crente doente que convida os presbíteros para orarem em sua casa e ungi-lo com óleo o faz por qual motivo?

Ungir com óleo era comum na cultura judaica e oriental antiga. Mas entre nós...? Será que esse crente pensa que a unção com óleo tem poderes miraculosos? Será que ele pensa que a oração dos presbíteros tem um poder especial para curar? Se ele passa a semana toda assistindo aos programas das seitas neopentecostais certamente terá ideias erradas sobre a unção com óleo. Numa situação dessas de grande confusão, e diante do fato de que a unção com óleo para enfermos é secundária diante da oração e confissão de pecados, eu recomendaria grande prudência e discernimento.

Mas encerro por aqui. Mais uma vez, obrigado por ter respondido a minha primeira carta e peço sua paciência para comigo, na hora de ler meus contra-argumentos.

Um grande abraço,

Augustus

Pastor Digital

capítulo vinte e oito

Davi dançou, eu também quero dançar!

Este é um dos argumentos que mais escuto da parte daqueles que defendem a "dança litúrgica" durante os cultos públicos nas igrejas evangélicas. Se o rei Davi dançou diante da arca de Deus, quando estava sendo trazida de volta para Jerusalém, por que nós não podemos, da mesma forma, expressar nossa alegria diante de Deus em nossos cultos com danças de caráter religioso? Afinal, a Bíblia menciona não só Davi, mas Miriã e outras pessoas que dançaram de alegria na presença do Senhor (Êx 15:20; 1Sm 18:6).

Não consigo convencer-me com esse argumento. Eu sei que existem outros, mas esse, em particular, não me convence. Não é que eu seja contra a dança em si. Sinceramente, não vejo como considerar a dança como um ato pecaminoso, como parece que alguns segmentos evangélicos fazem. Se Davi dançou, e como ele outros personagens da Bíblia, isso não prova necessariamente que devemos dançar em nossos cultos, mas no mínimo é uma evidência de que a dança em si

Pastor Digital

não é pecaminosa, errada ou imprópria para o cristão. A não ser, é claro, aquelas danças sensuais, provocativas, eróticas ou, no mínimo, sugestivas, que despertam paixões e lascívia. Nesse caso, me junto aos pais da Igreja, como Basílio, João Crisóstomo, Agostinho, Tertuliano, entre outros, que condenaram veementemente esse tipo de dança por parte dos cristãos.

Mas nem toda dança é sensual. Quando eu estava estudando para meu doutorado nos Estados Unidos, frequentava com minha família uma igreja evangélica muito firme biblicamente. Uma vez por mês os casais da igreja se encontravam no salão social, num sábado à noite, onde, liderados pelo pastor e sua esposa, ouviam música *country*, *jazz*, clássica e eventualmente dançavam (cada um com o seu cônjuge, veja bem!). Minha esposa, Minka, e eu estivemos lá umas poucas vezes. Nós mesmos não chegamos a dançar, sou meio duro nas articulações e daria um espetáculo horroroso, matando a Minka de vergonha... Mas foi uma experiência muito interessante, que me marcou pela alegria, naturalidade e pureza do evento. E serviu para demonstrar o que eu já pensava, que dançar em si não é pecado.

Voltemos a Davi. Por que, então, não consigo aceitar que o exemplo dele é definitivo como base para as danças litúrgicas, ministérios de coreografia, dança profética e grupos de danças durante os cultos?

Bem, primeiro porque não acredito que devamos fazer normas ou estabelecer princípios gerais para a vida da igreja simplesmente com base em atos, ações, eventos, incidentes envolvendo os heróis da Bíblia. Nem tudo o que aconteceu na vida deles pode virar paradigma para os cristãos. A não ser aquelas coisas que a Bíblia determina. Jesus, por exemplo,

Pastor Digital

recomendou que imitássemos Davi em sua atitude para com a lei cerimonial, de colocar as necessidades básicas acima dessa lei (Mt 12:3). Davi é citado como homem segundo o coração de Deus (At 13:22), que o serviu em sua própria geração (At 13:36), no que deveria ser imitado. Sua fé o coloca na galeria dos heróis da fé em Hebreus 11:32 e serve de exemplo para nós. Ainda poderíamos mencionar seu arrependimento e contrição após ter pecado contra Deus (Sl 32; 51). Tais coisas são norma e regra geral para todos os cristãos. Isso não significa, todavia, que cada atitude de Davi sirva de modelo para nós.

Uma segunda dificuldade que tenho é com esse tipo de interpretação, muito popular hoje entre os evangélicos, que simplesmente transpõe para nossos dias os eventos históricos narrados na Bíblia, sem levar em consideração o contexto cultural, histórico, teológico e literário deles, usando-os como base para construir ritos, práticas e regras a serem seguidos nas igrejas cristãs. Moisés bateu com a vara na rocha — lá vem a reencenação do episódio nas igrejas como símbolo da vitória. Ouvi falar que a derrubada da muralha de Jericó foi recentemente reencenada numa igreja (usando uma muralha de isopor e gelo seco) como base para se clamar a vitória para o ano novo. E por aí vai. A lista é enorme. No caso de Davi, não poderíamos esquecer que na cultura do Antigo Oriente as danças eram usadas como manifestação popular pelas vitórias militares obtidas e eram geralmente lideradas pelas mulheres. Foi o caso da dança de Miriã (Êx 15:20), a filha de Jefté (Jz 11:34), as mulheres de Judá (1Sm 18:6) e a própria dança de Davi (2Sm 6:20). Ao que parece, o povo saía em passeata dançando em roda (sobre dança de roda, v. Jz 21:21,23). Até

Pastor Digital

onde sei, no Brasil não se costuma celebrar as vitórias com danças de roda. As danças têm outra conotação e servem a outros propósitos, nem sempre moralmente neutros.

Tudo bem, vá lá. Vamos supor, por um momento, que a dança de Davi sirva de base para nós, cristãos. A que o evento lúdico do rei de Israel poderia nos autorizar? Com certeza, não autoriza que dancemos nos cultos públicos de nossas igrejas, pois a dança de Davi foi numa passeata religiosa, nas ruas de Jerusalém, algo espontâneo e do momento. Ele não marcou um horário no templo de Jerusalém, que era o local determinado por Deus para os cultos a ele, para dançar de alegria perante o Senhor. Segundo me consta, nos cultos determinados por Deus no Antigo Testamento não havia dança alguma. Deus não determinou a dança como elemento de culto. Não há nenhum registro de que as danças fizessem parte do culto que lhe era oferecido no templo. E acho que os apóstolos e primeiros cristãos entenderam dessa forma, pois não há danças nos cultos do Novo Testamento.

Se formos usar o exemplo de Davi como base, chegaremos à conclusão de que a dança dele também não autoriza a criação de grupos de dança litúrgica nas igrejas, que se apresentam regularmente nos cultos. Não justifica nem a criação dos ministérios de dança nem a "descoberta do dom espiritual da dança litúrgica e profética". A dança de Davi foi um evento isolado e individual, não foi feita por um grupo que treinava e ensaiava para se apresentar regularmente nos cultos do templo. Aliás, não encontro no Antigo Testamento nenhuma indicação de que havia em Jerusalém um grupo de levitas que se dedicava ao ministério da dança litúrgica e que se apresentava regularmente durante os cultos no templo de Deus. E deve ser

Pastor Digital

por isso que também não encontramos esses grupos no Novo Testamento. Acho que o rei de Israel cairia de costas se visse tudo o que se inventou hoje no culto a Deus com base naquele dia em que ele saltou de alegria diante da arca do Senhor.

Por último, acho que esse tipo de argumento, "Davi dançou, eu também quero dançar", deixa de lado alguns princípios importantes sobre o culto que devemos prestar a Deus. Primeiro, embora toda a nossa vida seja um culto a Deus (1Co 10:31), ele mesmo determinou que seu povo se reunisse regularmente para cultuá-lo, cantar louvores a seu nome, buscá-lo publicamente em oração e ouvir sua Palavra (Hb 10:25; Mt 18:20; At 2:42, 20:7; 1Co 11:17-18, 11:20, 14:2). Uma coisa não exclui a outra, mas não devem ser confundidas. Nem tudo que cabe na minha vida diária como culto a Deus caberia no culto público e solene. Por exemplo, posso plantar bananeira para a glória de Deus, mas não vejo como justificar isso no culto público regular das igrejas. Cabia perfeitamente a Davi dançar de alegria naquele dia, na procissão de vitória, nas ruas de Jerusalém. Todavia, não o vemos fazendo isso no templo de Jerusalém, durante os cultos estabelecidos por Deus.

Segundo, não podemos inventar maneiras de cultuar Deus além daquelas que ele nos revelou em sua Palavra. Os elementos que compõem o culto a Deus, até onde eu entendo a Bíblia, são a oração, o cantar louvores, a ação de graças, a leitura e pregação da Palavra, as contribuições voluntárias de seu povo, o batismo e a ceia (quando houver). É claro que a Bíblia não estabelece ritmos musicais, não nos dá orações fixas, nem mesmo uma ordem litúrgica a ser seguida. Mas ela nos dá os princípios e os elementos do culto que Deus aceita. A questão, portanto, não é se Davi e outros heróis da fé

Pastor Digital

dançaram, mas, sim, se as danças litúrgicas fazem parte daquele culto que Deus determinou em sua Palavra. E, mesmo que eu não tenha nada contra o dançar em si, não vejo como as danças possam ser enquadradas como elementos de culto.

Enfim, ao ler a história da dança de Davi, o que aprendo é o amor que ele tinha ao Senhor e a alegria que o dominava pelas coisas de Deus. Aprendo que devo amar o Senhor e alegrar-me com as coisas dele à semelhança de Davi. Todavia, não creio que a maneira com que Davi expressou esses sentimentos seja elemento de culto para os cristãos. O texto está muito longe de requerer isso. Sei que vou escandalizar muita gente ao dizer que eu não veria problemas com grupos de coreografia para evangelizar ou mesmo para participar em reuniões sociais dos jovens e adolescentes de nossas igrejas (note bem que não estou defendendo boate evangélica!). Porém, o culto público a Deus, quer nos templos, quer em qualquer outro lugar, é regido pela regra: "só devemos adorar publicamente a Deus com aqueles elementos de culto que encontramos na Bíblia".

Termino lembrando que neste capítulo estou interessado apenas no uso do episódio da dança de Davi como base para as danças litúrgicas. Há vários outros argumentos usados para defender essa prática, cada vez mais comum nas igrejas evangélicas. Trato de alguns deles nos próximos capítulos.

Pastor Digital

capítulo vinte e nove

A liberdade do Espírito e as danças

Não somente danças, mas coisas bem estranhas têm sido justificadas no culto (como cair no Espírito, trenzinho de Jesus, tremedeiras, salto mortal), usando para isso as palavras de Paulo em 2Coríntios 3:17:

> Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

O argumento vai mais ou menos assim: quando o Espírito de Deus está agindo num culto, ele impulsiona os adoradores a fazer coisas que aos homens podem parecer estranhas, mas que são "coisas do Espírito". Se há um mover do Espírito no culto, as pessoas têm liberdade para fazer o que sentirem vontade, já que estão sendo movidas por ele — não importa quão estranhas ou diferentes essas coisas possam parecer, elas não devem ser questionadas. Não há regras, não há limites, somente liberdade quando o Espírito se move no culto.

Pastor Digital

Assim, um culto em que as coisas ocorrem normalmente — ou seja, as pessoas não saltam, não pulam, não dançam, não tremem, nem caem no chão — é um culto frio, amarrado, sem vida. O argumento prossegue mais ou menos assim: o Espírito é soberano e livre, ele se move como o vento, de forma misteriosa. Não devemos questionar o mover do Espírito quando ele nos impele a dançar, pular, saltar, cair, tremer, durante o culto. Tudo é válido se o Espírito está presente.

Bem, há alguns pontos nesses argumentos com os quais concordo. De fato, o Espírito de Deus é soberano. Ele não costuma pedir nossa permissão para fazer as coisas que deseja fazer. Também é fato que ele está presente quando o povo de Deus se reúne para servir a Deus em verdade. Concordo também que no passado, quando o Espírito de Deus agiu em determinadas situações, a princípio tudo parecia estranho. Por exemplo, quando ele guiou Pedro para ir à casa do pagão Cornélio (At 10—11). Pedro deve ter estranhado bastante aquela visão do lençol, mas acabou obedecendo. Ao final, percebeu-se que seu estranhamento decorria do fato de que o apóstolo não havia entendido as Escrituras, que diziam que os gentios seriam aceitos na Igreja.

Mas, por outro lado, esse raciocínio tem vários pontos fracos, vulneráveis e indefensáveis. A começar pelo fato de que essa passagem, "onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2Co 3:17), não tem absolutamente nada a ver com o culto. Paulo disse essas palavras se referindo à leitura do Antigo Testamento. Os judeus não conseguiam enxergar Cristo no Antigo Testamento quando o liam aos sábados nas sinagogas, pois o véu de Moisés estava sobre o coração e a mente deles (cf. v. 14-15). Estavam cegos. Quando, porém, um deles se

Pastor Digital

convertia ao Senhor Jesus, o véu era retirado. Ele agora podia ler o Antigo Testamento sem o véu, em plena liberdade, livre dos impedimentos legalistas. Seu coração e sua mente agora estavam livres para ver Cristo onde antes nada percebiam. É dessa liberdade que Paulo está falando. É o Senhor, que é o Espírito, que abre os olhos da mente e do coração para que possamos entender as Escrituras.

Outro ponto fraco do argumento é pensar que liberdade do Espírito é ausência de normas, regras e princípios. Para alguns, quanto mais estranho, diferente e inusitado, mais espiritual! Mas não creio que seja isso que a Bíblia ensina. Ela nos diz que o fruto do Espírito é domínio próprio (Gl 5:22-23) e que ele nos dá bom senso, equilíbrio e sabedoria (Is 11:2), pois é o Espírito de moderação (2Tm 1:7).

Além do uso errado da passagem, o argumento também parte do pressuposto de que o Espírito de Deus age de maneira independente da Palavra que ele mesmo inspirou e trouxe à existência, que é a Bíblia. O que eu quero dizer é que o Espírito não contradiz o que ele já nos revelou em sua Palavra. Nela encontramos os elementos e as diretrizes do culto que agrada a Deus. Liberdade no Espírito não significa liberdade para inventarmos maneiras novas de cultuá-lo. Sem dúvida, temos espaço para contextualizar as circunstâncias do culto, mas não para inventar elementos. Seria uma contradição do Espírito Santo.

Um culto espiritual é aquele no qual a Palavra é pregada com fidelidade, em que os cânticos refletem as verdades da Bíblia e são entoados de coração, as orações são feitas em nome de Jesus por aquelas coisas lícitas que as Escrituras nos ensinam a pedir, e no qual a ceia e o batismo são celebrados de maneira digna. Um culto espiritual combina fervor com

Pastor Digital Elifonso Vilela

entendimento, alegria com solenidade, sentimento com racionalidade. Não vejo nenhuma conexão na Bíblia entre o mover do Espírito e piruetas, coreografia, danças, quedas e urros. A verdadeira liberdade do Espírito é aquela liberdade da escravidão da lei, do pecado, da condenação e da culpa. Quem quiser pular de alegria por isso, pule. Mas não me chame de frio, formal, engessado pelo fato de que manifesto a minha alegria simplesmente fechando meus olhos e agradecendo silenciosamente a Deus por ter tido misericórdia deste pecador.

Pastor Digital

capítulo trinta

Salmo 150 — Dançando no santuário?

Um dos textos do Antigo Testamento mais usados para defender as danças litúrgicas é o salmo 150. Ele é lido como prova incontestável de que havia danças como parte da liturgia dos cultos no Antigo Testamento realizados no templo de Deus em Jerusalém. Como consequência, acredita-se que dançar, ter grupos de coreografia e ministério de dança profética durante os cultos das igrejas evangélicas de hoje não somente é permitido, como também ordenado por Deus.

Eis o salmo 150 de acordo com a versão Almeida Atualizada, provavelmente a mais popular no Brasil:

> Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento, obra do seu poder. Louvai-o pelos seus poderosos feitos; louvai-o consoante a sua muita grandeza. Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com saltério e com harpa. Louvai-o com adufes e danças; louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas. Louvai-o com címbalos sonoros;

Pastor Digital

louvai-o com címbalos retumbantes. Todo ser que respira louve ao SENHOR. Aleluia!

A argumentação é a seguinte. O versículo 1 nos convoca a louvar a Deus no seu "santuário", isto é, no templo terreno, o local oficial da adoração a Deus, onde se realizava o culto por ele determinado. Em seguida, vem uma descrição desse culto, e, em meio à relação dos instrumentos utilizados, se menciona no versículo 4 as "danças". A conclusão aparente é que as danças faziam parte do culto oferecido a Deus no seu templo em Jerusalém. Pronto, temos aqui a base para as danças litúrgicas no culto hoje.

Mas será que é isso mesmo que o salmo está dizendo? Será que podemos inferir do salmo que as danças faziam parte da liturgia do templo? E mais ainda, se de fato é isso mesmo que o salmo está mostrando, teríamos aqui uma base para as danças litúrgicas e grupos de coreografia em nossos cultos?

Já disse no texto anterior, "Davi dançou, eu também quero dançar", que não considero o dançar em si algo pecaminoso e que não tenho problemas com danças nas comunidades cristãs como expressão cultural e social em ambientes outros que não o culto público a Deus. O que pretendo aqui neste capítulo é mostrar que o salmo 150 não pode ser tomado como base incontestável para a prática das danças litúrgicas e coreográficas nos cultos cristãos.

Vou começar admitindo, por um momento, que o salmo 150 está falando do templo em Jerusalém e de danças durante o culto. A pergunta, que deveria ter sido feita desde o início, é se o culto cristão toma sua inspiração, gênese e formato do culto do Antigo Testamento. Para mim, a resposta é negativa, embora com qualificações.

Pastor Digital

O culto do templo é geralmente visto no Novo Testamento como parte da lei cerimonial, cumprida em Cristo e, portanto, abolida. A carta aos Hebreus trata disso. Um dos melhores professores de Antigo Testamento que conheço, Mauro Meister, me escreveu recentemente falando acerca deste assunto: "O que acontecia no templo não passa nem perto do que acontece nos melhores dos nossos cultos hoje, pois o serviço no templo encenava a expiação". Os sacrifícios de animais, as cerimônias de purificação, a ordem dos levitas e dos sacerdotes, os rituais de oferecimento das ofertas, a queima de incenso, a oferta diária dos pães, tudo isso é considerado como parte da antiga dispensação, que era simbólica, arquetípica, e que foi plenamente cumprida em Cristo: não temos mais sacrifícios; o Senhor Jesus ofereceu de uma vez um sacrifício completo, que não precisa ser renovado e repetido; não temos mais sacerdotes e levitas. Os cristãos, todos eles, são sacerdotes e levitas. A queima de incenso é substituída pelo louvor que procede dos nossos lábios. O templo, que era santo e sagrado, agora é a Igreja de Cristo, a comunidade dos eleitos de Deus, que se reúne e o adora em qualquer lugar.

Ao que tudo indica, os cristãos deram continuidade ao culto do Antigo Testamento apenas no que se refere aos princípios espirituais: a ideia de encontro com Deus, de adoração, de louvor, de solenidade, de alegria, de serviço espiritual como povo do Senhor, mas foram buscar nas sinagogas judaicas o formato para esse culto mais simples e despojado. Nas sinagogas, instituição onde cresceram o Senhor Jesus e todos os apóstolos, havia leitura e pregação da Palavra, orações, cânticos e bênção.

Portanto, devemos ter cautela em transferir para o culto cristão aquilo que era feito no templo de Jerusalém — supondo

Pastor Digital

que de fato houvesse danças no culto ali. Por falta desse cuidado, a Igreja Católica tem um culto muito similar ao do Antigo Testamento, no qual há o sacrifício da missa, sacerdotes que são mediadores entre Deus e homens e que perfazem esse sacrifício, estolas sacerdotais e mitra, queima de incenso etc.

Bem, de volta ao salmo 150. Não é certo que esse texto esteja falando de danças no templo. Em primeiro lugar, a palavra "santuário" mencionada no versículo 1 nem sempre significa o local da adoração em Jerusalém, onde o culto determinado por Deus era realizado de acordo com todos os seus preceitos. A palavra *b'kadoshu* significa literalmente "em seu santo". Logo, sua tradução primeira seria "em seu santuário", e não "em seu templo". Precisamos, portanto, considerar a possibilidade de que o santuário de Deus aqui referido não é o local físico do templo, mas o local da sua santa habitação — ou seja, os céus.

Uma evidência a favor dessa tradução e interpretação é que no mesmo versículo somos chamados a adorar a Deus no "firmamento", que declara o seu poder. Se considerarmos que aqui no versículo 1 temos um caso de paralelismo, tão comum na poesia hebraica, conclui-se que nesse contexto santuário e firmamento são a mesma coisa:

> Louvai a Deus no seu santuário;
> louvai-o no firmamento, obra de seu poder.

Encontramos o mesmo paralelismo em Salmos 11:4:

> O SENHOR está no seu santo templo;
> Nos céus tem o SENHOR seu trono.

Pastor Digital

Fica evidente que o santo templo de que fala o salmista são os céus, onde Deus tem o seu trono. Outra passagem é Salmos 102:20:

> O SENHOR, do alto do seu santuário,
> desde os céus, baixou vistas à terra.

Mais uma vez, é evidente que o santuário referido é o céu, de onde Deus observa os homens. Levando em consideração o escopo do salmo 150, o paralelismo hebraico e esses outros salmos que identificam o santuário de Deus com os céus, é perfeitamente possível concluir que aqui "santuário" se refere à morada celestial de Deus, e não ao templo físico de Jerusalém. Logo, o apelo do versículo 1 pode ser entendido como sendo dirigido aos homens e anjos para que louvem a Deus, que habita em sua morada celestial.

Em segundo lugar, a palavra que a Almeida Atualizada traduziu por "danças" tem outros significados, alguns dos quais se encaixam muito melhor no contexto. A palavra *mahol* que aparece no versículo 4, e é traduzida por "danças" pela Almeida Atualizada, pode significar "flauta". A própria Almeida Atualizada traduziu *mahol* por "flauta" no salmo 149, "louvem-lhe o nome com flauta; cantem-lhe salmos com adufe e harpa". Admito que os contextos são diferentes, pois no salmo 150 *mahol* vem precedido dos adufes, tamborins, que marcam o ritmo. De qualquer forma, vê-se que a palavra pode ter sentido diferente de dançar.

Várias traduções de Salmos 150:4 traduziram *mahol* por "flauta", como a Almeida Corrigida, a Bíblia de Genebra 1599, a Reina-Valera 1909, entre outras. Douay-Rheims traduziu

Pastor Digital

por "coral". Calvino, em seu comentário de Salmos, preferiu traduzir por "flauta".

Temos de admitir que a maioria das traduções preferiu "danças". Em minha opinião, é perfeitamente possível. Todavia, se o salmista estiver se referindo a um instrumento musical, como "flauta", se encaixaria perfeitamente no contexto, pois os versículos 3-5 estão mencionando instrumentos musicais usados em Israel, como trombeta, saltério, harpa, adufes, instrumentos de cordas, flautas, címbalos sonoros e címbalos retumbantes. Esses versículos não estão dando uma descrição do que se fazia no culto a Deus executado no templo, mas apenas enumerando os instrumentos musicais de toda espécie, todos eles convocados para o louvor de Deus.

Se levarmos em consideração as variáveis acima, o salmo 150 pode ser simplesmente um chamado universal a anjos, homens e animais para que louvem a Deus, e que os homens o façam com toda sorte de instrumentos musicais. Não está se falando do culto no templo terreno nem de danças.

Alguém poderia legitimamente indagar: "Se Deus aceita as danças no seu alto e sublime lugar, no santuário celestial, será que ele se desagradaria das danças no local da adoração terrena?". A única resposta que eu tenho para isso é que a maneira que temos de saber o que agrada a Deus ou não em seu culto hoje é mediante o estudo do Novo Testamento. Então, o que Deus prescreve para o culto dos cristãos? Certamente, não encontraremos uma liturgia detalhada, uma sequência dos atos de culto, mas encontraremos os princípios espirituais que governam esse culto e os elementos que nele devem constar. E entre estes não acharemos as danças.

Mas não quero insistir demais nesse ponto. O que eu gostaria apenas de deixar claro neste capítulo é que o salmo 150

Pastor Digital Elizeu Vale

não pode ser usado como uma prova cabal e final de que as danças faziam parte do culto a Deus oferecido em seu templo em Jerusalém, e que em consequência disso não devemos ter danças nos cultos cristãos de hoje.

Não considero esse assunto tão central à fé a ponto de eu ter de me separar de quem pensa diferente. Se você quer dançar no culto, dance. Não vou considerá-lo um pagão por isso. Mas não venha me dizer que é bíblico e que aqueles que pensam diferente de você serão condenados como Mical, que criticou Davi quando dançava.

Pastor Digital

Notas

[1] São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

[2] Esse encadeamento hierárquico se refere à economia da Trindade e trata das diferentes funções assumidas pelas pessoas da Trindade na salvação do homem. Ontologicamente, Pai, Filho e Espírito Santo são iguais em honra, glória, poder, majestade, como afirmam nossas confissões reformadas.

[3] Ann MEIER. "Adolescent First Sex and Subsequent Mental Health". *American Journal of Sociology*, mai. de 2007.

[4] *Review and Herald*, 11 de dez. de 1879. Citado em <http://www.cacp.org.br/Natal_e_os_adventistas.htm>, acesso em mai. de 2011.

[5] <http://www.watchtower.org/t/rq/article_11.htm>, acesso em mai. de 2011.

[6] Confissão de Fé de Westminster, XXI, 5.

[7] Segunda Confissão Helvética, XXIV.

[8] Podemos mencionar entre eles: *A bacia das almas: confissões*

Pastor Digital

de um ex-dependente de igreja (2009), de Paulo Brabo; *A cabana* (2007), de William P. Young; *Divine Nobodies: Shedding Religions to Find God* (2006), de Jim Palmer; *How to Quit Church Without Quitting God* (2002), de Martin Zener; *Life After Church* (2007), de Brian Sanders; *Pagan Christianity?: Exploring the Roots of Our Church Practices* (2007), de Frank Viola; *Quitting Church: Why the Faithful Are Fleeing and What to do About It* (2008), de Julia Duin; *Revolution* (2005), de George Barna.

Pastor Digital

Bibliografia

FRAME, John. *Não há outro Deus: Uma resposta ao teísmo aberto*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism*. United Kingdom: SCM Press, 1977.

THISELTON, Anthony C. *The Two Horizons: NewTestament Hermeneutics and Philosophical Description*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

WRIGHT, N. T. *What St. Paul Really Said: Was Paul of Tarsus the Real Founder of Christianity?*. Grand Rapids: Eerdemans Publishing Company, 1997.

Pastor Digital

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *blog*: www.mundocristao.com.br/blog

Diagramação: Sonia Peticov
Preparação: Gabriela Costa
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Fonte: Chaparral Pro
Gráfica: Imprensa da Fé
Papel: Lux cream 70 g/m² (miolo)
Cartão 250 g/m² (capa)

Pastor Digital

Augustus Nicodemus é paraibano e pastor presbiteriano. É bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (Recife), mestre em Novo Testamento pela Universidade Reformada de Potchefstroom (África do Sul) e doutor em Interpretação Bíblica pelo Westminster Theological Seminary (EUA), com estudos no Seminário Reformado de Kampen (Holanda). Atualmente é chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro. É autor de diversos livros, entre eles *O que estão fazendo com a Igreja* (Mundo Cristão). É casado e tem quatro filhos.

Capa: Douglas Lucas

O evangelho sempre será loucura para o homem não regenerado. Todavia, Cristo e os apóstolos não queriam que os cristãos dessem ao mundo motivos para que nos chamassem de loucos a não ser pela pregação da cruz. Não é essa a realidade de parte considerável da Igreja evangélica brasileira.

Desvirtuam os ensinos de Jesus e promovem tanta insensatez, superstição, coisas ridículas, que damos aos inimigos de Cristo um chicote para nos baterem. Somos ridicularizados, não por pregar a Cristo crucificado, mas pelas sandices e bobagens feitas em nome de Jesus. Nenhum desses males, entretanto, alcança o dano provocado pelo câncer do ateísmo cristão. Que diferença há entre não acreditar em Deus e acreditar num que não intervém, não age na história humana, nem se relaciona com as pessoas?

No combate às heresias que se reproduzem na Igreja brasileira, Augustus Nicodemus escreveu *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja*. Temas controversos são discutidos à luz do evangelho. Um livro para ser lido e relido sempre que doutrinas prejudiciais à saúde da Igreja brasileira surgirem.



ISBN 978-85-7325-673-4
9 788573 256734
Igreja

MC
mundocristão